

Os Maiores Generais da História



*10 Commanders Who Conquered Empires,
Revolutionized Warfare, and Changed History Forever*

Michael Rank

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Os Maiores Generais da História

Michael Rank

Traduzido por Pedro Reis

“Os Maiores Generais da História”

Escrito por Michael Rank

Copyright © 2014 Michael Rank

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Pedro Reis

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Os Maiores Generais da História: 10 Comandantes que Conquistaram Impérios, Revolucionaram a Arte da Guerra e Mudaram o Curso da História para Sempre

por Michael Rank

Edição Digital
Copyright © 2013 Michael Rank
Todos os direitos reservados

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Índice](#)

[BÔNUS GRÁTIS – 'HISTORY OF ALEXANDER THE GREAT' E 'MYTHOLOGY STORIES'](#)

[CONJUNTO DE 2 LIVROS](#)

[Também por Michael Rank](#)

[Outros Trabalhos da Série de Livros Five Minutes](#)

Índice

[Bônus Grátis - "History of Alexander the Great" e "Mythology Stories" Conjunto com 2 livros](#)

[Porque Generais Bem-Sucedidos são Ovelhas Negras](#)

[1. Alexandre, o Grande\(356-321 a.C.\): Da Furiosa Juventude Macedônica a Conquistador do Mundo<segmento 0049>](#)

[2. Aníbal de Cartago:\(257-182a.C.\): O Pai da Estratégia e da Desgraça da República Romana](#)

[3. Júlio César \(100-44 B.C.\) : O Maior Estadista da História e Pai do Poder Imperial](#)

[4. Khalid ibn al-Walid \(592-642 A.D.\): 'A Espada de Deus' e Comandante-chefe do Califado Muçulmano](#)

[5. Gengis Khan \(1162-1227\): Inimigo dos Impérios—E do Carbono Atmosférico?](#)

[6. John Churchill, Duque de Marlborough \(1650-1722\): Um Verdadeiro Estrategista, Herói da Guerra da Sucessão Espanhola](#)

[7. Frederico II da Prússia \(1712-1786\): Santo Padroeiro da Genialidade Tática, Antecessor do](#)

[Império Germânico](#)

[8. Alexander Suvorov \(1729-1800\): O Sun Tzu russo; Conquistador dos Turcos, Franceses e Poloneses](#)

[9. Napoleão Bonaparte \(1769-1821\): Imperador da França, Soberano da Europa, Exilado de Elba](#)

[10. Robert E. Lee \(1807-1870\): Herói da Confederação e Grande Cavalheiro da América](#)

[Conclusão: Lições Sobre Estratégia de Batalha Deixadas Até o Século XXI](#)

[Fontes Recomendadas Para Maiores Estudos](#)

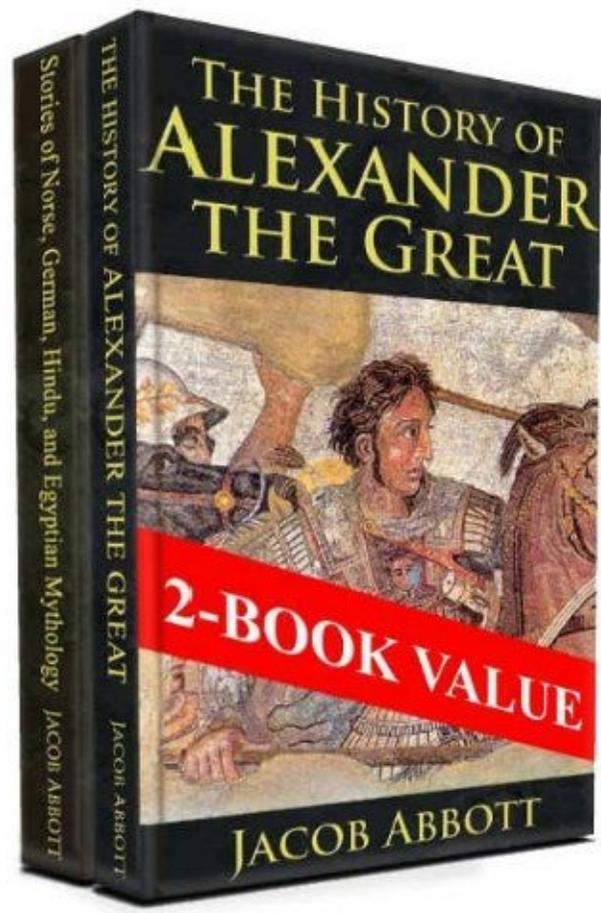
[Excerto de “The Crusades and the Soldiers of the Cross”](#)

[Outros Livros desta Série](#)

[Conecte-se com Michael](#)

[Sobre o Autor](#)

BÔNUS GRÁTIS – 'HISTORY OF ALEXANDER THE GREAT' E 'MYTHOLOGY STORIES' CONJUNTO DE 2 LIVROS



Se você quiser fazer o download dos ebooks "History of Alexander the Great" e "Mythology Stories: Tales from Norse, Old German, Hindu, and Egyptian Mythology" gratuitamente, você pode adquiri-los clicando neste link: <http://michaelrank.net/freebook>

Grato,
Michael

Introdução

Porque Generais Bem-Sucedidos são Ovelhas Negras

Se alguém quisesse dizer o melhor lugar para se encontrar um bom general, não se sairia tão bem se dissesse no topo da hierarquia militar.

É uma afirmação estranha a se fazer, uma vez que generais são, por definição, homens de carreira militar. Eles passam décadas impressionando seus superiores e sendo promovidos. Não existe nenhuma outra carreira óbvia a ser seguida para se tornar um comandante. Isso se manteve verdade ao longo da história e foi particularmente verídico no caso do general Gideon Pillow. Este, que foi descrito por Steward Sifakis como sendo "um dos homens mais repreensíveis que já vestiu as três estrelas e a coroa de general da Confederação", serviu como oficial por décadas no Exército apesar de arruinar quase toda tentativa na liderança militar. Foi indicado Brigadeiro General de Voluntários em 1846 durante a guerra entre mexicanos e norte-americanos por ser sócio do presidente James K. Polk. Pillow foi bem sucedido em pouca coisa a não ser alegar feitos alheios como sendo seus. Ele tomou crédito em vitórias americanas como nas Batalhas de Contreras e Churubusco escrevendo uma carta anônima ao New Orleans Delta e se auto-creditando pelo sucesso. Sua farsa foi descoberta e foi quase punido juridicamente pelos comandantes americanos Winfield Scott e Zachary Taylor. Polk interveio pela segunda vez para salvar seu amigo alegando ser responsável pela carta.

Depois de fracassar nos apelos feitos ao Senado americano e a vice-presidência, Pillow recebeu outra comissão oficial no início da Guerra Civil. O governador do Tennessee, Ishan Harris, o fez major-general no exército provisório do estado. Apesar de ter obtido sucesso em algumas batalhas como a de Fort Donelson, em fevereiro de 1862, ele recuou suas tropas desperdiçando então tudo aquilo que havia sido conquistado arduamente. Quando comandou a brigada no dia 2 de janeiro de 1863 na Batalha de Stones River, Pillow foi encontrado se escondendo atrás de uma árvore ao invés de liderar o batalhão. Depois dessa façanha, ele foi deixado de fora das batalhas. Depois de terminada a guerra, abriu um escritório junto com o antigo governante Harris.

A carreira militar de Pillow é vergonhosa, mas, tristemente, é uma história comum entre os generais ao longo das eras. Grandes generais tipicamente não planejam guerras no início das hostilidades. Eles geralmente são membros da burocracia e cujos amigos com altos cargos no governo lhe dão as ordens. Tal como apontou Victor Davis Hanson no seu livro "The Savior Generals," homens como Pillow assumem estes cargos em tempos de paz quando a promoção depende de seguir e mantêm as regras estabelecidas por esta mesma burocracia. Seguem regras previsíveis, "como manda o figurino", que se baseiam em ataques frontais e diretos. E por essa razão que, infelizmente, Pillow prosperou na sua profissão militar. Ele era amigo das pessoas certas e correto o suficiente para não constranger alguém importante. Pillow também era um comandante sistemático que não corria riscos e preferia ataques menos elaborados ao subterfúgio de um ataque pelo flanco do inimigo.

Pillow pode ter sido um mau general, mas lutou de um modo que foi considerado aceitável. A sociedade privilegia soluções diretas e conhecidas a métodos novos ou poucos familiares. Nos dias de hoje, isso é tão verdade quanto nos tempos da Guerra Civil ou da Segunda Guerra Mundial. Imagens das forças aliadas invadindo praias da Normandia e investindo diretamente contra atiradores alemães são vistas com enorme admiração e respeito. O comandante que guia seus soldados com coragem e sangue frio é admirado e eternizado no que se remete a estratégia militar. O historiador Bevin Alexander diz que é por essa razão que o exército pode ser equiparado ao futebol americano. Este esporte consiste no confronto direto entre o ataque e a defesa, e ambos se chocam constantemente durante todas as jardas.

Tais comandantes são respeitados e seguem metodicamente os sistemas, mas falham terrivelmente quando se deparam com um inimigo imprevisível. Contrastando com esse fato, os grandes generais da história dependem do elemento surpresa. Alexander observa que praticamente todas as manobras militares na história foram feitas contra o flanco dos inimigos, seja o real ou o psicológico. Tais ataques destroem os suprimentos, os reforços e a comunicação dos inimigos. Generais mais fracos são psicologicamente debilitados e rapidamente perdem a confiança. Um clássico exemplo do uso dessa estratégia é Cipião Africano, o general da Segunda Guerra Púnica que enfraqueceu o domínio de Cartago sobre a Espanha ao ignorar seus exércitos e atacar a base principal em Cartagena. Napoleão só foi vencido em 1814 quando os exércitos inimigos fugiram, não se importando de incumbir um ataque sequer, e capturaram Paris. Isto forçou seu povo a se render.

Um outro exemplo de general heterodoxo, porém bem sucedido é o bizantino Flávio Belisário. Ele conquistou a maior parte do Império Romano Ocidental no século VI a.C. O feito foi obtido pela liderança de um pequeno exército de 5000 soldados contra dez vezes mais godos usando táticas brilhantes e sutis. O cerco de Nápoles, que estava em vigor há meses, foi finalmente vencido em 537, quando soldados passaram pelos muros da cidade escondidos nos aquedutos. Desceram na cidade se utilizando dos galhos sobressalentes de uma oliveira, andaram sorrateiramente pela cidade em direção a uma das torres, mataram os soldados que estavam de vigília, lançaram uma escada de corda que permitiu que seus companheiros adentrassem. Houve um massacre da população civil. Quando as notícias da vitória se espalharam, outras cidades italianas abriram seus portões para que não sofressem do mesmo destino.

Belisário então chegou a Roma e preparou um longo cerco contra o massivo exército godo. Uma vez que suas tropas começaram a sofrer com a escassez de suprimentos, o general bolou um plano engenhoso. Ele sabia que corria risco de ser atacado, então mandou um subordinado seguir em direção norte até a Toscana com 2000 cavaleiros para atacar de surpresa algumas cidades inimigas. Lá, encontraram pouca resistência, uma vez que a maioria dos soldados adversários estava em Roma. Belisário mandou que continuasse em direção à Ravena, a capital goda. Seu comandante, Vittigis, ficou tão agitado frente ao ataque surpresa, que acabou por resignar. Belisário derrotou-o dispensando uma batalha custosa e assim conseguiu com que os godos jurassem aliança a Roma.

Assim como muitos outros generais famosos da história, a excentricidade e natureza inconventional de Belisário lhe renderia suspeitas. Não foi recebido com saudações heroicas pelo imperador bizantino Justiniano, que o considerou como sendo um desafiador da política. Ele ganhou o rancor dos líderes políticos que tinham uma profunda inveja do seu sucesso. Não aproveitou a fama e a reputação que recebera em Constantinopla. Generais como Belisário, por terem predisposições individualistas e serem francos, geralmente vivem na infâmia após seus momentos de glória. Isso é válido inclusive para aqueles que obtiveram um sucesso fantástico nas batalhas e salvaram as nações pelas quais lutavam. Em 562, foi julgado sob acusações de corrupção. Foi considerado culpado e inclusive, acabou indo parar na prisão, porém, mais tarde, foi perdoado pelo imperador. Diz a lenda, que no fim da vida de Belisário, Justiniano ordenou que seus olhos fossem retirados, reduzindo-o a um mendigo que vivia nas ruas próximas da Porta Pinciana, em Roma. Ele viva das esmolas que recebia dos transeuntes até que imperador lhe perdoasse.

Este livro irá explorar as vidas e os momentos dos 10 generais mais bem sucedidos da história, bem como seus métodos nada convencionais e comportamentos erráticos que lhes trouxeram glória, mas também lhes atribuíram a classificação de ovelha negra. Mas antes de embarcar nessa jornada, vamos primeiro determinar o que significa ser um comandante de sucesso. Essa não é uma questão tão simples quanto parece ser.

Diversos fatos determinam o sucesso de um general; matar o maior número de soldados inimigos não é um critério suficiente. Tal medida iria inevitavelmente influenciar este livro em prol dos generais modernos que têm acesso a mísseis Hellfire e comunicação via satélite e em detrimento dos generais

antigos que tinham em seu poder recursos mais primitivos de infantaria, arqueiros e cavalaria. Serão examinadas, portanto que superam o espaço e o tempo. Primeiro, o general deve ser um líder inspiracional de suas tropas. Ele deve ser capaz de discipliná-los antes de entrar em batalha e motivá-los quando as circunstâncias parecerem desesperadoras e a derrota iminente. Um general de êxito inspira essas qualidades em suas tropas através de sua virtude e coragem, não simplesmente proferindo uma versão amenizada do discurso do dia de São Crispim e observar a batalha na segurança de seu esconderijo. Tal general motiva suas tropas não só ao encorajar no campo de batalha, mas também nos aspectos cotidianos ao ser um bom administrador. Ele deve ser hábil em lidar com a logística massiva da guerra mantendo abertas rotas de suprimento para reforços, equipamentos e armas.

Segundo, um general sucedido deve ser um especialista no ponto de vista estratégico e tático. Estratégia é a arte do planejamento a longo prazo e antecipação. Ela surge da união da inteligência, escolher a maneira de atacar ou defender, encontrar o ponto fraco do inimigo e manipular os adversários. Um verdadeiro comandante executa um plano que evita a batalha como um todo e que busca apenas a vitória. Napoleão fez isso muitas e muitas vezes, particularmente com seu método mortal conhecido como *manoeuvre sur les derrieres*: inesperadamente marchar contra o pelotão principal do inimigo e se concentrar num ponto fraco, porém vital. Ele fazia isso se posicionando de tal forma que a parte do fundo do terreno estivesse bloqueada, como por exemplo, por causa de um rio, prevenindo assim com que o inimigo obtivesse reforços ou suprimentos. Táticas é o pulo do gato, respostas instintivas, a verdadeira batalha. São os momentos de improvisação e que testam a criatividade e flexibilidade. São a habilidade de decidir entre atacar, se retirar ou se render. E um general deve ser capaz de dar vida aos seus planos engenhosos durante as batalhas para que sejam efetivas. Um ataque sorrateiro é fácil de ser planejado, porém difícil de ser executado.

Finalmente, o general deve produzir resultados. Primeiro e mais importante, devem ser capazes de derrotar seus inimigos em pequenos conflitos. Pillow é um excelente exemplo negativo desse princípio. Quando Ulysses S. Grant lutou contra Pillow em Fort Donelson, sabia que poderia atacar a fortaleza mesmo sem nenhuma superioridade esmagadora. Esse seria um movimento arriscado de acordo com os cálculos militares da Guerra Civil. Mas ele já havia lutado com Pillow na Guerra Mexicana-Americana e sabia de sua natureza frouxa. Grant escreveu em suas memórias que, "pelo que conheci do general Pillow no México, sou capaz, independente do meu poder de fogo, não importa o quão pequeno seja, de conquistar qualquer trincheira na qual ele esteja encarregado de assegurar." Este fato é contrastado com Alexandre, o Grande, que era imbatível nas guerras e que rompeu com o domínio persa, o império mais poderoso do tempo, não com números maiores, mas com manobras nunca antes vistas com sua cavalaria. Resumindo, perdas contínuas no campo de batalha não são do feitio de comandantes famosos.

Essas vitórias são particularmente notáveis porque todas tiveram como ponto em comum o fato de uma tropa pequena encarar um oponente maior e com superioridade tecnológica. A Batalha das Termópilas em 480 ainda vive sua infância, na qual 300 soldados espartanos resistiram a aproximadamente um milhão de soldados do exército persa por uma semana enquanto a marinha ateniense preparava um ataque pelo mar. Se o comandante é capaz de vencer a luta, expandir seu território, e aumentar o poder da nação do seu reino, então este reserva uma passagem especial para o sucesso. As conquistas de Gengis Khan e seus descendentes diretos se expandiram do Oceano Pacífico à Hungria. Napoleão ameaçou conquistar toda a Europa enquanto esta estava fracionada politicamente por quase 2000 anos.

É por essas razões que os generais deste livro são tão respeitados nos dias de hoje, apesar de terem sido menos quando estavam vivos. As estratégias de batalha nascidas na era do escudo e do punhal ainda são ensinadas nas academias militares, mesmo na era dos drones e das guerrilhas. Os nomes "Gengis" e "Alexandre" são nomes populares no mundo islâmico, mesmo sendo ambos representantes pagãos. Eles são protagonistas em milhares de livros, filmes, peças de teatro e videogames.

Então vamos ver como foi a vida dos 10 maiores generais da história, que através de seus espíritos engenhosos e indômitos venceram guerras, salvaram impérios e mudaram o curso da história.

Capítulo 1

Alexandre, o Grande (356-323 a.C.):

Da Furiosa Juventude Macedônica a Conquistador do Mundo

A mitologia a respeito da vida de Alexandre é tão de outro mundo que pode até ser descrita como a de um deus grego. Uma profetisa o declarou como sendo filho de Zeus ao invés de Filipe da Macedônia. De acordo com Plutarco, sua mãe, antes de consumir o casamento, sonhou que seu útero era atingido por um relâmpago, o que originou uma chama que se espalhou larga e distante antes de desaparecer. O enorme Templo de Ártemis em Éfeso foi incendiado no mesmo dia, por ação da própria deusa que estava preocupadíssima com o nascimento do guerreiro neste mundo. Outras histórias dizem que a Rainha Talestris das amazonas mandou a Alexandre 300 virgens para que procriassem e dessem origem a uma nova super-raça.

Alexandre inclusive é citado na Bíblia e no Corão. No livro de Daniel, escrito 250 anos antes do seu nascimento, o profeta judeu e estadista persa o descreve como sendo um homem cabra que "veio do oeste, atravessando a superfície de toda a terra, sem tocar no chão; e a cabra tem um notável chifre entre os olhos." No Corão é descrito como sendo uma criatura a qual Alá concebeu imenso poder, e viajou ao lugar onde o sol nasce e se põe. Ali ele construiu um muro para cercar Gogue e Magogue, o qual será quebrado no dia do Juízo Final. Alexandre provavelmente ficaria surpreso ao saber que dois livros sagrados monoteístas tanto o elogiaram, enquanto ele vivia a vida de um mortal bêbado e pagão politeísta.

No entanto, sua gigante reputação é merecida. Era brilhante, bem educado, ótimo estrategista, astuto politicamente, extremamente bem sucedido, e esperto o suficiente para eleger escritores para registrarem seus feitos. O reinado de Alexandre se iniciou aos seus 20 anos e terminou com sua morte, 13 anos mais tarde. Ele não só demonstrou a importância da estratégia de batalha, mas também a importância da logística e da política nas campanhas militares. Ele pode não ter conquistado seu objetivo de se tornar imperador de toda Ásia, mas levou seu exército, em conquista seguida de conquista, a transformar o Império Macedônico num grande poder econômico e militar. O legado de Alexandre foi um modelo militar que ainda ensina lições importantes mesmo se passando há dois milênios.

Alexandre nasceu no ano de 356 a.C., filho do rei Filipe II da Macedônia com sua quarta mulher, rainha Olímpia. Cresceu no rastro da carreira militar de seu pai. No dia de seu nascimento, Filipe preparava o cercamento da cidade Potidea, na península Calcídica. As vitórias militares de Filipe incluíam a aquisição da Trácia e norte da Grécia. O jovem Alexandre foi o beneficiado com todas essas vitórias. Sua educação consistia em aulas dos temas mais centrais do refinamento macedônico para os jovens: equitação, luta, caça e literatura.

Sua grande força de vontade já se manifestava desde a tenra idade. Quando tinha 10 anos, Filipe comprou um cavalo da Tessália que se recusava a ser montado. Achou que era muito selvagem e decidiu se desfazer dele. De acordo com Plutarco, Alexandre percebeu que o cavalo apenas tinha medo da sua própria sombra. Superando esse problema, ele domou-o rapidamente e chamou-lhe Bucéfalo, que significa "cabeça de boi." Seu pai se enchia de alegria diante da bravura e inteligência de seu filho. Ele exclamava: "Meu menino, você deve encontrar um reino que seja grande o suficiente para suas ambições. A Macedônia é muito pequena pra você."

Suas ambições, todavia, o fizeram um mau aluno. Nos 13 anos, Filipe procurou um tutor para seu filho. A agitação característica da adolescência requeria um professor que pudesse argumentar com ele e que não fosse um simples autodidata. Filipe encontrou a resposta com Aristóteles, um dos personagens do

triumvirato da filosofia ocidental juntamente com Sócrates e Platão. Ele foi professor de Alexandre e dos filhos de nobres macedônios como Ptolomeu, Heféstion e Cassandro, muitos dos quais se tornariam futuros generais e igualmente beneficiados com essa instrução. Alexandre se mostrou ser um excelente estudante de filosofia, literatura e ciências. Ele adorava as histórias da Odisseia e Ilíada. Aristóteles lhe deu uma cópia comentada da Ilíada, que Alexandre leu vorazmente e sempre deixava guardado - junto com uma pequena espada - debaixo do travesseiro.

Quando tinha 16, Alexandre foi nominado regente da Macedônia enquanto Filipe tomou rumo em direção à Trácia. Um grupo de trácianos vindos de Medos viu isso como uma oportunidade para atacar a Macedônia diretamente enquanto o rei estava ausente. O jovem regente reuniu um exército e enfrentou a ofensiva, derrotando os invasores. Eles foram definitivamente expulsos do seu território, e suas terras colonizadas pelos gregos. Ele chamou essa nova área de Alexandrópolis.

Filipe estava satisfeito. Deu novas responsabilidades a seu filho e o despachou com uma pequena tropa para reprimir revoltas na península da Trácia. Com 18 anos, Alexandre teve em suas mãos o comando de uma das alas da cavalaria na Batalha de Chaeronea na qual a Macedônia lutou contra uma aliança de cidades-estado gregas, incluindo Atenas e Tebas. Essa foi uma revolta contra Filipe, que havia se tornado o líder de facto da Grécia, e uma revogação dos tratados assinados com ele. Alexandre se mostrou digno de seu compromisso quando seu flanco destruiu o Batalhão Sagrado de Tebas, formada pelos membros da elite da infantaria tebana. Ele foi o primeiro a conseguir tal feito, dando um fim à batalha. A guerra de resistência contra Filipe tinha chegado ao fim. Sem mais nenhuma oposição interna restante, Filipe fixou seus olhos para a região dos Bálcãs e se preparou para uma guerra contra a tão antiga inimiga persa: Grécia. Ele foi votado comandante supremo para uma invasão pan-helênica. Filipe morreu antes de executar este tão esperado plano, mas Alexandre avidamente vestiu seu fardo alguns anos mais tarde.

Sob a tutela de seu pai, Alexandre aprendeu as avançadas estratégias militares que lhe assegurariam obter tais grandes conquistas. Filipe ensinou seus soldados a usarem a sarissa, uma lança de 4 a 7 metros de comprimento que permitia a formação em falange, capaz de atacar o inimigo a uma distância onde as espadas não alcançavam. Uma vez que as lanças eram pesadas, requeriam que quem as portasse utilizasse as duas mãos. Para defender então o lanceiro, Filipe criou uma categoria de escudeiros chamados de hipaspistas. A formação em si não era o suficiente para aniquilar completamente o inimigo, mas mantinha-os parados; era como se fosse uma bigorna e a cavalaria fosse o martelo que atacava os flancos do adversário. Cada lado da falange era flanqueado por unidades de cavalaria.

A cavalaria macedônica era formada pelos conhecidos Heteros e é amplamente reconhecida como a melhor unidade de cavalaria do mundo antigo. Foi a primeira cavalaria de choque da história num cenário onde todas as outras evitavam o contato direto durante o combate pesado. Cada membro montava nos melhores cavalos e tinham os melhores armamentos possíveis. Cada um levava consigo um xyston (uma lança que media por volta de 4 metros), uma couraça, guarda ombros, e um capacete beócio. Os Heteros eram organizados em oito esquadrões territoriais com cerca de 200-300 cavaleiros cada. Uma vez que a falange impedia a movimentação do inimigo, a cavalaria atacava pelos lados ou por trás. Alexandre liderou pessoalmente o esquadrão real da cavalaria dos Heteros onde era facilmente reconhecível. Isso fez dele um alvo, estratégia que levou a muitos ferimentos, porém inspirava coragem em suas tropas.

A Macedônia também detinha armas de cerco que completavam seu exército. Bruce Upbin descreve o modo peculiar que os engenheiros macedônicos desenvolveram para dominar os oponentes que eram protegidos por muros. Foi uma inovação crucial, uma vez que exércitos gregos não tinham a capacidade de vencer tais fortificações. Os espartanos nunca foram capazes de conquistar Atenas durante a Guerra do Peloponeso.

Uma das principais inovações nessa área foi a utilização da torre de cerco. A torre era utilizada por exércitos desde o século XI a.C. no antigo Oriente Próximo, mas Alexandre construiu um arranjo mais eficiente delas. Ela permitia com que fossem passados muito mais homens pelos muros do que com o uso de uma simples escada. A isso, foi incorporado novas formas de catapulta e artilharia que arremessava lanças e projéteis usando fibras e cordas firmemente enroladas como energia de torque que propulsionavam dois braços móveis, aumentando drasticamente o potencial de ataque. Essa capacidade superior de arremessamento resultou na criação de um grande lança pedras chamado de lithobolos, máquinas que podiam lançar pedras pesando mais de 80kg. Isso tudo fez com que a derrubada de muros das cidades se tornasse um importante item durante as conquistas e ajudou o exército a evitar longos cercamentos, condição que muitas vezes acompanhava o quadro de fome. Alexandre utilizava em batalha artilharia tanto terrestre quanto a estratégia de cerco.

Em 336 a.C., Filipe foi assassinado. Nessa época, havia se divorciado de Olímpia, casado com Cleópatra Eurídice, e seu relacionamento com Alexandre se abalou. Alexandre não era mais garantido como o sucessor de seu pai. A tensão entre os dois poderia ter se tornado uma séria rivalidade além da relação pai e filho. Plutarco descreve a situação perturbadora durante o casamento de Filipe e Cleópatra: "No casamento de Cleópatra... seu tio Átalo desejou que os macedônios rogassem aos deuses para que dessem à sua sobrinha o sucessor do reino. Isso irritou tanto Alexandre que jogou uma taça na sua cabeça, gritando: 'Seu maldito, então, sou eu, um bastardo?'" Então Filipe se levantou e na intenção de atravessar uma faca em seu filho, mas por sorte dos dois, por causa de sua raiva eufórica ou por causa do vinho que havia bebido, seu pé escorregou e acabou caindo no chão. Alexandre então lhe lança o insulto: "Veja só, o homem que pretende passar a Europa para a Ásia não é capaz ao menos de passar de um assento para outro."

Alexandre, com medo de ser morto fugiu para Ilíria, mas voltou seis meses depois. Nesse tempo, a questão da sucessão havia sido resolvida quando Filipe foi morto pelo capitão de seus guarda-costas, Pausânias.

Alexandre então focou em conquistar territórios na tentativa de sair da Macedônia. Suprimiu rebeliões na Tribália e Trácia, e rapidamente organizou tropas em Tebas para abafar uma rebelião da Grécia. Ofereceu aos tebanos a chance de se renderem, que foi recusada, logo invadiu a cidade brutalmente, destruindo quase toda estrutura que se encontrava pelo caminho, matando 6.000 pessoas e escravizando trinta mil cidadãos. Outras cidades gregas que planejavam rebeliões rapidamente desistiram dos planos. Atenas, Corinto, e Termópilas juraram lealdade.

Essas vitórias eram características das manobras táticas de Alexandre. A Macedônia pode ter sido um estado grego, que vivia às sombras do Império Persa, porém detinha uma força militar competente e profissional que poderia rapidamente massacrar a maioria dos exércitos inimigos. Alexandre se tornou líder desse exército, transformou-o numa máquina de guerra que foi capaz de cruzar continentes e dizimar qualquer coisa que estivesse no caminho.

Depois de consolidar seu poder, Alexandre se preparou para expandir o legado de seu pai. Filipe morreu enquanto preparava uma invasão na Pérsia. O império havia molestado continuamente estados gregos por séculos e ameaçava sua total conquista em diversas ocasiões. Os mitos gregos de conquistas heroicas em batalhas, principalmente a batalha de Teófanos em 480, consistiam em pequenas tropas gregas impedindo a entrada de uma massiva tropa persa. Filipe desejava uma empreitada ofensiva e acabar com séculos de ataques que seu reino havia sofrido entre os governos de Ciro a Dário III. Alexandre consultou os assessores de seu pai e iniciou a preparação de uma massiva campanha rumo ao oriente. Muitos pensavam que se tratava de uma pequena conquista de algumas fortalezas principais da Pérsia. Seus assessores nunca esperaram que estava para ser lançada uma campanha que duraria mais de décadas rumo àquele mundo conhecido. Ele teve uma dedicação especial em relação às palavras de Aristóteles para unir leste e oeste.

Sob a guarda das fronteiras ao norte, preparou a travessia em direção a Ásia com 50 mil soldados, 6 mil cavaleiros, e uma esquadra de 120 navios com aproximadamente 40 mil tripulantes. Chegava de repente, dando pouco tempo para que seus inimigos se preparassem. A formação de seu exército incluía hábeis soldados fortemente armados na frente, na formação de falange, empurrados por tropas de apoio que vinham logo atrás. O exército dos flancos contava com arqueiros, lançadores e cavaleiros.

Uma vez iniciada a jornada à Ásia, Alexandre inspirava corajosamente suas tropas ao liderá-las no front, no compromisso com a vitória, e respeito com aqueles que haviam falecido. Quando seus exércitos chegaram na Ásia atravessando Dardanelos, fincou sua lança em solo anatólio e reivindicou o continente como sendo um presente dos deuses. Apesar de se imaginar como sendo um ser divino, Alexandre não tratava a vida de seus soldados como uma mercadoria qualquer. Se morressem em batalha, isentava a família dos impostos. Personagens notáveis eram agraciados com status.

Alexandre também foi conhecido por sua sabedoria. Esforçava-se para fazer visitas e fraternizar com seus soldados, o que inspirava lealdade na hora da batalha. Vestia o mesmo uniforme de seus subordinados. Os soldados recebiam um baixo salário, porém Alexandre garantia que recebem uma recompensa ao final de cada conquista (o sistema de pagamento era baseado na comissão, o que incentivava soldados a lutarem por mais de uma década em terras estrangeiras para que pudessem retirar suas riquezas). Era um especialista em logística e garantia que seu exército estivesse bem alimentado e propriamente equipado. Essa é uma parte pouco valorizada do trabalho, tão detalhista quanto essencial. A história está repleta de casos onde exércitos foram destruídos não por seus inimigos, mas sim pelo estômago vazio e pela falta de equipamentos.

Sua primeira vitória sobre a Pérsia foi na Batalha do Grânico em 334a.C. Seu exército era menor porém mais bem preparado do que o dos oponentes, e venceu apesar da presença de gregos relutantes no seu time. Depois dessa batalha, Alexandre aceitou a rendição de Sardes, uma capital provinciana persa. Seu exército prosseguiu ao longo da costa do Egeu, cercando muitas cidades começando por Halicarnássio. De lá, moveram-se para as montanhas de Lícia, e para as planícies da Panfília. Eliminou bases navais persas, despedaçando a cadeia de suprimentos da Anatólia. Deslocaram-se depois para Termesso. Quando chegaram na capital do antigo reino da Frígia, Górdio, as narrativas acerca de seu grandioso destino são confirmadas. De acordo com um oráculo, aquele que fosse capaz de desatar o nó górdio se tornaria o rei de toda a Ásia. Como não conseguia encontrar as extremidades, Alexandre simplesmente sacou a espada e cortou-o ao meio. É daí que vem a expressão "cortar o nó górdio", que consiste em resolver um problema de forma prática.

Em Isso, norte da Síria, Alexandre se deparou com o exército de Dario III, que foi facilmente derrotado e assustou o imperador persa, uma vez que seus números estavam na proporção dois pra um. Na vitória, as tropas de Alexandre mataram dezenas de milhares. Dario fugiu do campo de batalha deixando pra trás sua mãe, esposa, e duas filhas. Ofereceu-lhes 10mil talentos (a moeda da época) e todas as terras que haviam sido invadidas na Anatólia. Os macedônios recusaram. De acordo com os cronistas, Sisigambis, a mãe de Dario, como vingança perante a covardia do filho, substitui-lhe por Alexandre, que foi tratado como sendo seu. De sua parte, Alexandre foi tolerante e generoso com Sisigambis e o resto da família de Dario. No entanto, recusou os ainda mais generosos termos de renúncia do imperador e sitiou Tiro. O imperador ofereceu 30mil talentos por sua família, a mão de sua filha mais velha em casamento, e toda terra a leste do rio Eufrates. Ao que Alexandre ainda recusava devido à sua missão de conquista, nações bárbaras da proximidade ficaram temerosas. A maioria simplesmente preferiu jurar fidelidade a enfrentá-lo em batalha.

Alexandre poderia ser desnaturado com seus inimigos, mas a gentileza com que tratava Sisigambis não era uma anormalidade. Geralmente tratava seus oponentes com respeito, mas em alguns casos era impiedoso, causando execuções em massa e escravização. O que explica essa dicotomia? Não era efeito de uma síndrome bipolar. Na maioria das vezes, demonstrava a brilhante habilidade política de

Alexandre. Por vezes, uma disposição violenta para que se obtivesse respeito, obediência e lealdade era necessária para liderar um exército de milhares de soldados em direção a terras desconhecidas de um outro continente. Alexandre pode ter permitido que suas tropas massacrassem todos os homens de uma cidade e escravizassem todas as mulheres e crianças, como fez em Tiro em 332 a.C., mas sabiam que o mesmo destino poderia recair sobre eles caso não cumprissem as ordens. Saques, roubos e abatimento de cidades inteiras eram mensagens enviadas aos próximos inimigos em potencial.

Essa abordagem podia ser vista durante a conquista da costa fenícia. Quando chegou à ilha de Tiro, os cidadãos se recusaram a se render. Alexandre cercou a cidade nos sete meses seguintes. Incapaz de empreender um ataque por mar, Alexandre gastou uma quantidade considerável de recursos na construção de uma ponte. Quando Tiro finalmente se rendeu, a cidade foi destruída, 7.000 pessoas foram mortas e 30.000 escravizadas. Ele foi piedoso com o rei de Tiro e sua família. Depois moveu-se para Gaza onde os cidadãos se entregaram após dois meses de sítio.

No Egito, demonstrou mais uma vez sua engenhosidade diplomática. Deixou encantada a elite política teocrática ao se submeter a uma peregrinação religiosa e se encarecendo com os padres no oráculo. Em 331 a.C., Alexandre adentrou o Egito onde foi agraciado como sendo o libertador de dois séculos de domínio persa. Combinou sua vitória com sua decisão estratégica para construir uma cidade na foz do Rio Nilo. Essa cidade foi planejada como sendo um ponto estratégico naval e um porto comercial. Foi chamada de Alexandria em sua homenagem; décadas depois, Ptolomeu a tornou a capital do império e se tornou o pólo científico do mundo antigo. Alexandre também foi a uma peregrinação ao templo e oráculo de Amon-Rá, deus sol egípcio, conectado com a divindade macedônia Zeus Amon. Os padres do templo declararam Alexandre como sendo filho de Zeus Amon, assim como os faraós eram tidos como filhos de Amon-Rá.

Depois de conquistado o Egito, Alexandre retornou a Tiro para uma batalha final contra Dario. O uma vez referenciado deus rei, aproximou-se da *terra firma* por causa de suas perdas militares. Alexandre capturou Susa e a antiga capital do Império Aquemênida, Persépolis, que fora queimada como vingança devido ao incêndio da Acrópole de Atenas durante a Segunda Guerra Médica. Dario fugiu por Medos e Pártia, mas acabou sendo aprisionado e posteriormente esfaqueado pelo sátrapa Bessos. Junto de sua morte, ocorreu a Queda do Império Aquemênida e a Pérsia ficou sob o domínio grego. Alexandre almejou, então, matar Bessos por se tratar de um usurpador, e sua tropa o perseguiu pela Ásia Central. Bessos foi capturado e executado em 329 a.C., mas não antes de Alexandre fundar cidades nas regiões em que passara, tais como Candaar no Afeganistão e a atual Khujand no Tajiquistão.

Alexandre não forçou para que os persas adotassem nem a cultura grega, nem a macedônica. Na verdade foi bem o contrário: aceitou coisas como vestimenta, cerimônias, tradições e práticas judiciais. Em especial, adotou alguns rituais de respeito que os persas dedicavam a seus superiores, como algumas formas de reverência e o simbólico beijo nas mãos. Alexandre manteve uma política flexível de absorver recursos e costumes das terras conquistadas para seu exército e deixava os nativos responsáveis pelos distritos recém-formados enquanto prosseguia em sua grande conquista. Essa era uma prática muito usual no mundo antigo; permitir com que um nativo governasse a região, ao invés de um estrangeiro, era o melhor modo de se evitar que surgissem rebeliões. Ele notou que os persas tinham seus governos provinciais e encorajava a incorporação de suas tropas as dele. Estimulava com que seus soldados se casassem com esposas persas. A estratégia de unir, aos poucos, as duas culturas abrandavam as possibilidades de estouro de uma guerra ou rebelião. Era um modo prático de unir dois Estados que guerrearam por séculos e que não tinham em comum fatores como linguagem, código civil, ou deuses.

Mesmo assim, Alexandre não foi totalmente adorado pelos seus soldados durante a campanha, particularmente por sua tendência de apropriar cultura de fora. Alexandre acreditava no "*realpolitik*", mas muitos dos soldados macedônios o viam como um oportunista sem princípios. Enquanto vencias nas questões do império, perdia nas da própria nação. Um número considerado de oficiais acreditava que ele

havia se esquecido da sua genealogia macedônica. É importante lembrar que as tropas de Alexandre, em sua maioria, não acreditava que seu líder era divino; mitos de seus contemporâneos que diziam ele ser filho de Zeus, só se espalharam depois de sua morte.

Uma conspiração para retirar Alexandre do poder foi descoberta. Filotas, comandante da cavalaria, foi julgado e executado como sendo o líder do golpe, Alexandre então ordenou também a execução de seu pai, Parmênio, para que se prevenisse qualquer forma de vingança ou planejamento de um segundo golpe. Foi uma atitude audaz, uma vez que Parmênio era um general respeitado, e sua execução fez com que sua popularidade diminuísse ainda mais. Aqueles que conviviam com Alexandre ficavam cada vez mais temerosos e consideravam seu comportamento como sendo instável.

Alexandre se casou mais de uma vez durante sua campanha, sendo suas intenções a de manter alianças. Em 327 a.C., casou-se com Roxana, filha de Oxiartes, uma de suas três esposas. Foi o único casamento abençoado pelo amor; se casou com Estatira, filha de Dario, e Parisátide II, por razões políticas. No ano seguinte, seu exército rumou a Punjab para expandir o império ao leste da Pérsia.

As caravanas dos exércitos de Alexandre mais se assemelhavam a uma cidade móvel do que uma força militar dos dias de hoje. Alguns soldados viajavam com suas mulheres e crianças, ou com escravas concubinas que eram adquiridas ao longo do curso. Muitas pessoas de outras áreas seguiam junto. Alexandre viajava com engenheiros, poetas, historiadores, cientistas, médicos, mercadores de escravos, e seu cronista - o que explica as cópias gravadas de sua vida que foi deixada pra história. Uma cadeia de suprimentos era estabelecida com os estados conquistados, para que fosse possível providenciar os materiais necessários para seu exército. No entanto, eram geralmente ordenados a deixarem a terra e estabelecerem trocas com cidades pelas quais passassem devido ao longo período de duração da campanha.

Alexandre chegou ao seu limite oriental quando encontrou caciques paquistaneses e os convocou para que se submetessem à sua autoridade. Em 327/326a.C. foi instaurado um ataque contra aqueles que recusaram. Foram assim destruídos os clãs dos Aspasioi, Guraean e Assakenoi, juntamente adquiridos com ferimentos no ombro e no tornozelo. Então cruzaram o Rio Indo e guerrearam contra o governante de Punjab, o rei Poro, na famosa Batalha de Hidaspes.

As manobras pré-conflito de Alexandre, são consideradas como sendo uma das suas técnicas de combate mais engenhosas. Ele e suas tropas tiveram de atravessar o rio Jhelum, que era rápido e profundo o suficiente para carregar qualquer um que tentasse atravessá-lo, enquanto Poro se posicionava na margem sul, impedindo qualquer travessia. Alexandre levou consigo uma pequena porção de uns 6.000 homens rio acima e cruzou o rio discretamente utilizando "botes de pele enchidos de feno". Ele surpreendeu o rei de Punjab com sua armada, que cruzou o rio apesar de qualquer explicação plausível.

Para tornar este conflito entre os mais surreais da história, as tropas de Alexandre iniciaram a ofensiva durante uma tempestade e encararam o que nenhum europeu jamais havia visto na vida: uma infantaria rodeada por elefantes de guerra. Estes elefantes foram capazes de abalar as linhas de formação, causando um dano significativo à falange. Os soldados foram efetivamente capazes de reunir todos os seus temores e concentrá-los na ponta da lança. Os escudeiros pressionavam veementemente seus escudos contra os inimigos. No fim das contas, aproximadamente 1.000 do exército de Alexandre foram mortos contra 23.000 indianos. A conquista fez com que Punjab se tornasse um território macedônico e deixou a Índia aberta para receber influências culturais e políticas helênicas.

É nesse ponto onde a área dominada por Alexandre atingiu seu máximo. A extensão de suas conquistas envolveu mais de duas dúzias de nações atuais e todas as bases culturais que vão de Grécia a Egito, Pérsia, Índia, e todas as outras que se encontravam nesse meio. A famosa descrição acerca da carreira do conquistador feita por Plutarco, é marcada aqui com a frase "*Quando Alexandre se deu conta do tamanho do seu domínio, ele se lamentou, pois não havia mais o que ser conquistado*" - citação que foi imortalizada pelo vilão Hans Gruber no filme "Duro de Matar."

Alexandre queria continuar mais a leste, porém suas tropas começaram a se revoltar, se preocupando com os reforços de tropas e suprimentos indianos. Estavam exaustos de anos de batalhas e esperavam rever suas famílias. Relutante, Alexandre concordou. Os macedônios decidiram retornar pela rota ao sul, seguindo por Hidaspes e pelo Rio Indo. Foram construídos 1.000 barcos que carregavam os mantimentos. Em Mali, as tropas enfrentaram forte resistência dos clãs locais. Alexandre foi ferido gravemente por uma lança no peito. Apesar disso, as tropas conseguiram a vitória. Alexandre se recuperou e a jornada prosseguiu.

Depois de passarem pela Índia, Alexandre fez alguns pronunciamentos controversos que aumentaram o facciosismo entre as tropas. Ele enviou parte do exército em direção ao sul do Irã junto com a frota de barcos para explorarem o Golfo Pérsico. O restante atravessou o deserto da Gedrósia e Makran, porém muitos morreram pelo caminho devido ao clima árido. A reação negativa do grupo frente às ordens de marcha só não era superada pela ideia de misturar as culturas helênicas e persas. Ao manter seu objetivo de unificar o império, Alexandre legitimou os casamentos entre seus soldados com mulheres persas. Cerca de 10mil soldados macedônios foram dispensados de seu dever, e os velhos e injuriados pela batalha retornaram à Macedônia, mas isso só depois que 30mil persas foram incorporados ao exército. Alexandre disse que sua intenção era a de dar um pouco de descanso aos que precisavam, mas foi interpretado por uns como uma tentativa de mitigar o poder de voz dos macedônios. Treze dos líderes que haviam rejeitado tropas persas foram presos e executados.

Perto do fim de sua vida, Alexandre viajou até Ecbátana para recolher o tesouro persa. Em 324 a.C., seu amigo (e talvez amante) Heféstion morreu de febre. Este foi um fato marcante na vida do jovem imperador. Uma forte ligação os unia. Sua morte surtiu efeitos marcantes devido ao modo de como foi sentida por Alexandre. Cronistas dizem que as atitudes tomadas pelo general atestavam seu grave estado de melancolia, como, por exemplo, a ordem de tosquiar o rabo de todos os cavalos e o banimento de flautas ou qualquer outro tipo de música. Recusava a comer ou beber por dias e se encontrava em extremo ressentimento. O custo do funeral de Heféstion foi estimado em 12.000 talentos, o que alguns julgam ser o equivalente a 2 bilhões de dólares atualmente. Uma enorme pira de 60 metros de altura foi projetada pelo famoso artista Estasicrates e era adornada com ouro e alguns detalhes com cenas da mitologia grega.

Após a morte de seu amigo, Alexandre organizou um banquete em homenagem a seu almirante Nearcos e "virou o caneco" junto de Medius de Larissa, parte por diplomacia, mas parte para afogar suas mágoas. Isso resultou numa forte febre que foi aumentando a tal ponto que ele foi incapaz de sequer falar pelas próximas duas semanas. Alexandre morreu pouco depois em 323 a.C. com a idade de 32 anos no palácio de Nabucodonosor II na Babilônia.

Por conta de todo seu planejamento e série de vitórias, Alexandre não dedicou muita atenção sobre sua sucessão. Ele não tinha nenhum herdeiro legítimo, já que seu filho Alexandre IV nasceu logo após sua morte. Um documento diz que o general Crátero teria recebido instruções detalhadas sobre o que fazer após a morte de Alexandre, que incluíam a conquista da porção ocidental do Mediterrâneo, circunavegação da África, translocar algumas populações da Ásia e Europa para que houvesse mistura de raças, e a construção de um monumento para o seu pai Filipe que se equiparasse aos maiores encontrados no Egito.

Essas ordens foram ignoradas pelos generais. Nos próximos 40 anos ocorreu uma série de lutas pela sucessão que acabou na formação de vários reinos filhos. Assim ocorreu o rápido fim da ascensão meteórica do Império Macedônio, mas apesar da cisão, quatro impérios surgiram, todos com claras raízes greco-macedônicas. A dinastia ptolemaica no Egito, o Império Selêucida na Pérsia, o reino Pérgamo na Anatólia, e a Macedônia.

As lições que os generais atuais podem tirar de Alexandre são muitas, que por sinal ainda são ensinadas nas academias militares. Trate os soldados com respeito, mantenha os suprimentos em ordem,

crie um exército bem disciplinado com formações estratégicas, e saiba distinguir quando se utilizar da diplomacia ou da batalha armada. Ele recompensava altamente seus soldados, frequentemente andava pelos acampamentos e parava pra conversar com os grupos de homens. Ele os permitia que saqueassem o que fosse possível nas conquistas, o que os motivavam a vencerem as batalhas. Mas reservava um tratamento totalmente diferenciado para aqueles que fossem culpados de traição ou que planejavam algum golpe, estes eram quase sempre executados.

Mais além, Alexandre era hábil em lidar com as diferenças culturais e capaz de liderar pessoas vindas de classes extremamente diferentes. Mostrava grande consideração pela cultura alheia a ponto de introduzi-la na sua própria. Era capaz de convencer administradores, líderes religiosos e fingir interesse em deuses estrangeiros para sempre ter a certeza de que os macedônios estavam sob controle.

Ele era aclamado por diversas pessoas nos anos e séculos que se seguiram, principalmente pelos militares. Em 63 a.C., um jovem questor romano na Espanha se aproximou da estátua de Alexandre para prestar homenagem ao comandante que nunca perdeu uma batalha na sua carreira marcante. O rapaz de 30 anos de idade percebeu que os macedônios já haviam conquistado o mundo na sua idade, enquanto ele era apenas um mero administrador numa província romana e que havia desperdiçado toda sua juventude. A face de pedra da estátua deu sorriso de volta para ele, satisfeita com sua reputação colossal.

Esse jovem rapaz, Júlio César, eventualmente encontrou seu caminho e seguiu para sua própria carreira de conquistador. Ele ergueria seu próprio império e lideraria exércitos para uma vitória extraordinária. Mas era Alexandre perante a quem ele se ajoelhava, talvez o único ser humano merecedor de tal ato vindo de um César.

Capítulo 2

Aníbal de Cartago (247-182 a.C.):

O Pai da Estratégia e da Desgraça da República Romana

O inimigo mais temido da Roma antiga cresceu numa cultura alicerçada na morte. Aníbal Barca, cujo nome em púnico significa "Baal é piedoso comigo," foi criado como adorador do antigo deus cananeu que requeria, para o seu contento, crianças como sacrifício. Quando tinha sete anos, Aníbal assistiu, da beirada do local onde se queimavam os sacrifícios, seus pais entregarem seu irmão mais novo a um padre. A figura que trajava um roupão o segurou diante de uma estátua em bronze com os braços abertos. Ele cortou a garganta da criança, causando uma morte rápida, e colocou o corpo nas mãos estendidas da estátua, que permaneceu ali por algum tempo antes de cair em direção ao fogo.

O pai de Aníbal, Amílcar Barca, era um comandante cartaginês e líder na Guerra dos Mercenários e na conquista púnica da Ibéria. Ele criou seu filho de acordo com a cultura altamente religiosa da época, fundada em 814 a.C. como uma colônia de comércio fenícia. A adoração a Baal era tão intensa na sociedade norte africana quanto havia sido 1.000 anos atrás, quando os cananeus chacinaram brutalmente as crianças, para o horror dos antigos israelitas. Esta era uma prática abominável, até mesmo para os padrões do fim da Idade do Bronze; tanto o era, que no Antigo Testamento, Deus ordenou ao exército de Israel que destruíssem completamente a civilização dos adoradores de Baal para que pudessem entrar na Terra Santa.

A prática, contudo, continuou a prosperar durante a vida de Aníbal. Cleitarco escreveu no século III a.C. que as famílias cartaginesas reservavam pelo menos um de seus filhos para os deuses de forma a obter suas graças. Plutarco destaca que os casais que não tinham filhos chegavam a comprar crianças de famílias pobres para serem utilizados com esse fim. Os romanos e gregos contemporâneos julgavam a prática igualmente barbárica. Acreditavam que esta era a prova de que aquela sociedade merecia ser conquistada, dominada, e se necessário, destruída.

Ao contrário de seus vizinhos da Ibéria e da Gália, a tarefa de conquista Cartago não era tão simples. Sob o comando do brilhante estrategista Aníbal, esta representou a maior ameaça existente à jovem República Romana.

Ele obteve sua maioridade quando as potências do Mediterrâneo disputavam para ganhar a supremacia sobre os países próximos, devido à ausência de um poder forte na região. Cartago se contentava com Roma, Siracusa, e os estados filhos do grande império alexandrino - Macedônia, o Império Selêucida e o Egito ptolemaico. Aníbal certamente tinha a inteligência e determinação necessárias para tornar a sua cidade-estado o estado preeminente do mundo antigo. Ele inclusive parecia destinado a este resultado no início de suas vitórias militares, particularmente na batalha de Canas, onde ameaçou desfazer a República Romana.

Mesmo com todo seu sucesso no campo de batalha, Aníbal foi incapaz de obter sua vitória final sobre aqueles que também aspiravam à supremacia do Mediterrâneo. Isto se deve principalmente a sua inaptidão em vencer a longa disputa que foi a Segunda Guerra Púnica, apesar de seu sucesso em conflitos mais curtos. Além disso, mesmo sendo um grande estrategista, falhou em seu papel de estadista, isto é, o de converter suas vitórias militares em capital político e trazer a aristocracia cartaginesa ao seu lado. Porém, suas estratégias eram tão inovadoras que a ele é frequentemente reservado um lugar no panteão dos grandes generais da antiguidade, junto de Alexandre - o Grande, Cipião Africano, Júlio César e Pirro de Épiro. Ele é o santo padroeiro dos estrategistas da Idade Moderna, como Napoleão Bonaparte.

O legado de Aníbal é também irreparavelmente distorcido devido às fontes tendenciosas que restaram sobre ele. Nenhum registro histórico de sua vida sobreviveu à Terceira Guerra Púnica e a destruição de Cartago. Nenhum de seus contemporâneos deixou qualquer documento sobre sua vida; nem panegíricos ou canções sobre sua glória militar sobreviveram. Tudo o que resta são anotações de cronistas romanos, que tinham o papel de mostrá-lo como um inimigo da civilização. Como resultado, mostravam aspectos de sua vida e seu tempo da maneira mais negativa possível. Dos 37 autores que o mencionam, sequer um comentário é positivo. Entretanto, eles tinham de concordar que ele possuía táticas extraordinárias, mesmo que esse fato fosse descrito para enfatizar que a sua derrota final tornou a ascensão de Roma ainda mais fantástica.

Aníbal nasceu em 247 a.C. Seu pai Amílcar era o líder dos cartagineses no final da Primeira Guerra Púnica contra Roma. A guerra terminou quando Amílcar rendeu a Sicília a Roma e a paz foi negociada. Sem descansar nenhum minuto, ele rapidamente providenciou um modo de reverter as condições financeiras de seu estado. Amílcar primeiramente submeteu tribos da Península Ibérica sob seu domínio para que pudesse cobrar tributos sobre elas. Não foi uma tarefa simples de ser concluída por conta da miséria dessas regiões. A marinha cartaginesa estava tão escassa de recursos depois de sua guerra contra Roma que as tropas não conseguiam ser transportadas por navios por todo o caminho até a Ibéria; ao invés, eles marchavam até as Colunas de Hércules e chegavam até a Europa transportados pelo Estreito de Gibraltar. Ele levou seu pequeno filho na campanha, mas sob as estritas condições de que jurasse que nunca sentisse qualquer simpatia quanto a Roma.

Em casa, Cartago continuava numa situação tênue. O estado sofreu ao abafar uma revolta entre seus antigos mercenários, grupo que reivindicava por não receber a compensação devida por seus serviços. Roma se aproveitou da situação para capturar as ilhas cartaginesas de Sardenha e Córsega. Seu olhar estava voltado para a expansão territorial às custas do inimigo.

Amílcar morreu em 229 a.C. afogado durante uma batalha para a conquista da Hispânia. Ele foi sucedido por seu genro Asdrúbal, quem preferia se ajustar com Roma ao invés de partir para a agressão. Consolidou as porções ibéricas cartaginesas e assinou um tratado com Roma que dizia que ele não poderia expandir para o norte além do rio Ebro desde Roma não se expandisse para o seu sul.

O tratado era um mero armistício. Asdrúbal trabalhava secretamente para conquistar apoio pelo continente europeu e formar um massivo exército para atacar Roma. Arranjou um casamento entre Aníbal e a princesa ibera, Imilce. Ele era um forte estrategista, e preparou a campanha estrangeira à Itália, a qual Aníbal executaria anos mais tarde. Porém não colheu resultado de nenhum de seus planos, uma vez que fora assassinado em 221 a.C. Aníbal foi indicado como seu sucessor quando tinha 26 anos de idade.

O jovem comandante rapidamente retomou a abordagem militar agressiva de seu pai. Ele iniciou sua estratégia ao completar a conquista da Hispânia e ao vencer suas fortificações militares e guarnições. Em sua primeira campanha, derrotou a Alívia, o mais forte centro dos olcades. Ele então capturou os redutos váceos de Helmantica e Arbucala. Roma, temerosa de sua crescente força, se aliou à cidade de Sagunto, que se localizava ao sul do Rio Ebro. Aníbal viu isso como uma violação do tratado assinado após a Primeira Guerra Púnica. Ele então a pressionou com um cerco e capturou Sagunto depois de oito meses e só então voltou sua atenção à Itália.

A captura de Sagunto foi mal vista pelos romanos. Eles ordenaram sua extradição por ter quebrado o contrato. Aníbal, no entanto, preferiu não esperar por seu destino marcado por encarceramento, deportação a Roma, tortura e morte. Ele consolidou as posses de sua família e nomeou seu irmão, também chamado Asdrúbal, como comandante. Ele atravessou o rio Ebro, e a Segunda Guerra Púnica contra Roma se iniciou oficialmente.

Aníbal queria levar a guerra através da Hispânia e Gália até o centro da Itália. Seus inimigos esperavam uma vitória fácil sobre a pequena cidade-estado. Surpreenderam-se, porém, com uma prolongada batalha contra uma técnica militar nunca antes vista.

Uma das primeiras estratégias que o general empenhava, era a de não atacar diretamente a posição mais forte do oponente. Portanto, quando Roma preparava por um ataque cartaginês na Sicília, Aníbal estava determinado a não repetir os erros cometidos na Primeira Guerra Púnica. Ele preparou um ataque contra a Itália vindo do norte montanhoso, uma região de alta altitude e tortuosa travessia. Partiu de Cartago em 218 a.C.

Aníbal marchou pelos Pirineus com 38.000 soldados, 8.000 cavalos e 37 elefantes. Apesar da neve ter caído antes do previsto, o massivo exército de Aníbal se moveu rapidamente, transportando os elefantes pelo rio Ródano e então cruzando os Alpes. Foi uma manobra muito arriscada que expôs suas forças a morrer de frio, de fome, ou ataque numa passagem bloqueada. Apenas metade daqueles que partiram com Aníbal chegaram à Itália vivos. Não obstante, Lívio escreveu que ele liderou a travessia da montanha com ingenuidade frente aos problemas aparentemente intransponíveis. De acordo com um relato romano, ele usou vinagre e fogo para abrir passagens em meio às rochas que se encontravam caídas no caminho. A aposta eventualmente foi válida, uma vez que os romanos não conseguiram elaborar um modo de impedir seu avanço sobre a Gália. Aníbal firmou uma conciliação com os chefes gauleses para que pudesse passar e se preparar então para um ataque na Itália.

O cônsul romano Públio Cornélio Cipião foi mandado para interceptar suas forças, mas seus comandantes erradamente acreditaram que ele entraria na Europa pela Ibéria. Ele interceptou Aníbal com uma pequena divisão da Gália após ouvir sobre sua travessia pelas montanhas. Se encontraram com Ticino na Batalha de Trébia, onde Aníbal venceu um decisivo confronto ao usar a força superior de sua cavalaria. Os resultados da batalha foram devastadores para os romanos: Cipião saíra intensamente ferido, e tiveram de abandonar as planícies da Lombardia. Os estados que foram absorvidos recentemente pela República Romana - os gauleses e lígures - juraram aliança ao nascente Estado europeu de Aníbal, fortificando assim sua tropa que já se encontrava abatida. Roma enviou um exército liderado por Tibério Semprônio Longo para que trouxesse suas tropas de volta da Sicília e se juntassem com as de Cipião Africano, o filho de Públio Cornélio Cipião, para que enfrentassem Aníbal.

Mesmo Aníbal sendo incapaz de impedir a união dos exércitos de Semprônio e de Cipião, ele poderia tirar proveito dos métodos de ataque discordantes de ambos os generais. Enquanto Semprônio assumia o comando sobre o mais experiente Cipião, Aníbal planejava seu ataque. Enviou 2.000 soldados liderados por seu irmão Magão às escondidas para flanquear o acampamento romano e esperarem pela batalha. Ele então organizou um ataque para o próximo dia. Usando uma estratégia que ele empregaria diversas vezes em encontros subsequentes, colocou suas tropas mais fortes nos flancos, sabendo que o inimigo atacaria este ponto.

Com o amanhecer, uma pequena parte da cavalaria foi enviada para atirar os romanos. Quando estes morderam a isca, ele já estava preparado. Os romanos usavam a formação padrão de três colunas, flanqueados pela cavalaria. Eventualmente, os flancos romanos mais fracos começaram a sucumbir, momento quando as tropas de Magão atacaram e mataram aqueles que restavam enquanto as tropas de Aníbal os seguiam. É estimado que os romanos perderam cerca de 20.000 homens.

Depois da derrota em Trébia, os romanos mudaram a liderança na intenção de complicar a vida de Aníbal, que perceberam, fora perigosamente subestimado. Caio Flamínio substituiu Semprônio. Depois de uma complicada travessia em um terreno pantanoso no centro da Itália, chegou à Etrúria na primavera de 217 a.C. Aníbal criou tumulto na região rural e molestava os aldeões na tentativa de atrair os romanos em outra batalha. Ele apostava no medo que Flamínio tinha em ser julgado popularmente como covarde. Quando ele se recusou a enfrentá-lo, Aníbal desligou as tropas romanas de sua rede de suprimentos. Neste ponto, o Senado Romano exigiu ação. Flamínio se preparou para a batalha perto do Lago Trasimeno, onde Aníbal posicionou suas tropas para uma emboscada. Um estreito desfiladeiro era o único acesso à pequena planície próxima ao lago. Aníbal expôs suas tropas para o inimigo próximas ao desfiladeiro para forçar um ataque romano enquanto sua infantaria pesada escondia a infantaria leve.

Mais a oeste, posicionou os cavaleiros e tropas adicionais para interceptar uma fuga romana, e para confundir ainda mais os romanos, deixavam fogueiras acesas na região desocupada de Touro. Flamínio chegou pronto para atacar antes que suas tropas, comandadas por Cneu Servílio Gêmino, se juntassem às dele. Sua impaciência foi recompensada proporcionalmente. Aníbal o atacou com um pequeno grupo que separou os soldados da frente de Flamínio do exército principal, e então os atacou com suas tropas que aguardavam nos morros. Os romanos lutaram com toda sua graça, porém não conseguiram armar um contra-ataque eficaz. As tropas mais a oeste foram jogadas no lago, a maioria da infantaria foi derrotada, e o restante recuou. Mais da metade dos 25.000 soldados romanos foram mortos. A manobra de Aníbal, na qual marchava ao redor do flanco esquerdo do oponente, foi o primeiro registro histórico de uma reviravolta militar. Flamínio foi morto, fazendo desta a pior emboscada da história militar de Roma até a Batalha de Carras contra o Império Parta.

Depois dessa desastrosa derrota, Roma finalmente começou a encarar a ameaça cartaginesa mais seriamente. A única força que seria capaz de impedir o avanço de Aníbal fora destruída. O Senado indicou Quinto Fábio Máximo como ditador, o que lhe competia total controle executivo para que interrompesse a investida de Aníbal na Península Ibérica. Este, um esperto estrategista optou por um ataque direto às tropas cartaginesas. Seu plano consistia em explorar as duas maiores fraquezas do oponente. Quanto a primeira, Aníbal tinha uma fraca fonte de mantimentos que iam de Cartago à Itália; estes dependiam do apoio dos inimigos de Roma que lhes vendiam armas, roupas, equipamentos, entre outras provisões essenciais. Já a segunda, seu exército consistia principalmente de mercenários da Gália e Espanha que odiavam Roma mais do que amavam Cartago. Eles serviam para uma batalha direta e rápida, porém não para longos cercos que requeriam paciência e equipamentos que eles não tinham.

Fábio explorou estas duas desvantagens. Ele então evitou iniciar uma batalha frente a frente com os cartagineses. O general mandava pequenas divisões para atacar os forrageadores de Aníbal, mas nunca o encarou num combate direto. Despachou vários exércitos romanos para as regiões próximas de Aníbal para limitar seus movimentos. Fábio conduziu Aníbal adentro do terreno acidentado italiano, anulando assim a vantagem de sua cavalaria. Os aldeões era instruídos a fugirem rumo às cidades fortificadas levando consigo todos os seus mantimentos e possessões, sob qualquer suspeita da aproximação do exército de Cartago, depravando-os assim de seus suprimentos e pilhagens. Nesta demorada guerra, Aníbal continuou sua jornada até o sudeste italiano, atacando cidades, cortando o fornecimento de suprimentos, e ganhando o controle dos armazéns em Canas. Invadiu a Apúlia e marchou pelas ricas e férteis províncias de Sâmnio e Capânia, mas para sua infelicidade, não teve a oportunidade de investir um pesado ataque contra o exército romano.

A estratégia de Fábio foi inicialmente um sucesso, mas desagradou os seus superiores de Roma sendo considerada uma atitude muito passiva. Os senadores mais velhos apoiavam a campanha, mas os oficiais e soldados viram como uma manobra imprópria de um exército que estava acostumado a esmagar impiedosamente seus inimigos no campo de batalha. Apesar de frear a vitória cartaginesa e enfraquecer gradualmente suas forças, a estratégia foi interrompida devido à falta de apoio do exército. Eles estavam enfurecidos pelo fato de Aníbal saquear a Itália a torto e a direito sem nenhuma oposição. Marco Minúcio Rufo, um inimigo político de Fábio, disse, "Viemos aqui para ver nossos inimigos serem abatidos, e suas propriedades queimadas, como um espetáculo a ser apreciado? E se não somos movidos pela vergonha, não seremos movidos pelos interesses dos cidadãos... um estrangeiro cartaginês, que passou pelos limites mais remotos do mundo, por causa de nossa lentidão e incompetência?"

Em 216 a.C. o Senado substituiu Fábio pelo cônsul romano Caio Terêncio Varrão e Lúcio Emílio Paulo e montou um enorme exército de 50-80.000 homens. Prepararam-se para a batalha de Canas ao longo do rio Ofanto. O plano era atacar firmemente o centro com a forte infantaria, que era flanqueada pela cavalaria. Aníbal distribuiu seu exército colocando a infantaria leve flanqueada pela infantaria mais experiente junto da cavalaria. Quando a batalha começou, conforme as forças cartaginesas avançavam, a

onda de choque remanejou os exércitos de forma que assumissem uma formação côncava. A cavalaria do flanco esquerdo lidou rapidamente com seus inimigos e deram a volta por trás dos romanos para auxiliar seus companheiros do flanco direito. A infantaria central de Aníbal lentamente recuava enquanto aqueles que estavam do lado de fora mantinham a posição. Sob seu comando, eles avançaram junto da cavalaria que flanqueava.

Essa manobra, conhecida como movimento de pinça, é considerada por muitos historiadores como a obra-prima de Aníbal. É uma forma de uma força inferior derrotar uma superior em campo aberto. O exército maior avança ao centro do menor, que por sua vez responde movendo-se para os lados, dessa forma cercando seus flancos. Uma vez que o exército maior foi dispersado, uma segunda fileira de pinças ataca os flancos mais extremos para prevenir reforços. No entanto, isso é bastante difícil de ser executado, uma vez que requer uma cavalaria muito bem treinada. É preciso também que o comandante tenha um altíssimo conhecimento sobre o terreno onde ocorre a batalha, uma vez que qualquer característica desconhecida do local pode lhe reservar surpresas do inimigo, que desmancharia a complexa sequência de eventos que são necessários para que a pinça seja executada.

Aníbal completou o procedimento com sucesso, e os romanos estavam cercados. Ele havia acertado em cheio o tendão de Aquiles. Mesmo detentores de um número inferior dizimou as forças inimigas. Mais de 50.000 homens foram mortos e 5.000 foram levados como prisioneiros. Entre os mortos estavam três cônsules, os questores e 80 dos 300 senadores da República Romana, o que representou um choque tanto psicológico, quanto físico para os romanos. Roma havia perdido um quinto de sua população de homens maiores de 17 anos por causa dessa batalha e de três outras campanhas.

A vitória de Aníbal trouxe para o seu lado várias cidades-estado romanas. Todavia, seus novos súditos não lhe forneciam tropas nem mantimentos o suficiente, problemas que o infernizavam desde o princípio de sua luta em solo estrangeiro. A Aníbal ainda lhe faltava recursos para cercar Roma, uma cidade excepcionalmente bem fortificada e que demoraria meses para ser capturada. Isso era válido mesmo para ele que conseguira capturar a segunda maior cidade da Itália, Cápua, a qual fora utilizada como base. Aníbal via que seus novos aliados italianos estavam pouco motivados a lutar, e ao mesmo tempo, a liderança de Cartago lhe oferecia pouco apoio. Maharbal, o comandante da cavalaria da Numídia, comentou uma vez, "Aníbal, você sabe como obter a vitória, mas não sabe como usá-la."

A decrescente situação da campanha italiana de Aníbal e a falta de uma resolução plausível sobre a guerra com Roma apontavam para uma conclusão inevitável. Ele era o melhor general, mas lhe faltavam recursos para conquistar o inimigo. Sendo assim, Roma buscava se ajustar de acordo. O Senado e o exército relutantemente admitiram a eficiência da estratégia de Fábio e pediram sua re-implantação. Ao conduzir Aníbal para uma segunda guerra de atrito, Roma foi capaz de reconquistar o controle da Cápua em 211 a.C. e de Siracusa depois de cercá-la. Ele ainda venceu algumas batalhas, como a destruição de dois exércitos romanos em 212 a.C. e matando dois cônsules num confronto em 208 a.C. Entretanto, seus aliados italianos pouco o apoiavam e o governo de Cartago havia lhe abandonado, seja por falta de suprimentos ou por inveja. Facções da oligarquia de Cartago que era a favor da paz, logo trataram de calar aqueles que defendiam a guerra.

Seu exército foi forçado para fora da Sicília, e Roma ganhou novamente seu controle. Na Batalha de Herdônia e Locros, Aníbal pediu para que seu irmão trouxesse reforços da Ibéria. Porém, ele não conseguiu repetir sua travessia pelos Alpes e acabou sendo morto mais tarde em batalha. A cabeça de Magão Barca foi eventualmente entregue ao seu perturbado irmão. Finalmente, em 203 a.C., depois de 15 anos de guerra na Península Itálica, o general, contra sua vontade, retornou à Cartago para repelir uma invasão por Cornélio Cipião Africano.

Aníbal entrou numa tênue negociação com Cipião. Cartago perderia suas posses europeias além de pagar uma indenização de guerra. Roma não estava confiante de que Cartago cumpriria os termos do tratado, mas havia conquistado concessões desejadas de um inimigo derrotado. A instável paz se viu

ameaçada quando Cartago teve um novo surto de confiança com o retorno de seu líder e a derrota da marinha romana no Golfo de Tunes, porém essa sensação durou pouco. Cipião derrotou a cavalaria de Aníbal na batalha de Zama e neutralizou os efeitos de seus elefantes. O general romano usava as manobras cartaginesas contra eles mesmos, atacando o flanco traseiro de Aníbal, levando a um colapso da formação. Ele foi derrotado e seu exército rendido. Com a perda de 20.000 tropas, Cartago percebeu que a Segunda Guerra Púnica já não era mais vencível. O sonho do Império Cartaginês havia acabado.

Mesmo sendo cortado de seu cargo pelos líderes políticos de Cartago, Aníbal foi capaz de encontrar um novo jeito de servir seu estado como sufete. Esta não era uma posição de prestígio, mas ele conseguiu incrementar os sistemas financeiros e judiciais cartagineses. O homem de 43 anos de idade instituiu reformas como a reestruturação do sistema econômico da cidade-estado e alterando o 104, um termo dos juízes do conselho de Cartago. A cidade-estado viveu um período próspero.

Provando que toda boa ação tem sua recompensa, estas reformas representaram o último feito de Aníbal. A nova estrutura econômica fez com que os aristocratas no poder ficassem temerosos de perderem o posto. Sempre invejosos de Aníbal, informaram ao Senado Romano de que a nova aliança de Aníbal com o Império Selêucida era parte de um plano maior de invadir a Itália. Sendo verdade ou não, Roma ordenou a rendição de Cartago. Se recusando, Aníbal ficou exilado na corte do Rei Antíoco na Síria em 195 a.C.

Os selêucidas decidiram invadir a Grécia como o primeiro passo da invasão em Roma. Aníbal se ofereceu para liderar o exército, mas foi colocado no comando de uma pequena frota de navios por indicações dos conselheiros de Antíoco. Ele então tentou convencer o rei selêucida a invadir a Itália com um exército sob seu comando. A ideia nunca seguiu adiante. Roma, temendo outro ataque à Itália, lançou uma ofensiva contra os selêucidas, derrotando-os nas Termópilas em 191 a.C. Eles foram decisivamente derrotados na Magnésia do Sípilo em 190 a.C. por Cipião Asiático.

Para evitar os romanos, Aníbal teve de fugir mais uma vez. Buscou refúgio na corte armênia de Artaxias, depois Creta, e finalmente na corte do rei Prusias I da Bitínia. Ele serviu Prusias com a intenção de convencê-lo a atacar Pérgamo, aliada romana. Aníbal serviu como seu comandante naval e venceu o rei Eumenes II de Pérgamo. Em uma de suas vitórias navais, ele atirou grandes potes contendo cobras venenosas nos navios inimigos. Derrotou Eumenes em duas batalhas por terra, porém Roma interveio. Eles ameaçaram a Bitínia para que se desfizessem de Aníbal. Ao invés de se render, ele se envenenou em 182 a.C.

Mesmo tendo falhado em seus objetivos militares, o legado da resistência de Aníbal lhe é colocada como sendo um dos maiores estrategistas de todos os tempos. Sua vitória em Canas e a habilidade de atacar o flanco mais fraco do inimigo foram recriadas por vários generais nos tempos até mais recentes, como a operação Desert Storm, da guerra do golfo, em 1991. O general americano Norman Schwarzkopf empregou sua estratégia com sucesso, mesmo com suas vantagens tecnológicas como satélites e F-14s se comparada com a cavalaria, lanças e elefantes de Aníbal. Eles moveram as forças americanas de forma a cercar os iraquianos depois de uma guerra de 100 horas, ao conseguirem bem sucedidamente atacar o flanco de trás.

Analisando o sucesso de Aníbal em batalha, é claro de que vencer a batalha não é o mesmo de que vencer a guerra. Sua falta de habilidade em formar uma aliança permanente com as cidades romanas acabou com a sua invasão.

Mas talvez seu maior legado seja a esperança inspiracional entre aqueles que enfrentam confrontos impossivelmente longos. Quando foi dito pelos seus generais que atravessar os Alpes com elefantes seria impossível, ele respondeu com a frase em latim ("Ou eu encontro um jeito, ou invento um"). O historiador Theodore Ayrault Dodge credits esse atributo como sendo a principal fonte de seu sucesso e a parte mais distinguível de seu legado.

Ele o vangloria como sendo o maior comandante militar, figura inspiracional, e, sobre tudo, patriota:

“Aníbal se destacou com sua técnica. Nenhuma batalha na história nos fornece um melhor exemplo disso do que em Canas. Mas ele era também grandioso em logística e estratégia. Nenhum capitão jamais marchou por entre tantos exércitos com números de tropas e materiais superiores aos seus de uma forma tão destemida e habilidosa quanto ele. Nenhum homem jamais sobreviveu por tanto tempo ou tão habilmente em tais condições. Constantemente superado por melhores soldados, liderado por generais sempre respeitáveis, geralmente de grande habilidade, e que ainda assim dificultaram os esforços de sua ida até a Itália por meia geração. ... Como soldado, no semblante que ele exibia para seus mais robustos inimigos e na firmeza que ele se mostrava mesmo na mais amarga adversidade, Aníbal permanece inigualável. Como homem, nenhum personagem na história representa uma vida mais pura, ou um patriotismo mais nobre.”

Capítulo 3

Júlio César (100-44 a.C.):

O Maior Estadista da História e Pai do Poder Imperial

Brutus e Cássio, os assassinos de Júlio César, aprenderam do jeito mais difícil que o pior lugar do inferno é ocupado por aqueles que desprezam o imperador. No Inferno de Dante, os dois senadores romanos são condenados a passar toda a eternidade no círculo mais baixo do inferno. Lá, junto de Judas Iscariotes, são mastigados cada um em uma das três bocas de Satã, para sempre sendo dilacerados, mas nunca mortos. As infelizes almas formam o triunvirato dos maiores traidores da história e constituem o pior de todos os pecados - traírem seus benfeitores.

A referência de Dante aos romanos não foi feita por puro efeito literário. Ele e seus conterrâneos italianos ainda sofrem com a morte de Júlio César mesmo 1.300 anos depois. É suposto que caso ele não tivesse morrido, a Itália nunca teria se fracionado em pequenas cidades-estado como foi na Idade Média e talvez ainda tivesse o poder global em suas mãos.

Júlio César o teve durante sua vida e recebeu a reputação de vencer praticamente todas as batalhas. Ele personificava a altura do poder militar e político. Seu sobrenome, César, que era comum naquela época não tinha nenhum significado especial até então; somente após sua morte é que se tornou sinônimo de "rei" e "imperador" em diversas línguas ("Kaiser", em alemão, "Czar" em russo, "Qaysar" em árabe e "Sezer" em turco). Suas conquistas não mudaram só o Império Romano, mas também a história política e militar da civilização ocidental.

Apesar do seu sucesso, César não era um homem da carreira militar, esta só começou bem depois como um produto de sua ambição e fidelidade a Roma. No entanto, sua abordagem implacável e superioridade estratégica foram continuamente comprovadas. O Império Romano se expandiu ao norte até a Inglaterra, e ao sul até o Egito. Ao contrário de Aníbal, sua perspicácia política se equiparava a sua habilidade militar. César foi capaz de transformar suas vitórias no campo de batalha em expansão política e um governo permanente que durou por séculos após sua morte.

Júlio César veio de uma família patrícia, que alegava serem descendentes do troiano Eneias, que de acordo com a lenda era filho de Vênus. O pai de César governava a província da Ásia. Pouco foi guardado sobre sua infância, mas se sabe que quando tinha dezesseis anos, seu pai morreu e ele se tornou o cabeça da família. César obteve um poderoso apoio quando sua tia se casou com Caio Mário, um oficial de alta influência na República Romana.

Uma guerra civil eclodiu entre Mário e seu rival, Lúcio Cornélio Sula. Assim que Mário subiu de cargo, nomeou César como o sacerdote chefe de Júpiter. Era uma posição religiosa que acompanhava um poder político significativo, coisa comum na oligarquia romana que andava de mãos dadas com a teocracia. Casou-se com Cornélia, a filha do aliado de Mário, Lúcio Cornélio Cina. Esta incumbência de César foi curta; quando Sula levou a melhor sobre Mário, este perdeu seus dotes. Apesar de suas fortunas terem rapidamente se esvaído, o jovem sacerdote se recusou a largar sua esposa. Sua mãe estava disposta a intervir por sua família e salvá-lo da execução ajudando-o a fugir de Roma.

César se juntou ao exército, pois era a forma mais simples de escapar. O início da sua carreira militar era respeitável, mas banal. Retornou a Roma depois da morte de Sula e assumiu uma carreira jurídica. César rapidamente passou a ser conhecido por um promotor talentoso, ao fazer uso de sua tremenda habilidade oratória para cumprir justiça aos governantes corruptos. Seu cargo requeria que viajasse, o que representava um perigo durante suas idas até os limites da República.

Uma vez, César foi raptado por piratas e cruzou o Mar Egeu. Sua poderosa personalidade não diminuiu apesar da ameaça à sua pessoa. Quando seus apreensores pediram uma quantia de 20 talentos de prata, ele respondeu então que esse valor fosse aumentado para 50, desde que mantivesse sua estatura social. Em talvez um das histórias mais memoráveis de vingança na história, ele também prometeu aos piratas que depois que fosse solto, ele iria crucificá-los pessoalmente. Eles pensaram que fosse brincadeira. Quando o resgate foi pago, César organizou uma esquadra que perseguiu, capturou e aprisionou os piratas. Todos eles foram crucificados sob sua autoridade.

Sua carreira militar mais uma vez se juntou de assuntos militares quando em 89 a.C., assumiu o cargo de tribuno militar e questor na Espanha. Sua mulher morreu no mesmo ano; dois anos depois, se casou com a filha de Pompeia, a neta de Sula. Em 63 a.C., após seu retorno da Espanha, participou de uma eleição romana e recebeu o posto de *Pontifex Maximus*, ou sacerdote chefe de Roma. Numa eleição calorosamente contestada, venceu dois grandes oponentes. Depois de terminado o seu mandato, retornou à Espanha onde foi governador. Mesmo com sua ascendência no meio político, a situação financeira de César ainda não era das melhores. Formou uma aliança com Marco Licínio Crasso, um dos homens mais ricos de Roma, que lhe pagou algumas de suas dívidas e foi seu fiador em troca de apoio político.

Ele retornou às províncias para completar seu mandato para evitar perseguição por conta de suas dívidas. Na Espanha, liderou tropas romanas que saíram vitoriosas contra tribos locais e reformou o sistema jurídico. Terminadas suas ações, retornou à Roma para ser cônsul, a mais alta magistratura da República. Divorciou-se de Pompeia e se casou com Calpúrnia, a filha de outro senador poderoso. Formou uma aliança conhecida como o "Primeiro Triunvirato" com Crássio e seu rival político, Pompeu. Era a camarilha que controlava as negociações públicas com seu dinheiro e influência. A aliança estava completa com o casamento de Pompeu com Júlia, a filha de César.

César colaborou com Pompeu na concessão de terras como uma compensação dos antigos soldados de Pompeu na Ásia. Seu período como governador da EspO influenciou. Embora estivesse a caminho de assumir o governo novamente, a aristocracia queria limitar o seu poder. Os seus temores tinham fundamento; no entanto, a vontade de César prevaleceu e se tornou governador da Gália Cisalpina e Ilírico. A morte do líder da Gália Narbonense lhe rendeu uma área a mais.

Como foi discutido no capítulo 1, César passou por uma crise existencial quando um grupo composto de cerca de 30 estadistas observava a estátua de Alexandre, o Grande e percebeu que o general macedônio tinha completado todos os seus feitos antes de chegar à idade de César. Como resultado, iniciou sua campanha na Gália em 58 a.C. na busca por ocupar um lugar no panteão dos maiores generais da história. Seus outros propósitos da campanha foram glória pessoal e fim de suas dívidas.

A campanha não era uma tarefa fácil, uma vez que a área tinha suas instabilidades devido às guerrilhas das tribos germânicas. O primeiro combate de César foi contra os helvécios na Batalha de Bibracte. Os helvécios tentaram entrar na Gália Narbonense. Quando foram detidos, seguiram pelas terras dos éduos, aliados romanos. Quando os helvécios foram ordenados a se usarem como reféns, recusaram e continuaram adiante. Em Bibracte, os helvécios pensaram que os romanos tinham recuado para reabastecer. Na verdade, os romanos ocupavam um terreno mais alto e dali arremessaram diversas lanças sobre os helvéticos, seguido de um ataque da infantaria. Os helvéticos não tiveram escolha a não ser recuar depois que seus suprimentos foram capturados.

No mesmo ano, a tribo dos suevos ameaçava cruzar o Reno e invadir os éduos, violando assim um tratado com Roma. César marcou um encontro com o comandante suevo, Ariovisto, para se garantir das suas intenções, mas teve pouca confiança em sua aparente honestidade. Este já tinha atravessado o Reno e suas tropas iniciaram pequenos conflitos contra os romanos. César se preparou para o ataque. Alinhou seu exército numa formação de três colunas. Assim que os germanos iniciaram a investida, a cavalaria romana liderada por Públio Crasso contra-atacou. Os germanos bateram em retirada imediatamente. Mais de 100.000 suevos foram mortos. E nunca mais cruzaram o Reno.

Em 57 a.C., o próximo desafio de César era contra a Gália Bélgica, localizada atualmente entre a Bélgica e norte da França. Os belgas eram considerados guerreiros violentos e portadores de uma bravura incomum. As tribos se aliaram em unanimidade contra o exército romano, chegando a números superiores a 288.000 homens. César evitou um contato direto em batalha contra essa força massiva e preferiu se utilizar de pequenas lutas travadas entre a cavalaria e os membros da tribo. Sua estratégia era a de isolar as tribos e derrotá-las pouco a pouco.

Os ataques iniciais de César envolviam infantaria, cavalaria, soldados rasos e arqueiros. Depois, vinham as torres de cerco. Assim que as tribos iam sendo derrotadas pelos romanos uma a uma, a área logo foi conquistada. Os únicos restantes entre os belgas eram os nérvios. Eles sabiam que a campanha romana poderia ser paralisada caso as rotas de suprimentos fossem separadas da cavalaria. Os nérvios primeiro atacaram a cavalaria e depois os trabalhadores que montavam o acampamento. César percebeu que uma ação deveria ser rapidamente tomada e prontamente reuniu uma força de contra-ataque. Ele próprio liderou a investida, encorajando seus homens a darem tudo de si na batalha. Os romanos avançavam, mas os nérvios continuavam a se manterem firmes no flanco direito. Os valentes nérvios se deram conta de que o fim da batalha estava próximo quando avistaram duas legiões romanas saindo de trás dos comboios de carga. Estas tropas recém-chegadas se juntaram com as que já estavam ali e finalmente venceram.

Se entender com os ferozes membros das tribos foi o feito mais notável da campanha na Gália. Em 56 a.C., mensageiros romanos foram até as tribos da Gália exigindo grãos e provisões para as tropas. Os mensageiros foram capturados pelos vênetos. Um povoado da costa marítima que vivia na atual Bretanha. Eles prometeram soltar os mensageiros somente quando fossem libertos os seus reféns. César não estava no clima de negociação nem de ver seus soldados sendo usados como instrumento de barganha. Ele invadiu as fortalezas e ergueu armas de cerco para passar pelas defesas. Os vênetos fugiram em seus barcos usados para comércio, que eram movidos a vela e não tinham remos. Júnio Bruto assumiu o comando da frota naval romana e destruiu as velas e os cordames dos vênetos. Quando os ventos repentinamente pararam de soprar, os vênetos ficaram encalhados. Renderam-se. César os usou como exemplo para as outras tribos da Gália o que acontece com aqueles que são desleais à República: todos os membros do governo foram decapitados; o restante foi vendido como escravo.

Em 55 a.C., César fez a primeira de suas duas viagens pelo Cabo da Mancha em direção à Grã-Bretanha. A viagem, devido a uma forte tempestade, quase terminou em desastre. Na sua segunda excursão, derrotou a tribo dos catuvelanos, mas falhou ao penetrar mais a fundo na ilha, deixar tropas, ou dar algum passo em direção a anexá-la sob as ordens romanas. A ilha permaneceu independente por mais de um século depois.

Sua reputação como um competente comandante em batalha não passou despercebida pelo Senado Imperial. Somada às suas próprias vitórias militares, César era frequentemente chamado para prestar auxílio em difíceis batalhas onde generais romanos encontravam problemas em silenciar rebeliões. Os gálicos se revoltaram em 54 a.C., liderados por Ambiorix, dos eburões. Eles venceram a batalha principal em Atuatuca Tunngorum, onde hoje é a Bélgica. César foi até o local com a finalidade de impedir maiores perdas romanas. Ele, por sua vez, destruiu os eburões. Uma segunda revolta liderada por Vercingetórix, chefe dos arvernos, tentava cortar a rota de suprimentos do exército romano, obrigando César a retornar à Itália e liderar o ataque. Ele capturou a cidade de Avaricum (atual Bourges), mas falhou ao tentar o mesmo em Gergóvia. César então cercou Vercingetórix na Alésia, derrotando-o. Com esta decisiva vitória, as Guerras Gálicas finalmente tinham chegado ao fim. César havia se efetivado como sendo o comandante militar mais poderoso de Roma.

O término da primeira guerra coincidiu com o fim do Primeiro Triunvirato. Crássio morrera em batalha, e Pompeu, o líder do Senado, havia se aliado com os oponentes de César. Pompeu ordenou que César retornasse à Roma em 50 a.C. devido ao fim de seu período como governante. César estava

preocupado com as ações judiciais que poderiam recair sobre sua pessoa. No feito mais famoso de sua carreira, enquanto atravessava o Rio Rubicão com somente uma legião, proferiu em suas margens a célebre frase: "A sorte está lançada" (*Alea jacta est*). Isto significou o início da guerra civil. Pompeu e o Senado, apesar de terem mais tropas, escaparam rumo ao sul enquanto César foi declarado ditador.

César foi primeiro à Espanha derrotar os tenentes de Pompeu, deixando Roma nas mãos de Marco Antônio. Ele os derrotou depois de 27 dias de caminhada. César depois foi atrás de Pompeu na Grécia e o venceu em Farsalos. Pompeu escapou, e César seguiu em seu encalço até o Egito. Eles finalmente se encontraram, mas não do modo que o novo imperador esperava; César se deparou com a cabeça do ex-aliado que havia sido morto há pouco tempo pelos conselheiros do rei Ptolomeu XIII. César encarou a morte de Pompeu como um insulto e fez com que seus assassinos fossem executados.

Ainda no Egito, se envolveu numa guerra local para que pudesse estender sua influência política sobre este Estado. Aliou-se a Cleópatra VII, irmã do rei Ptolomeu XIII. Em 47 a.C., César foi cercado em Alexandria com uma pequena tropa de 4.000 homens. Ptolomeu, a criança faraó, fugiu de Alexandria e esperava acabar seu transporte de mantimentos. César convenceu seu aliado, Mitrídates de Pérgamo, a juntar-se a ele no Egito. Juntos, somaram forças de 20.000 que enfrentaram Ptolomeu na Batalha do Nilo. Seu exército usava piques, enquanto os romanos atacavam com lanças, escudos e espadas. César atacou os egípcios se utilizando de chuva de lanças e passando do limite do pique usando os escudos e matando-os com as espadas. Roma venceu uma decisiva batalha. César agora governava o Egito e colocou Cleópatra e seu irmão, Ptolomeu XIV, no trono. Permaneceu no Egito por vários meses e teve relações mais íntimas com a jovem rainha. Apesar de serem incapazes de se casar, de acordo com as leis romanas por ela não ser uma cidadã, os dois assumidamente tiveram um filho, Cesarião.

As duas últimas vitórias militares de César foram contra Ponto no Oriente Médio, os filhos de Pompeu na Espanha, e os restantes de seus apoiadores na África. Ambas as vitórias foram executadas rapidamente e tomaram apenas alguns meses. Esta vitória lhe rendeu o reconhecimento de uma década como ditador. Ele se utilizou desse enorme poder político de seus anos finais para concluir assuntos mal resolvidos na periferia do império e fazer uma reforma política. César centralizou o governo com a finalidade de amenizar as resistências armadas nas províncias e os casos de corrupção e homogeneizar o império de Roma até as suas extremidades. A nova legislação abrangia tudo, desde reforma de débitos e períodos de regência dos governadores até compra de grãos. Substituiu o calendário lunar romano pelo solar, conhecido como calendário juliano. Foi-se estabelecida uma força policial. Cartago e Corinto foram reconstruídas. O Senado o nomeou censor vitalício e Pai da Pátria.

Ele não se intimidava perante seus súditos que o idolatravam. Moedas eram cunhadas com sua imagem, e estátuas onde ele sentava numa cadeira de ouro eram erguidas no Senado. Quando voltou a Roma depois de suas últimas batalhas, a cidade sediava jogos que envolviam disputas entre gladiadores, uma batalha naval na bacia inundada de Campo de Marte, caça de animais que envolviam 400 leões e milhares de prisioneiros que lutavam até a morte no Circo Máximo.

Mas ele não era universalmente adorado. Certos membros da aristocracia desprezavam seu novo papel como ditador e a destruição da República. Facções se formaram contrárias a ele. No dia 15 de março de 44 a.C., acordou se sentindo mal. Uma vidente lhe disse para tomar cuidado durante os idos de março. E para piorar, sua esposa sonhou que ele fora assassinado e pedia para que ele não deixasse a casa.

Um grupo de senadores haviam lhe chamado ao fórum para que lesse uma petição que se tratava de devolver seu poder ao Senado. Quando chegou no saguão de encontro, ele se viu rodeado por um grupo de senadores. De acordo com a lenda, Tílio Cimbro se ajoelhou diante dele e agarrou seu roupão de cor roxa. Suetônio diz em seus relatos que ele clamou a Cimbro, "Por que, essa violência!" Casca então sacou seu punhal e rasgou o pescoço do ditador. César agarrou seu braço e disse, "Casca, seu patife, o que estás fazendo?"

Os outros membros da conspiração apoiaram Casca e atacaram César. Fincaram seus punhais nele, incluindo Brutus. Ao recair o olhar sobre seu amigo, César deu seu último suspiro, "Et tu Brute?" O comandante que havia dispersado suas ordens da Gália ao Egito morreu aos pés da estátua de Pompeu, seus 23 ferimentos derramavam o sangue que escorria sobre o chão de mármore.

A vida de César terminou, mas o império perdurou por mais quatro séculos na sua forma unificada e catorze séculos na forma de seu Estado filho, o Império Bizantino. Seu legado como um comandante vitorioso é bem merecido, mas o interesse que desperta nos historiadores não é devido ao seu sucesso em batalha. A história é cheia de líderes corajosos, como Gengis Khan, Alexandre e Tamerlão, cujos impérios sucumbiram após suas mortes. O que distingue César é o fato de tornar estas conquistas vigentes, devido sua sensatez política, o que não foi um feito simples, como demonstrado na aliança do Primeiro Triunvirato. Mas este foi um legado que nem os mais hábeis comandantes atingiram.

Foi reconhecido como um dos maiores estadistas romanos, mesmo entre as décadas seguintes. O biógrafo romano, Plutarco, diz que "se alguém compará-lo com homens como Fábio e Cipião e Metellus, e com os homens de seu próprio tempo ou um pouco antes como Sula, Mário, os dois Lúculos, ou até mesmo Pompeu, cuja fama de excelente militar estava desabrochando e chegando aos céus, César será capaz de superá-los todos em suas conquistas.

Talvez, a sua maior indicação tenha vindo do próprio Jesus Cristo. No início do primeiro século, líderes religiosos judeus pregaram-lhe uma armadilha, com o intuito de calá-lo por estarem temerosos de que as palavras causassem uma rebelião dos israelitas contra os otomanos que terminariam por cortar-lhes a cabeça. Perguntaram-no se era apropriado o pagamento de taxas ao Império Romano, uma instituição política pagã que muitos israelitas julgavam desabar diante do Messias. Ele ergueu uma moeda para o povo, onde se via cunhada a imagem de César, e perguntava quem aquela figura representava. Ao receber sua resposta, Jesus disse "A César o que é de César, e a Deus o que é de Deus."

Tal é o legado de um homem cujo poder era tão amplo que até mesmo o fundador do cristianismo reconhecia que ele controlava os domínios políticos da Terra.

Capítulo 4:

Khalid ibn al-Walid (592-642):

“A Espada de Deus” e Comandante-chefe do Califado Muçulmano

Khalid ibn al-Walid - apelidado de "Espada de Deus" por Maomé - teve um estranho relacionamento com a religião islâmica. Por um lado ele era diretamente responsável por sua explosão afora da Península Árabe no início do século VII. Liderou seus exércitos na conquista do Iraque, Jordânia, Palestina e Síria, na maioria das vezes contra inimigos maiores. Khalid nunca perdeu uma batalha em mais décadas, inclusive aquelas que destruíram o Império Persa e aleijaram o Império Bizantino.

Seu sucesso tático na Batalha de Jarmuque e Walaja ao utilizar guerreiros montados lhe rendeu o título de um dos maiores comandantes da cavalaria da história. Foi nominado pelo príncipe Ukaid de Domat ul Jandal, que naquela época era conselheiro de um inimigo Khalid, que "Nenhum homem é igual numa guerra. Ninguém que enfrentou Khalid em batalhas, seja forte ou fraco, tem outro resultado a não ser a derrota. Aceite meu conselho e faça as pazes com ele."

E ainda, seu sucesso lhe tornou uma figura paradoxal no início da religião. O comandante foi o único general a vencer o exército de Maomé em combate. Essa derrota ameaçou o fim do islamismo já no seu surgimento, uma vez que Maomé costumava alegar que seu sucesso militar era uma prova da benção de Alá. Este paradoxo só foi resolvido com a conversão de Khalid para o Islã, seguido de uma trégua após a batalha de Uhud.

No entanto, suas estonteantes vitórias sob o reinado dos califas abu Bakar e 'Umar fez com que ambos temessem que aquele ganhasse apoio popular o suficiente para que fosse instaurada uma rebelião. 'Umar solucionou suas preocupações ao retirar o general do comando e desligando-o de seus deveres militares. Khalid passou sua "aposentadoria" e o resto de sua carreira como um soldado raso, chocando sua espada contra seus oponentes na batalha em campo.

Em seu histórico, constata-se que venceu mais de 100 batalhas e não perdeu nenhuma. Suas conquistas espalharam uma nova religião além de seu berço arábico, invadindo enormes espaços de terra da Pérsia e do Bizâncio, os dois maiores e mais poderosos impérios da época. Igualmente importante, Khalid ibn al-Walid era um ótimo estrategista que nunca hesitou em enfrentar um exército maior que o seu. Sem sua liderança, as tropas islâmicas poderiam ter sido destruídas e esta religião estaria confinada aos recônditos da história como mais um movimento heterodoxo que falhou. Suas conquistas mudaram a história do Oriente Médio e o destino do Islã; propelindo-o à sua atual posição.

Khalid nasceu de uma família rica em Meca em 584. Pertencia à tribo dos coraixitas, a mesma onde Maomé se originou. Seu pai, Walid ibn al-Mughirah, era um líder respeitado e generoso que se opunha à nascente religião islâmica. Maomé sofreu um distanciamento de sua tribo após a morte de seu tio, Abu Talib, o líder de seu clã, em 619. A elite de Meca se opunha à sua carreira profética, particularmente depois que rumou a Medina. O pai de Khalid era um zelador assíduo da Caaba, um local sagrado no período pré-islâmico.

Walid providenciou a Khalid uma educação militar, pois era o chefe do Banu Mahkzum, um clã dos coraixitas que era responsável por aquilo que remetia à guerra. Khalid era um jovem forte e seu treinamento o preparava para uma vida de soldado e guerreiro. De acordo com a lenda, ele chegava a tomar pequenas doses de veneno para fortalecer seu sistema imune.

Era descrito pelos cronistas como sendo alto, forte, e de ombros largos. Exibia uma enorme força física e era um lutador campeão. Khalid era, como muitos nômades da tribo, um bom cavaleiro e tinha bons conhecimentos sobre armas. Era mortal com qualquer uma delas, seja com a lança, arco, e claro,

com a espada. Além do mais, era incapaz de engolir uma derrota. Quando jovem, amargurou uma derrota dos coraixitas pelos exércitos de Maomé e jurou vingança.

Khalid teve sua chance na batalha de Uhud. O pretexto da batalha era o contínuo desentendimento entre a recém nascida religião islâmica e as tribos da Arábia. A confederação coraixita lutou muitas batalhas contra a comunidade muçulmana em Medina, uma vez que várias caravanas de mercadores foram alvo de Maomé e seus seguidores. O exército muçulmano estava pronto para a batalha, mas os coraixitas tinham números superiores. No ano de 625, enfrentaram-se no Monte Uhud, noroeste da Arábia. Os coraixitas conseguiram abalar a formação do exército dos muçulmanos, mas estes reagruparam e contra-atacaram com seus habilidosos arqueiros. Os coraixitas persistiram, mas foram encurralados pelos muçulmanos.

Os coraixitas temerosos em repetir a derrota como aconteceu em Badr em 624, bateram em retirada, deixando seus equipamentos pra trás. Os muçulmanos observaram os coraixitas deixando o campo de batalha e viram todo aquele material espalhado pelo campo esperando para ser saqueado. Violando as ordens de Maomé, os arqueiros muçulmanos abandonaram os seus postos para se juntarem à pilhagem. Khalid viu esta oportunidade e reuniu sua cavalaria. Contra atacou o preocupado exército muçulmano, trazendo caos entre seus soldados. Enquanto atacava, outros membros coraixitas se aderiram à causa, e juntos derrotaram seus adversários de Medina, chegaram inclusive a ferir Maomé. Em 627, lutou contra o mesmo exército na Batalha da Trincheira, sua última batalha contra Maomé antes de se converter ao Islã.

Depois da Batalha das Trincheiras, um acordo de paz de 10 anos foi assinado entre muçulmanos e os coraixitas de Meca em 628. Com o fim do acordo, Khalid começou a conhecer mais a fundo a região islâmica. Seu irmão, Walid ibn Walid, fora capturado na batalha de Uhud e, após ter feito o pagamento para ser libertado, retornou à causa de Maomé e se converteu ao Islã. Walid por sua vez escreveu cartas à Khalid na tentativa de convertê-lo.

Alguns aspectos da religião lhe agradavam, particularmente sua ênfase no monoteísmo. Mesmo antes de sua conversão, ele já era contrário à toda idolatria que era amplamente praticada na Arábia. Maomé estava confiante de que um homem com tamanha habilidade e temperamento acerado eventualmente apareceria. De acordo com um historiador, ele disse a Walid: "Um homem como Khalid não ficará distante do Islã por tanto tempo." O profeta estava certo. Em 629, se juntou a Maomé em Medina e declarou sua fidelidade tanto como soldado, quanto como discípulo religioso.

Ainda em 629, Maomé convidou o gassânida governante da Síria, um vassalo bizantino, a se converter ao islamismo. Enquanto seu emissário estava seguindo rumo à corte para entregar sua mensagem, um chefe dos gassânidas o matou, iniciando assim um incidente diplomático. Maomé mandou parte de suas forças para vingar o ataque, liderado por Zayd ibn Harithat.

Na batalha de Mu'tah, Zayd seus dois comandantes foram mortos, deixando então suas tropas totalmente à deriva. Khalid recebeu uma promoção e agora liderava 3.000 homens contra uma tropa composta de 200.000 bizantinos e gassânidas. Liderou uma recuada estratégica, fazendo o inimigo acreditar que havia uma força muito maior esperando pelo ataque.

Entre seus atos de guerra psicológica, ele colocava colunas atrás de seu exército principal e se juntava ao exército dos muçulmanos em pequenos grupos, criando a ilusão de que havia reforços chegando. Durante essa batalha, dizem que somente ele foi responsável por quebrar nove espadas em meio ao combate. Os bizantinos acreditavam que realmente estavam chegando reforços e eventualmente se retiraram. As forças muçulmanas, agora em segurança, retornaram a Medina. Maomé, percebendo a inteligência tática de Khalid, lhe conferiu o título de "A espada de Alá."

Um ano mais tarde, Khalid comandou um dos quatro grupos que invadiram e conquistaram Meca por quatro rotas diferentes. A invasão foi pacífica, apesar de Khalid ter encontrado alguma resistência. Também esteve envolvido na conquista de Tubak e duas expedições a

ul-Jandal na Arábia; uma para converter o príncipe Ukaydir, outra para destruir o ídolo pagão Wad. Foi então enviado para converter a tribo Banu Jadhimah. Quando estes passaram a resistir, começaram a ser executados. Isso enfureceu Maomé, que não acreditava no mérito da violência, apesar de ter agido da mesma forma em circunstâncias similares, indenizando as vítimas como forma de oferecer alguma compensação. Em 631, participou da peregrinação de despedida de Maomé. O profeta do Islã morreu neste mesmo ano.

Depois da morte de Maomé, uma rebelião entre as tribos da jovem religião ameaçava eclodir e envolvido nisso, estava Khalid. Ele por fim chegou a uma posição de poder dentro da facção vencedora. A comunidade muçulmana optou por uma substituição do líder de sua religião. A pessoa era conhecida como o califa ("sucessor" ou "representante" em árabe) e o domínio de sua influência era chamado de califado.

Assim como o Papa na Idade Média, o califa detinha os poderes políticos e espirituais em suas mãos. Mas, ao contrário do Papa, o califa só foi reconhecido como o líder universal de sua religião apenas algumas décadas antes da comunidade se dividir. O primeiro califa foi Abu Bakr (632-634). Ele estava entre os primeiros convertidos do Islã, era o sogro de Maomé que havia se casado com sua filha A'ishah. O segundo foi 'Uma (634-644), que lutou contra o Império Bizantino ao norte e rodeou completamente o Império persa em 636, que existia por mais de 1.000 anos. E na linha de frente desses exércitos estava Khalid.

O califa Abu Bakr rapidamente silenciou as revoltas, que eram formadas por rebeldes que alegavam terem se submetido apenas a Maomé como profeta, mas não seu sucessor. Khalid e seu exército foram enviados contra essas poderosas tribos da Arábia central numa série de batalhas conhecidas por Guerras Ridda. Para manter a paz, foi para Nejd, onde Banu Tamim vivia. A maioria das tribos dessa região era aliada de Abu Bakr.

No entanto, Sheik Mlik ibn Nuwayrh, que detinha certo poder local, foi relutante em cooperar. Ele concordou em pagar tributos, desde que estivesse junto de Sajjah, que dizia ser uma profetisa. Sheik Mlik ibn Nuwayrh, desrespeitava abertamente Abu Bakr com atitudes irreverentes frente às suas ordens. Khalid ordenou a execução do sheik, e, após concluída, casou-se com sua viúva, Layla. Abu Bakr achou detestável a atitude de matar um companheiro muçulmano e se casar com sua mulher. Ameaçou apedrejar Khalid, mas não passou disso. Em 632, todas as rebeliões haviam acabado.

A Arábia agora estava unida sob a autoridade de Abu Bakr, o califa que agora olhava com olhos pretensiosos seus vizinhos poderosos. Em 633, apesar dos acontecimentos anteriores, colocou Khalid no comando de uma campanha do califado na Mesopotâmia, área pertencente ao Império Persa. Este liderou uma tropa de 18.000 soldados com a missão de capturar as províncias mais ricas do império. Khalid encontrou pouca resistência dos iraquianos, que os reconheceram como libertadores, pois rapidamente perceberam que seria mais vantajoso lutar ao lado dos muçulmanos que ao lado dos persas.

Suas vitórias sobre os persas rapidamente aumentavam em número. Venceu, em abril de 633, a primeira batalha travada entre o califado Rashidun e o Império Persa, e a Batalha do Rio, poucas semanas depois. Nessa segunda batalha, muitos veteranos persas e sobreviventes da primeira abandonaram seu exército e se juntaram aos muçulmanos, lutando contra seus ex-companheiros.

A vitória mais famosa de Khalid foi na Batalha de Walaja em maio de 633. Khalid e al-Muthanna ibn Haritha lutaram contra um exército persa reforçado por aliados árabes que somavam um número pelo menos três vezes maior que o deles. Ele implementou uma variação da técnica de Aníbal que consistia em rodear o inimigo enquanto este avançava esmagá-lo por ambos os flancos. Esta foi a segunda vez na história que essa manobra complexa foi bem executada. Historiadores acreditam que Khalid desenvolveu essa manobra por conta própria, uma vez que ele não era familiar com a história militar romana.

Encarou os persas com 5.000 cavalos e 10.000 homens a pé. O comandante persa Andarzagar confiava em sua superioridade numérica e permitiu que os muçulmanos iniciassem o ataque, na esperança

de lançar uma potente contra-investida. A estratégia persa funcionou no começo da batalha, quando Andarzanghar conseguia substituir os homens do *front* com seus reforços, freando as tropas de Khalid.

Os persas então contra-atacavam com sua cavalaria pesada o *front* muçulmano. Khalid permitia o recuo do centro da formação, enquanto os flancos se mantivessem firmes. Sob suas ordens, a cavalaria leve se juntava, atacava, recuava, reagrupava e atacava novamente. Sua crescente formação diminuía os números dos persas rapidamente, uma vez que a cavalaria pesada tinha uma resposta muito devagar. O exército muçulmano atacava seus flancos, formando um círculo em volta deles. Os persas estavam completamente cercados. Já não havia mais exército, os que não tinham sido mortos escaparam.

O fato de Khalid ter efetuado essa manobra de forma tão eficiente logo no início da sua carreira, provou que era um estrategista promissor. Depois de Walaja, venceu a batalha de Ullais no meio de maio de 633. Mais tarde naquele mês, Al-Hira, a capital regional persa da Mesopotâmia, foi conquistada. Os habitantes concordaram em pagar impostos para os seus conquistadores. Depois sitiou Anbar, que não foi tão fácil de ser conquistada quanto as outras cidades por causa da grande resistência de seus habitantes. No final Khalid terminou o cerco ao utilizar arqueiros muçulmanos, forçando a cidade a se render.

Ele conquistara a maioria das terras ao norte do Eufrates. Mas conquista não significa consolidação de poder. Khalid teve de responder ao pedido de socorro enviado do norte do Iraque no qual o general muçulmano Ayaz bin Ghanam estava aprisionado pelos rebeldes de seu exército. Ele foi ao seu resgate e derrotou os rebeldes em Dumat-ul-Jandal. Enquanto estava distraído abafando a revolta, forças persas se preparavam para lançar um ataque contra a crescente ameaça muçulmana. Essas forças incluíam persas e árabes cristãos, situadas em quatro campos em Hanafiz, Zumiel, Sanni, e Muzieh. Khalid, que mais uma vez liderava um número menor de tropas, preferiu atacar cada campo isoladamente a ter de enfrentá-los ao mesmo tempo. Ele separou seu exército em três unidades separadas e atacou cada exército persa. A estratégia funcionou. Depois de derrotar as forças combinadas de persas, bizantinos e árabes cristãos em Firaz, Khalid conquistou o Iraque.

Khalid foi depois requerido a conquistar a Síria Bizantina. Esta foi de fato uma grande tarefa. A área histórica em questão é muito maior que a Síria dos dias de hoje e seus domínios incluíam as atuais nações da Jordânia, Israel, Palestina, Líbano e o sul da Turquia. Seu exército era composto de 23.000 soldados liderado por quatro generais. O exército marchou de cidade em cidade disputando pequenas batalhas. Khalid então iniciou uma marcha de três dias pelas montanhas em direção a Damasco. Porém teve de parar no meio do caminho para prestar assistência a Abu Ubaidah ibn al-Jarrah, o comandante chefe da fronteira síria-árabe, que pediu reforços de emergência.

Entrar na Síria, vindo diretamente do Iraque, requer uma travessia pelo Deserto Sírio. O exército não teve tempo o suficiente para estocar as provisões necessárias para o trajeto. Conta a lenda que como resultado os soldados andaram por dois dias no deserto sem beber uma gota d'água. Eles finalmente chegaram a um oásis, mas não tinham como levar água consigo. Khalid, bom conhecedor da cultura beduína, usou um método conhecido entre os nômades do deserto para resolver esse problema.

Os animais utilizados pelo exército eram em sua maioria camelos, que podem beber mais de 100 litros de água de uma só vez, e são capazes de estocar toda essa quantidade em seu estômago, o que os tornavam uma espécie de cantil ambulante. O exército retomou sua marcha no deserto, e quando tinham sede, abatiam os animais e bebiam o conteúdo de seus estômagos.

O exército chegou na Síria em junho de 634 e imediatamente capturou as cidades da fronteira. Khalid então prosseguiu a Basra, onde ajudou os 4.000 soldados de Shari el bin Hassana contra os 12.000 bizantinos. Quando o exército de 9.000 homens de Khalid chegou, os bizantinos se refugiaram no castelo da cidade. Depois de ficarem cercados por um tempo, eles retornaram à batalha onde foram derrotados. Mais de 90.000 tropas bizantinas se juntaram em Ajnadayn, onde perderam para uma força de 20.000 muçulmanos. Este foi o ponto crítico que marcou o fim do poder bizantino na Síria e o início da dominância islâmica.

Antes de começar a batalha, um bispo católico tentou estabelecer um acordo de forma pacífica. Khalid em resposta ofereceu seus tradicionais termos islâmicos: rendimento, conversão ao islamismo, ou concordar em pagar a jizya, um imposto per capita cobrado a não-muçulmanos. O bispo recusou. Enquanto ambas as forças se colocavam em formação, Khalid disse a suas tropas, incluindo seus arqueiros, para que fossem moderados.

A batalha começou com pequenos conflitos entre tropas individuais, o que é uma vantagem para o exército muçulmano. Um soldado chamado Dharar ibn al Azwar, também conhecido por "guerreiro meio nu" - pelo fato de lutar sem camisa e escudo - seguia em frente usando equipamento tomado de um soldado morto. Enquanto retirava o equipamento e os bizantinos o reconheceram, vários oficiais o desafiaram para um combate. Durante este duelo, Khalid ordenou para que mais guerreiros de elite se juntassem à batalha e eventualmente lançou um ataque em larga escala. O primeiro dia terminou com um empate sem nenhum vencedor claro, mas com muitas perdas para ambos os lados.

O segundo dia começou com o comandante bizantino Teodoro desafiando Khalid em um duelo. Assim que começou, Teodoro se agarrou a Khalid e chamou ajuda de suas tropas. As tropas chegaram e o líder foi despido até a cintura e se revelou sendo Dharar ibn al Azwar. Em choque, Teodoro foi morto. A batalha recomeçou, e Khalid utilizava de suas tropas reservas.

Os bizantinos finalmente recuaram com a cavalaria muçulmana em seu encalço, o que acabou por matar mais soldados do que a própria batalha. A quantidade final de perdas foi de 450 muçulmanos e 70.000 romanos. O imperador romano de Heráclio percebeu que as forças locais não seriam capazes de repelir os muçulmanos e que precisaria de empregar o exército imperial de elite.

Khalid continuou sua campanha na conquista do Bizâncio e retornou a Damasco. Ele derrotou o genro do imperador Heráclio, Tomas, na batalha de Yakosa e venceu a Batalha de Maraj-al-Safar. Em 20 de agosto de 634, chegou a Damasco onde derrotou os bizantinos em Sanita-al-Uqab. Depois de três ataques bizantinos, o exército de Khalid atacou Damasco e lhes deu três dias para decidirem entre se converter, se submeter à jizya, ou abandonar a cidade com suas famílias. Os bizantinos abandonaram a cidade, mas a cavalaria muçulmana os alcançou e os atacou. O exército muçulmano, no entanto, sofreu um leve contratempo quando o califa Abu Bakr morreu durante o sítio. O primo de Khalid, 'Umar imediatamente o substituiu em 634.

Talvez por inveja de seu fantástico sucesso militar, ou por pura rivalidade, 'Umar colocou no lugar de Khalid um outro comandante como líder das forças islâmicas em 634. Houve uma animosidade entre os dois, então para que não houvesse maiores suspeitas do motivo, 'Umar declarou que a retirada do general popular ocorreu para provar que o sucesso de Khalid não era por mérito próprio, e sim pelo trabalho de Alá. Esta atitude pode ter sido tomada para evitar uma preferência popular por Khalid. O comandante responsável pela demissão dizia: "Se Abu Bakr está morto e 'Umar é o novo califa, então ouvimos e obedecemos." 'Umar nomeou Abu Ubaidah ibn al Jarrah como o novo líder do exército muçulmano. Este, por sua vez, indicou Khalid como conselheiro e comandante da cavalaria.

Khalid aceitou. Abu Ubaidah o enviou para recuperar uma terrível situação em Zahlé, perto da atual Beirute. Abu Ubaidah enviou uma pequena divisão para uma reunião anual em Abu-al-Quds para realizar um ataque surpresa. O comandante muçulmano calculou mal o tamanho de seu inimigo. Lá, uma grande tropa de bizantinos e árabes cristãos estava responsável pela segurança, que rapidamente cercou a pequena força muçulmana. Quando Khalid chegou para auxiliar o comandante, iniciou a Batalha de Abu-al-Quds. Ele não apenas derrotou os bizantinos, mas levou com sigilo uma grande quantidade de objetos saqueados, juntamente de centenas de prisioneiros capturados.

O centro da Síria agora estava capturado, e a comunicação entre a Palestina e a capital bizantina Constantinopla havia sido interrompida. A Síria estava fragmentada, e agora era apenas questão de tempo até que os exércitos muçulmanos rodeassem completamente a mais próspera província do Império Bizantino. O próximo objetivo era o de destruir a guarda de Fahl, um importante centro fornecedor e a

chave da defesa da Arábia e Palestina. Os bizantinos represaram o rio Jordão e assim inundaram a planície, localizada 150 metros abaixo do nível do mar. Isso fez com que os muçulmanos dessem uma desacelerada, mas mesmo assim saíram vencedores da Batalha de Fahl em janeiro de 635.

Cada vez mais desesperado, o imperado Heráclito decidiu tomar vantagem sobre as forças muçulmanas que estavam menores em tamanho em Damasco, uma vez que metade do exército tinha rumado ao sul para capturar a Palestina. Heráclito enviou o general Teodras para retomar a cidade, enquanto metade do seu exército ia para Damasco para um ataque surpresa ao exército muçulmano. Khalid, no entanto, tinha uma excelente rede de espionagem e o ataque não foi tão surpresa assim. Ele atacou o general Teodras com sua guarda móvel e o derrotou na segunda batalha de Damasco.

Abu Ubaidah o enviou então para capturar Emesa, que se rendeu, assim como Hama. Khalid continuava a conquistar cidades; no entanto, Emesa e Qinasareen romperam o acordo, e Abu Ubaidah despachou Khalid novamente para atacar as cidades. Depois de três batalhas e dois cercos, a cidade finalmente foi capturada em março de 636.

No fim da primavera de 636, Khalid recebeu um aviso vindo de um prisioneiro bizantino capturado que o imperador Heráclito estava reunindo uma grande campanha para retomar a Síria com uma força de aproximadamente 2.000.000 de homens. O imperador tinha subestimado o exército de Khalid e muçulmanos, esperando evitar grandes batalhas a pequenas forças isoladas. Uma batalha em grande escala agora era decidida como sendo a única estratégia militar possível.

Os líderes muçulmanos se juntaram para planejar uma estratégia oposta. Abu Ubaidah aceitou o conselho de Khalid para juntar as forças e se encontrar em Jarmuque, uma vez que isso permitia com que a mobilidade da cavalaria leve muçulmana se juntasse às vagarosas cavalarias pesadas dos bizantinos. O exército bizantino lhes encontrou em meados de julho.

A Batalha de Jarmuque ocorreu no meio de agosto. A Khalid foi concedido o total comando do exército, que estava lutando contra o maior oponente militar de sua carreira. Os primeiros quatro dias foram passados na defensiva, rebatendo as forças estratégicas dos bizantinos. A batalha ia e vinha. Apesar de a cada momento cada lado

mostrar uma vantagem, não tinha nenhum vencedor aparente. No quarto dia, um sucedido ataque dos arqueiros bizantinos resultou em perdas e numa retirada muçulmana, mas isso não alterou o rumo da batalha. No quinto dia, o comandante bizantino Vahan queria discutir uma trégua. Khalid decidiu que isso era uma demonstração da fragilidade dos bizantinos e optou por pressionar ainda mais.

Ele garantiu que todas as rotas de saída do exército de Bizâncio fossem guardadas. Então bolou um plano de ataque para o sexto dia, que envolvia sua cavalaria empurrando a dos bizantinos completamente pra fora do campo de batalha, deixando a infantaria exposta para ser atacada pelos flancos e por trás. Simultaneamente, uma forte investida de seu exército iria empurrar o flanco esquerdo inimigo, levando-os em direção a um abismo a oeste. O último dia da batalha chegou em 20 de agosto de 636.

Khalid ordenou que a infantaria atacasse o *front* bizantino enquanto a cavalaria atacava os flancos esquerdos e traseiros. A investida fez com que a ala esquerda inimiga entrasse em colapso, resultando em desordem. Vahan tentava reagrupar a cavalaria para contra-atacar, mas era tarde demais para impedir a cavalaria muçulmana. Khalid recuara sua cavalaria e concentrou nos esquadrões de cavalaria bizantinos.

Estes escaparam pelo único caminho possível, deixando a infantaria exposta. Khalid focava no centro esquerdo do adversário, que resistia ao ataque vindo dos dois lados. Sua cavalaria atacou a parte de trás, desmanchando-a. Suas colunas ruíram e o general bizantino iniciou a recuada. O conhecimento topográfico de Khalid sobre o campo de guerra já o havia deixado preparado pra isso. Tomou sua cavalaria em direção ao norte para bloquear a rota de escape, forçando os bizantinos irem em direção à ponte de Ayn al Dhakar.

Esta já estava tomada por soldados de Khalid desde a noite anterior. As tropas bizantinas estavam completamente cercadas. Alguns caíram no abismo, os que tentaram fugir nadando foram mortos ao serem

esmagados pelas pedras que se encontravam no rio. Apesar de alguns soldados escaparem, os muçulmanos não fizeram nenhum prisioneiro. Eles deram ao exército cristão uma derrota esmagadora.

A Batalha de Jarmuque é considerada uma das mais decisivas da história. O Império Bizantino estava fadado à destruição na região do Levante. Exércitos árabes estavam posicionados de uma forma que colocavam todo o império sob ameaça (exatamente o que faziam algumas décadas depois, quando sitiaram a própria Constantinopla). O islamismo havia permanentemente se estabelecido na província mais adorada de Bizâncio.

Depois de Jarmuque, os muçulmanos se prepararam para conquistar a cidade sagrada de Jerusalém em 637. Mesmo se tratando de um exército que estava enfraquecido e desmoralizado, a cidade dos bizantinos tinha um sistema defensivo que tornou a conquista mais árdua. Muitos cristãos sobreviventes de Jarmuque estavam refugiados ali e lhes faltavam provisões. Depois de um cerco de quatro meses, os esfomeados refugiados e soldados eventualmente se renderam e Jerusalém foi conquistada. Os cidadãos aceitaram se render, mas só ao califa. Amr ibn al-Aas, um dos comandantes (uma figura histórica, por sinal, muito infame, acusado de mandar queimar a grande Biblioteca de Alexandria), sugeriu que Khalid se apresentasse como o califa, já que ele se parecia um pouco fisionomicamente com seu primo 'Umar.

Após a captura de Jerusalém, Khalid lutou muitas outras batalhas no norte da Síria, incluindo Hazir e Quasreen, antes de ir para Antioquia e Alepo. Na batalha de Hazir, o exército bizantino foi completamente destruído, o que levou 'Umar a finalmente admitir a habilidade militar de Khalid. Abu Ubaidah e Khalid capturaram a maior parte do nordeste sírio. Seu ato final como comandante foi a conquista da cidade de Marash no sul da Anatólia.

Sua carreira militar terminou quando 'Umar o acusou de imoralidade religiosa e uso abusivo de fundos estatais. Em relação à primeira acusação, um dos espiões do califa informou que Khalid tinha se banhado numa substância especial preparada com uma mistura alcoólica enquanto estava em Emesa. Isso violava a proibição islâmica do álcool, apesar de esta ser excepcionalmente uma interpretação literal da lei que provavelmente deixaria os líderes religiosos coçando a cabeça. Segundo, Khalid presenteou um poeta persa com 10.000 *dirham* (a moeda persa) do tesouro estatal para que este recitasse um poema em louvor ao comandante depois da conquista. 'Umar usou esse incidente como um pretexto para condenar Khalid de utilizar inapropriadamente o dinheiro do governo. Assim, o comandante de enorme popularidade foi forçado a se aposentar.

Abu Ubaidah lhe indicou governador de Quasreen, mas não viveu tempo suficiente para ocupar o posto. Em 642, Khalid morreu na sua casa em Emesa, onde vivia desde seu afastamento do serviço militar. Ele não faleceu como mártir em batalha, como havia desejado, mas sim em sua cama. De acordo com historiadores, ele expressou seu arrependimento com a seguinte frase: "Lutei tantas batalhas em busca do martírio que não há um lugar em meu corpo que não haja cicatrizes ou um ferimento feito por uma lança ou espada. E ainda assim aqui estou, morrendo na minha cama como um camelo velho. Que os olhos dos covardes nunca descansem."

Seus assistentes olharam sobre o falecido comandante e ponderaram sobre as cicatrizes que envolviam sua imagem. Elas eram lembranças das dezenas de batalhas na qual ele lutara e sempre saíra como vencedor. Eram como se fossem pontos, a única coisa que mantinha unida sua pele desgastada pela batalha em seus anos finais.

O legado de Khalid como comandante foi um dos maiores da história. Não só porque ele foi capaz de derrotar seus inimigos, mas também por adaptar sua estratégia em circunstâncias, terrenos e condições inesperados. Ademais, ele mostrou força ao perder uma batalha política ao aceitar a sua demissão humilhante com a obediência de um soldado. Colocando sua fidelidade à causa sobre todas as preocupações lhe encareceram as tropas de base.

Khalid inspira comandantes militares até hoje pelo seu sucesso em batalha apesar da inferioridade numérica de suas forças. E ainda seus métodos, se usados atualmente, provavelmente levariam um

general a responder por crimes de guerra no tribunal internacional em Haia. Para Khalid, a batalha não era meramente o meio para a vitória militar; era um método de total violência para aniquilar completamente as forças inimigas. O terror no coração dos inimigos sempre compensou qualquer desvantagem. Essa é mais uma das características de Khalid que outros generais, infelizmente, fizeram uso ao longo dos séculos.

Capítulo 5

Gengis Khan (1162-1227):

Inimigo dos Impérios—E do Carbono Atmosférico?

Em 2011, um grupo de ecologistas do Instituto Carnegie fez uma descoberta surpreendente. Eles determinaram que um evento de nível planetário entre os séculos XIII e XIV causou a morte de grande parte da população e desse modo milhões de acres de terra voltaram a ser dominados por florestas, reduzindo assim a quantidade de dióxido de carbono da atmosfera. Este evento foi mais devastador que o acarretado pela Dinastia Ming ou até mesmo pela Peste Negra. O grupo disse também que o ocorrido não era resultado da natureza. Era de fato o primeiro, e único, caso de esfriamento global causado pelo homem. E não foi muito difícil adivinhar quem foi o responsável: Gengis Khan e seus descendentes causaram 40 milhões de mortes neste período, tornando-o um dos mais sanguinários, e ironicamente, o mais ecológico dos ditadores da história.

Por meio de suas batalhas e matanças, removeu 700 milhões de toneladas de carbono da atmosfera, o equivalente à quantidade emitida por um ano de uso de gasolina dos dias atuais. Um despovoamento massivo dos domínios de sua conquista, que cobriam 22% da terra, resultou no retorno de florestas e na purificação do carbono na atmosfera. Enquanto a maioria dos ambientalistas de hoje não aprovariam seus métodos (exceto alguns neomaltusianismos como Sir David Attenborough, que em janeiro de 2013 denominou os humanos como "uma praga na terra"), também não poderia negar de que foram eficientes. Como um tirano cuja influência recaía sobre toda a atmosfera da Terra chegou ao poder e conquistou tamanhos resultados?

Primeiramente era um eficaz comandante, embora sua reputação do uso massivo de brutalidade ofusque sua genialidade militar. A crueldade de Gengis Khan se distinguiu numa cultura definida por crueldade. Mas o principal de seu sucesso era um planejamento efetivo ao forjar alianças e manobras táticas. Fora do campo de batalha, reformou a sociedade tribal mongol, fundou as bases de um governo simples, porém eficiente e providenciou a flexibilidade necessária ao seu Estado que permitiria sua rápida expansão pela Ásia. E como expandiu rápido: da Ásia Oriental à Europa, da Pérsia à Rússia, o império criado por Gengis Khan governou grandes porções da civilização conhecida. Ele era um conquistador e inovador cujas lições ainda são relevantes em discussões sobre formação de nações.

Sua maquinaria militar era, intrinsecamente, uma extensão da vida nômade mongólica. O elemento mais fundamental do exército mongol era o cavalo. Um soldado tinha tipicamente 3 ou 4 cavalos, o que lhe permitia viajar a altas velocidades por dias sem cansar o animal. Na invasão húngara de 1241 o exército mongol percorria mais de 160 quilômetros por dia, uma distância extraordinária num tempo onde não se havia rodovias.

O cavalo de um soldado significava muitas coisas para seu cavaleiro - era um meio de transporte, um veículo de guerra, um animal de carga, e fonte de comida e água devido ao apreço dos mongóis à carne de cavalo e kimis - leite de égua fermentado. Os cavalos mongóis eram menores que os europeus e mais lerdos em curtas distâncias. Entretanto, a cavalaria de Gengis Khan usava tão pouca armadura que ainda assim conseguiam ser mais velozes que a do inimigo. Além do mais, os cavalos eram melhores em longas distâncias, o que permitia ao exército obter vitórias em regiões longínquas.

As provisões necessárias para que os mongóis se lançassem ao ataque era muito menor do que as requeridas por inimigos mais sedentários como China, Irã, Oriente Médio e Europa. Seus oponentes por serem mais pesados e vagarosos, dificilmente conseguiam executar qualquer contra-ataque. Como resultado, seus soldados eram bastante móveis e pouco necessitavam de recursos durante um ataque ou

cercos. Eles realmente não dependiam de um aparato militar complexo, o que lhes dava flexibilidade, mobilidade e improvisação nos mais diversos tipos de domínios inóspitos.

Os mongóis também eram ótimos arqueiros sobre os cavalos, devido ao fato de praticarem esta técnica desde quando muito jovens. Seus cavalos eram equipados com estribos, que permitiam com que os arqueiros girassem seu corpo para atirar em qualquer direção, até mesmo para trás. Com seus arcos recurvados e complexos, era possível atirar flechas a longas distâncias, que chegavam a quase 500 metros, e podiam acertar alvos a uma distância de 230 metros. Vários historiadores dizem que os arqueiros de base conseguiam acertar a asa de aves enquanto voavam.

A cavalaria mongólica era a principal unidade da maquinaria militar. Seis de cada dez membros eram da cavalaria leve, arqueiros; os outros quatro compunham a cavalaria pesada com suas lanças. A cavalaria leve tipicamente rodeava o inimigo, atiravam arcos de uma distância segura, e recuavam. Eles então repetiriam o processo e atiravam mais flechas ou fingiam estar fugindo, o que levava seus inimigos a perseguir-lhes. Era uma manobra difícil de ser executada, uma vez que soldados inexperientes poderiam fazer esse fingimento se tornar numa fuga de verdade, desde que fossem pressionados por um inimigo agressivo. Mas o fracasso era uma coisa rara, devido à excelente implementação da técnica e o desconhecimento desta pelos inimigos mongóis. Seguido dessa manobra, a cavalaria pesada saía de sua posição de defesa e iniciava um ataque contra seus surpresos oponentes.

Gengis Khan nasceu com o nome de Temudjin em 1162 em Deluun Boldog, próximo de Burkhan Khlaun, no norte da Mongólia. Quando nasceu, foi-se observada uma mancha de sangue no seu punho, o que de acordo com a tradição local, é o sinal de que a criança se tornará um grande líder. Seu pai Yesugei era o líder do clã Bojigin e sua mãe, Hoelun, era do clã Olkhunut. Por conta de seu pai ser poligâmico (comum na sociedade de clãs da Mongólia) ele teve três irmãos, uma irmã, e dois meio-irmãos.

Quando ainda era um menino, Yesugei lhe arranhou um casamento com uma menina do clã de Onggirat chamada Borte. Como mandava a tradição, Temudjin foi morar com a família de Borte como servo de seu pai Dai Setsen quando tinha 9 anos. Ele seria um servo até que ele e sua futura esposa tivessem idade para se casar. No entanto, quando Yesugei voltava de quando foi entregar Temudjin, fora envenenado pelos Tártaros, inimigos dos mongóis.

No dia seguinte da morte de seu pai, foi sua mãe quem lhe ensinou a importância de fazer alianças para suportar as circunstâncias difíceis e vencer importantes batalhas. Sua família acabou sendo excluída do clã e tiveram que sobreviver por anos por conta própria, vivendo da caça e colheita. Quando tinha 16 anos, Temudjin retornou para reencontrar sua esposa, Borte Ujin. Pouco depois do casamento, Borte foi sequestrada pelos merkitas, e oferecida para ser a nova esposa do chefe do clã. O evento se mostrou ser o catalisador da entrada de Temudjin na carreira militar. Numa curta aliança com Ong-Khan, um aliado de seu pai, e Jamuka, Temudjin organizou um grupo de homens que lhe ajudariam a derrotar os merkitas e recuperar sua esposa. A ele foi fornecido uma tropa de 20.000 homens, e a recuperação permitiu com que Temudjin construísse uma base suporte. Sua popularidade e reputação como comandante começou a crescer. Ao perceber o poder adquirido, Jamuka e Ong-Khan declararam guerra contra Temudjin, uma que foi facilmente vencida por ele.

Mesmo jovem, foi capaz de observar que as tribos mongólicas eram vítimas de uma sociedade perpetuamente enfraquecida por conta das inúmeras guerras internas. Isso os tornava impotentes contra o Império Chinês ao sul, o mais avançado tecnologicamente e administrativamente da Terra. Ele havia aprendido com sua mãe que pequenas intrigas entre os homens da tribo eram facilmente vencíveis, porém o mesmo não era verdade contra exércitos imperiais. Isso talvez seja melhor explicado por um provérbio da Mongólia que diz: “quebrar uma única flecha é simples; quebrar múltiplas flechas é um desafio muito maior.”

A força de Temudjin se resumia ao seu entendimento de que a união faz a força. Com 20 anos, ele utilizava sua inteligência para formar um exército que atacava pequenas facções individuais e clãs, o que logo deu origem ao Império Mongol. Quando conquistava uma terra, ao invés de expulsar os soldados dali e matar os sobreviventes, o que era comumente praticado, ele anexava cada território conquistado em seu domínio, deixando-o sob suas regras. Essa estratégia o ajudou a expandir o Império Mongol de forma rápida e eficiente, fazendo uso de todas as técnicas, habilidades e ideias oferecidas por aqueles conquistados.

Ele agia sob dois princípios: domínio e unidade. Qualquer clã que se recusasse a se unificar sob seu regime era apagado. Temudjin, agora apelidado de "Gengis Khan" (Poderoso Rei), montou sua rede de informantes, espiões e estrategistas para descobrir o máximo sobre as facções rivais que pretendiam desafiar seu governo. Ele se utilizava dessas informações para organizar estratégias políticas e militares para acabar com a força dos adversários pela raiz.

Enquanto fortalecia sua confederação de clãs mongóis, Gengis implementou outras reformas na prática militar tradicional. Passou a promover oficiais se baseando no mérito, e não mais por questões familiares. Era uma meritocracia na qual sucesso e lealdade eram recompensados. Esta foi uma quebra da tradição mongólica na qual as alianças familiares que determinavam o prestígio, um sistema que inevitavelmente levou ao nepotismo e não recompensava o sucesso nem punia os erros. Devido à sua política, divisões étnicas e tribais não eram mais partes da realidade, acabando assim com as alianças feudais que afundavam a Mongólia medieval. Ele oferecia incentivos aos guerreiros por sua aliança na forma de saques. E mais, quando Gengis capturava um clã, tornava-os parte de seu grupo e lhes oferecia proteção.

Reformou o exército para um sistema simples, porém efetivo. Os soldados mongóis eram organizados de acordo com o sistema decimal: a menor unidade militar era composta de um grupo de 10 (*arban*), de 100 (*zuut*), 1.000 (*mingghan*), e 10.000 homens (*tumen*), todos liderados pelo quartel-mestre chamado de jurth. Cerca de dois a cinco tumens eram organizados num *ordu* (exército), o que originou a palavra "horda".

Mas apesar de seu engenhoso programa de reforma, ele não é lembrado na história como sendo um administrador minucioso. Sobretudo, Gengis é conhecido como um comandante brutal que utilizava conflitos psicológicos para a conquista. Sua reputação é largamente merecida. Ele vingou a morte de seu pai ao dizimar o clã tártaro responsável e ordenando a morte de todos os homens menores que 90 centímetros - um massacre em larga escala de crianças. A lenda diz que após derrotar o clã Taichi'ut, ele cozinhou vivo todos os líderes inimigos. Ao conquistar o canato da Mongólia, implementou uma política na qual os soldados invadiam abruptamente as cidades com a finalidade de espalhar o medo entre os moradores. Às cidades cercadas era oferecida a oportunidade de rendição e pagamento de tributos ou serem destruídas. Aqueles que se rendiam deveriam apoiar o exército mongol fornecendo suprimentos ou homens. Já aqueles que se recusavam eram aniquilados, exceto por alguns habitantes que eram instruídos a deixarem a cidade e contarem sobre a destruição às populações vizinhas.

Junto de sua reputação desumana, o sucesso de Temudjin era baseado num exército habilidoso e bem preparado, que dependia dos relatos de uma extensiva rede de espionagem. Anos foram gastos preparando a conquista do Leste Europeu reunindo informações sobre a topografia, a rede de estradas romanas e os assentamentos povoados. Apesar de básicas, os soldados recebiam generosas provisões. Todos os soldados eram equipados com o equipamento completo, incluindo espadas, lanças, escudos, além de grandes porções de comida e uniforme extra. A cavalaria carregava sua armadura, machados de guerra e suas lanças especiais. Os alforjes era a prova d'água e infláveis, o que prevenia que afundassem durante uma travessia de rio. Os mongóis tinham sistema complexo de sinais por tochas, fumaças e tambores. O grupo que seguia o exército era composto por inúmeros carros com suprimentos, médicos, contabilistas (de saque) e até mesmo guias espirituais.

Temudjin aos poucos ganhou o controle de toda a Mongólia; parte por conquistas militares, parte por diplomacia. Depois de passar uma década consolidando seu Estado submetendo clãs rivais ao seu comando, a visão de Gengis Khan atravessava a fronteira da Mongólia e ia até a Dinastia Jin na China. Isto não era simplesmente por questões de ampliação de território, mas também para se obter provisões necessárias. A estepe mongol não era um local fértil e para a população nômade a fartura de alimentos não era algo comum.

Logo, a China era um alvo importante por conta de suas extensas plantações de arroz. Quando estes exércitos se encontraram, o exército de Jin enviou um mensageiro que prontamente desertou. Em Badger Pass, os mongóis mataram milhares dos soldados de Jin e então saquearam a então capital Yanjing (atual Pequim). O imperador Xuanzong moveu-se para o sul, abandonando a parte norte de seu reino deixando-a livre para os mongóis.

Uma revolta liderada pelo já deposto Naiman Khan Kuchlug, que havia fugido para Kara-Khitán, foi encontrado pelas tropas de Gengis. Isso já era após 10 anos de campanha na China e os mongóis estavam exaustos. Ele mandou um exército de apenas 20.000 homens, e ao invés de atacá-lo em batalha, esperou uma revolta das tropas de Kuchlug. Em 1218, Kuchlug foi capturado e executado, acabando assim com a revolta. A porção ocidental do Império Mongol se estendia até o Lago Balkhash. Agora Gengis estava disposto a adentrar territórios em direção ao Mar Cáspio e a Pérsia.

Essa próxima etapa significava mais do que aumentar sua riqueza e o número de esposas; quanto a isso ele já tinha ambos de sobra. A meta era sempre a expansão de poder. Enquanto seu exército completava a conquista inicial de novos povos, era por sua influência, dominância e reformas legais que foi capaz de criar a paz no seu império, um período comumente referido como Pax Mongolica. A população teria de se submeter aos códigos criados por Khan, um sistema simples que propunha leis igualitárias.

De acordo com seus estatutos, ninguém estaria permitido a participar de qualquer ato que pudesse comprometer o equilíbrio e integridade do império, mesmo que este ato se tratasse de algo mundano como um simples roubo, ou algo mais sério como poluir os suprimentos de água. Não se sabe se esta lei realmente entrou em vigor, mas pode-se dizer que Gengis, no mínimo, mudou o discurso legal em seu império. As leis morais e éticas foram estabelecidas, compreendidas por todos e se fizeram cumprir estritamente. Qualquer crime era intolerável e se cometido era brutalmente punido.

Sua habilidade em adaptar tecnologias de outras culturas à sua era mais outra razão de seu sucesso, permitindo seu exército vencer oponentes maiores. Tecnologias de cerco emprestadas dos exércitos chineses e persas (e usados em batalha por engenheiros desses países que haviam se juntado ao exército mongol) permitiu a conquista dos mongóis sobre cidades bem fortificadas. Eles conseguiam construir as armas de cerco no lugar da batalha, ao invés de desmontá-las e carregá-las por cavalos como os europeus faziam.

Um outro fato interessante é o de que a liberdade religiosa fora conquistada, o que permitia com que vários grupos religiosos ascendessem nas hierarquias militares e políticas. Dentro de sua corte, Gengis tinha budistas, muçulmanos e até mesmo adeptos do nestorianos como conselheiros; existiam também muitas concubinas das mesmas tradições. Gengis Khan também permitia a livre troca na Rota da Seda e providenciava segurança ao longo desta, onde posteriormente surgiu uma artéria que conectava o sudeste asiático à Europa central, fato que iria dar origem à primitiva economia global medieval. Esta era a rota que Marco Polo utilizava entre 1271 a 1295 para viajar da Itália até a corte de Kublain Khan, neto de Gengis.

Durante sua campanha militar de 20 anos, muito foi-se dedicado à expansão a oeste. Primeiramente, Gengis tentou estabelecer uma relação de troca com os corasmos turcos, que foi rapidamente destruída quando o governador Otrar capturou seus diplomatas. Gengis ordenou com que o governador devolvesse os homens. Quando o comandante Shah Muhammad recusou, Gengis assumiu pessoalmente o

planejamento do ataque. Em 1219, um exército de 200.000 homens marchavam em direção ao ocidente. Em cada cidade por onde passavam, eles destruíam completamente a população, não deixando sobrar nem prisioneiro, nem mulher, nem criança, nem animal. Os crânios eram empilhados formando uma pirâmide. Os mongóis mataram Shah Muhammad, dando o fim na dinastia em 1221.

Quando Gengis conquistou a dinastia Corásmia, ele se viu forçado a retornar para o leste e reprimir uma rebelião entre os tanguts da Xi Xia. Eles se recusavam a participar da campanha e iniciaram a revolta. Gengis Khan e seu exército marcharam contra os tanguts, cidade por cidade, até a conquista da capital, Ning Hia. Como um aviso para qualquer um que ainda considerava uma revolta, todos da família imperial foram mortos.

Pouco depois de outra incrível conquista, Gengis Khan se deparou com seu infame fim. O comandante que havia conquistado toda a Ásia ao norte da fronteira dos estados do Oriente Médio morreu, não por causa de um ferimento de batalha ou ação de um inimigo, mas por conta de lesões obtidas depois de cair do cavalo durante um acidente enquanto caçava. Seus generais estavam em choque, imaginando se tratar da retribuição dos deuses. Seguindo a tradição de seus antecessores, foi enterrado sem nenhuma marcação do local da cova.

Gengis teve a visão de apontar seu sucessor antes de morrer para prevenir uma guerra civil entre seus filhos. Seu herdeiro designado era Ogedei, que ganhou a maior fatia de seus domínios, enquanto o resto do império foi dividido entre seus outros filhos. Eles expandiram suas conquistas e agora o império ocupava uma área que ia desde a Coreia ao leste até a Hungria a oeste e Rússia ao norte. Em sua maior extensão, o império mongol foi o maior império da história, quatro vezes maior do que o formado por Alexandre, o Grande e oito vezes maior que o romano.

Tais feitos só foram possíveis à custa de milhões de mortes de cidadãos que foram infelizes o suficiente de estar no caminho do exército mongol. Historiadores estimam que durante seu governo, Gengis Khan e seus exércitos foram responsáveis pelo entono de 10 milhões de mortes. Esta alta taxa era devido à sua política de conquista, onde as mulheres e crianças eram dadas aos seus soldados e todo o resto era exterminado. Em suas campanhas ocidentais, eliminou três quartos da população do platô iraniano, que só voltou ao normal no século XX. Na captura da cidade de Urgench, historiadores medievais estimam que 1,2 milhão de pessoas foram mortas. Seus descendentes imediatos mataram outros 30 milhões, resultando na variação de carbono atmosférico que foi descrito no início deste capítulo.

Gengis Khan mostrou desde muito jovem o quão brutal poderia ser. Mais importante, foi um líder visionário que viu o potencial nas populações da estepe da Mongólia. Ele sabia a importância de estabelecer alianças e leis. Sua perspicácia militar lhe davam a visão necessária não só nas táticas de batalha, mas das necessidades de cada soldado. Sua visão impulsionou o império muito além das fronteiras tradicionais da Mongólia, deixando pra trás um legado em grande parte da Eurásia como reforma legal, comércio, conquista e brutalidade.

Apesar de seus descendentes devastarem o Oriente Médio, Gengis Khan é ainda respeitado pelos muçulmanos como sendo um conquistador do mundo. Gengis é um nome popular entre os meninos da Turquia e outros países da Ásia Central. Também ocupa um lugar especial na história islâmica e é considerado um verdadeiro conquistador do mundo abençoado por Deus e equiparado apenas a Alexandre, o Grande e Tamerlão. Na Idade Média, incontáveis governantes muçulmanos aspiraram se igualar a Gengis Khan, acreditando que aquele que obtivesse níveis similares de conquistas seria escolhido por Deus para ser o conquistador do mundo e aquele que guiaria as pessoas no fim dos tempos.

Gengis também é uma figura popular no quesito reprodução, tendo incontáveis filhos com suas muitas esposas e concubinas. Em 2003, um grupo internacional de geneticistas anunciou depois de 10 anos de pesquisa, que pelo menos um a cada 200 homens do mundo eram descendentes diretos de Gengis Khan.

Nos domínios do que era o então Império Mongol, esse número sobe pra um a cada oito. Essa enorme quantidade se deve aos seus vários filhos que mantiveram essa prática.

Como exemplo, seu primeiro filho, Jochi, teve 40 filhos legítimos; seu neto Kublai Khan teve 22. Todos os seus descendentes diretos eram governantes do amplo território por direito, e sua progenia poderia imediatamente reivindicar seu prestígio como governante ao mostrar sua conexão com Gengis, levando assim a muitas mulheres e princesas da aristocracia a cuidarem de seus filhos e entrarem no círculo de poder por pertencerem à genealogia.

Sua influência foi tão ampla que saiu da esfera militar e hoje vive tanto no sangue de milhões de descendentes quanto no registro de carbono do planeta Terra.

Capítulo 6

John Churchill, Primeiro Duque de Marlborough (1650-1722): Um Verdadeiro Estrategista, Herói da Guerra da Sucessão

Espanhola

John Churchill, o primeiro Duque de Marlborough, foi um brilhante estrategista e político; sorte dele, pois se não tivesse sido os dois, muito provavelmente não teria se dado bem em nenhum. Surgiu de um início obscuro para se tornar um dos mais bem sucedidos comandantes da era do Iluminismo europeu e comandante-chefe da Inglaterra na Guerra da Sucessão Espanhola. Era leal ao trono inglês, mas sempre mantinha alerta o seu ocupante caso precisasse de auxílio político em seus objetivos militares. Era um dos integrantes do triunvirato que servia a Rainha Ana, juntamente com Robert Hartley e Sidney Godolphin. Apesar de não ter revolucionado o estilo de guerra utilizado no início da Idade Moderna, o legado deixado por ele alterou permanentemente a trajetória política da Grã-Bretanha.

Seu pai Winston, o primeiro ministro que liderou a Inglaterra na Segunda Guerra Mundial, enalteceu seu filho com as maiores adulações possíveis: "Ele [John] liderou os exércitos da Europa contra a França por dez campanhas. Lutou contra quatro grandes generais... Nunca entrou numa batalha que não tenha saído como vencedor, não sitiou uma fortaleza que não tenha sido capaz de adentrar... Ele saiu da guerra invencível, e foi só suas mãos pararem de guiar o exército, que este sofreu com eventos desastrosos. Sucessivas gerações ainda o chamam de Aníbal e César."

Marlborough nasceu em 24 de maio de 1650. Seu pai, também chamado Winston, era um membro do Parlamento. Apesar de não ser rico, o Churchill mais velho era um grande adepto da monarquia que mantinha uma significativa influência com Carlos II, devido à sua lealdade durante a guerra civil inglesa. Ele se utilizava de seus contatos para colocar seus filhos em escolas prestigiosas e na academia militar. John foi educado na escola St. Paul's em Londres e mais tarde na corte onde servia o Duque de York, futuro Jaime II, como pajem.

John se casou com Sarah Jennings, uma mulher que igualmente se encontrava numa situação financeira precária, mas também tinha sorte de fazer parte dos altos círculos da sociedade. Ela era uma criada da Princesa Ana, a futura rainha. Marlborough era capaz de conquistar seus méritos, mas a influência de sua mulher com a Rainha Ana garantia seu papel militar e político.

Após ser o pagem de Jaime, Duque de York, Marlborough recebeu a patente de "ensign" (algo semelhante a um porta-bandeira) em 1667. Isso provavelmente era devido à influência de sua irmã Arabela, amante do duque. Ele então serviu três anos em Tânger, onde recebeu um treinamento prático em estratégia e tática enquanto os britânicos mantinham os mouros sob controle. Retornou a Londres três anos mais tarde para servir junto de Jaime na Guerra Anglo-Holandesa, especialmente no navio do Duque, na Batalha de Solebay como membro da primeira guarda. Esta feroz batalha resultou com uma perda de 2.000 homens, tanto para os britânicos quanto para os holandeses. Ambos os lados declararam vitória, apesar da história considerar como um empate.

O resultado para Marlborough foi mais positivo. Devido às suas habilidades, foi promovido a capitão do Admiralty Regiment. Participou do sítio de Maastricht, onde foi um entre os trinta homens que compunham a tropa que conseguiu capturar e derrotar parte da fortaleza. Durante o incidente, salvou em batalha a vida do Duque de Monmouth. Assumiu então o posto de Coronel dos Ingleses e foi elogiado pelo próprio rei por conta de seus feitos. Em 1674, foi novamente reconhecido por sua liderança na Batalha de Enzheim e em 1675 na Batalha de Sasbach, onde Turenne foi morto.

Sua genialidade militar rapidamente se tornou evidente. Enquanto no comando, arquitetou vitórias por toda a Europa, que estava de cabeça pra baixo devido às disputas entre catolicismo e protestantismo que ocorriam ao longo da Guerra dos Trinta Anos. Ele tinha uma extrema habilidade em compreender diversas questões militares em níveis locais, nacionais e internacionais; historiadores militares acreditam que logo após a eclosão da Guerra da Sucessão Espanhola, ele já tinha a visão completa do que estava prestes a acontecer.

John preferia batalha corpo-a-corpo aos cercamentos e era um especialista em avaliar as características dos inimigos em batalha. O campo de batalha parecia um tabuleiro de xadrez onde ele brilhantemente movia soldados e artilharia, taticamente desmembrando seus oponentes. Marlborough coordenava o movimento das tropas, armas de fogo, e todos os tipos de ataque de uma maneira complexa, porém eficiente.

Marlborough também era um bom logístico. Providenciava grandes linhas de suprimento para seus soldados enquanto lutava fora, garantindo-lhes que não faltassem armas, roupas, e comida até mesmo quando estavam muito adentro de um território hostil. Quando as tropas chegavam ao seu destino, todos os aparatos e suprimentos necessários já estavam à espera. Tais ações cotidianas aumentavam a confiança que era depositada pelos soldados, pois mostravam sua preocupação com o bem-estar deles, que por sua vez o vangloriavam, dizendo se tratar de um homem com princípios.

Para completar o seu currículo, era um gênio político e grande homem do Estado. Marlborough manteve uma aliança política contrária à França, devido à sua força de vontade, autodisciplina e resistência. Também navegou nas traiçoeiras águas para a conquista do trono britânico, mostrando seu apoio às partes vencedoras. O primeiro teste veio em 1685, quando Jaime II, católico, se tornou rei.

Não foi bem recebido pelos ingleses protestantes; Jaime Scott, duque de Monmouth, imediatamente contestou essa situação e uma rebelião se iniciou. Rei Jaime determinou Marlborough para ocupar o segundo maior lugar no comando do exército escolhido para silenciar a rebelião. Com o Duque de Feversham no comando, ele foi capaz de ir atrás do exército improvisado de Monmouth, e finalmente os derrotando na batalha de Sedgemoor. Marlborough foi promovido a major-general.

Suas habilidades tanto diplomáticas de ficar a frente das intrigas da corte real quanto militares, foram testadas na Revolução Gloriosa. Em 1688, o reinado de Jaime II encerrou prematuramente, juntamente com sua promoção do catolicismo. Nisso, os ideais protestantes rapidamente se prevaleceram na corte na sociedade. Marlborough continuou leal a James, mas mesmo seu apoio se tornou tênue.

Ele firmemente lembrou o rei de suas preferências na fé protestante e que não se converteria ao catolicismo, ao contrário de muitos da corte. Marlborough previu que o reinado de Jaime acabaria logo e procurou por meios de desassociar sua imagem à do rei.

Um grupo de oficiais escreveu uma carta para Guilherme, Príncipe de Orange, que assumisse o trono para que apoiasse a causa protestante. Marlborough não estava entre os assinantes, mas mandou mensagens a Guilherme informando-o de que apoiava o plano e que "agradeceu a Deus por ter lhe concedido tanto a vontade quanto força para proteger."

Quando Guilherme invadiu Torbay, acompanhado das forças inglesas e alemãs, o agora tenente-general Marlborough estava novamente como segundo comandante dos Feversham na missão de defender a coroa. Ainda, ele encorajou abertamente uma deserção entre os oficiais e eventualmente acabou se retirando, junto de mais 400 homens. Escreveu ao rei que agia por um princípio maior. Mesmo que sempre desse sua vida à proteção da pessoa do rei e suas leis, ele não iria apoiar o seu mandato. Jaime II percebeu que sem Marlborough, suas chances de se manter no trono eram inexistentes. Acabou por abdicar e fugiu para a França.

Guilherme de Orange assumiu o trono como Guilherme III e governou em conjunto de Maria, filha mais velha de Jaime II. As garantias de aliança feitas por Marlborough a uma monarquia protestante e Guilherme foram vistas sob certa suspeita, mas foi recompensado por estar do lado do novo rei contra

Jaime e foi indicado conde de Marlborough, membro do Conselho Privado, e manteve sua patente militar. Ele imediatamente se prontificou a reorganizar o exército, incluindo as indicações oficiais, o que lhe rendeu uma grande vantagem política.

Guilherme se juntou à campanha para impedir as ambições do rei Luis XIV de conquistar a Europa. Ele almejava destruir a nação mais poderosa da Europa e combater o rei francês, cuja reputação era a de ostentar níveis obscenos de riqueza. Uma vez que a Inglaterra ainda era uma força regional e não capaz de derrotar a França com seus próprios recursos, estabeleceu-se uma aliança com a Holanda, o Sacro Império Romano, Espanha, Portugal, Suécia e o Ducado de Saboia; formando então a Liga da Grande Aliança.

Marlborough não esteve no comando de nenhum grande ataque durante a Guerra dos Nove Anos, também conhecida como Guerra da Grande Aliança; ele foi deixado para proteger as terras inglesas. Porém, se destacou na guerra em Flandres, onde impressionou o Príncipe Waldeck, o comandante das tropas aliadas, ao levar as 8.000 tropas britânicas à vitória na Batalha de Walcourt em 1689. Marlborough também liderou sua primeira campanha independente na Irlanda em 1690, onde capturou as cidades de Cork e Kinsale. Os irlandeses eram simpáticos à possibilidade de Jaime retornar à sua posição de rei e que Marlborough fosse solicitado para acabar com qualquer força rebelde que ainda restava.

A abalada relação entre Marlborough e Rei Guilherme continuava a se deteriorar, particularmente por ele e sua mulher influenciarem a Princesa Ana, uma potencial rival do trono. Em 1691, foi desligado de todas as suas tarefas. No próximo ano foi acusado de ser integrante de um grupo que planejava um golpe para recolocar Jaime II no poder. As acusações eram infundadas, pois mesmo que Marlborough mantivesse correspondências com Jaime, esta era uma prática política aceitável e entendível. As acusações de traição partiram de uma carta falsa na qual Marlborough era supostamente o remetente.

Foi encarcerado na Torre de Londres por seis semanas, mas foi solto quando as evidências contra ele se mostraram insuficientes. Ele foi então acusado de avisar os franceses de um iminente ataque a Brest. Novamente, as evidências dessa informação passada à França não eram fortes; mais provavelmente, a carta teria sido escrita à Jaime II depois que os planos já tinham sido descobertos. Mesmo assim, sua sorte ainda não havia mudado. Seguindo a sua maré de azar, sua mulher Sara começou a ter certos desentendimentos com a Rainha Maria, o que levou a esta ordenar Princesa Ana a romper seu relacionamento com Sara.

Rainha Maria morreu em 1695, o que trouxe um alívio nas tensões entre Marlborough e Guilherme. Mesmo assim não recebeu de volta seus cargos e foi acusado de estar envolvido em outra conspiração. Essa história foi inventada por Joseph Fenwick, sujeito leal a Jaime e que eventualmente foi pego e executado. Finalmente, em 1698, Marlborough reassumiu seu papel de Conselheiro do Estado e seu cargo militar. Foi declarado governador do ducado de Gloucester. Sua famosa carreira militar estava finalmente pronta para ser iniciada no seu melhor estado.

Apesar das suspeitas sobre Marlborough, Guilherme recobrou sua confiança quando lhe concebeu a liderança militar na campanha para impedir Luis XIV. Quando o rei Carlos II da Espanha faleceu sem deixar nenhum filho em 1700, foi iniciada a Guerra de Sucessão Espanhola, uma vez que Carlos havia indicado o neto de Luis XIV como seu sucessor, fato que uniria França e Espanha, originando um Estado de poder avassalador, capaz de massacrar qualquer outro país europeu. Quando Guilherme morreu mais tarde naquele mesmo ano, Ana, que agora era a rainha, manteve a patente de Marlborough. Ele foi para a Europa como integrante da Grande Aliança (que se opunha a Luis XIV), juntamente da Holanda e do Sacro Império Romano.

Marlborough liderou os ingleses, holandeses e outras tropas da aliança em batalha. Mas suas habilidades como estadista foram testadas para que fosse mantida a operacionalidade de seu exército heterogêneo: ele tinha sob suas mãos o comando dos holandeses somente quando estes estivessem lutando

junto dos ingleses. Ele tinha de conseguir uma permissão do governo holandês para qualquer ação tomada sobre suas tropas em períodos que não estivessem ocorrendo combates. Essa permissão só foi conseguida quando a bravura de Marlborough se mostrou capaz para tal. Ele rapidamente capturou com sucesso a área entre os rios Reno e Mosa, um ponto estratégico para a movimentação de tropas.

Em 1704, precisava posicionar seu exército próximo do rio Danúbio para auxiliar os austríacos, que estavam sendo ameaçados pelos franceses que vinham do oeste. A França tentou eliminar o Sacro Império Romano da guerra capturando Viena. Ele tentou marchar pra a capital para protegê-la mas sabia que os holandeses nunca aprovariam uma movimentação tão distante das suas tropas, nem qualquer outra coisa que pudesse enfraquecer suas forças nos Países Baixos Espanhóis. Enquanto tudo isso acontecia, ainda precisava manter a Áustria na guerra e afastar os exércitos franceses que vinham do leste. E foi em Blenheim que seu plano mais audacioso, decisivo, e bem elaborado de sua carreira foi executado.

Marlborough bolou um esquema de movimento e desinformação para interceptar as tropas da França e da Baviera antes de que chegassem a Viena. Na intenção de confundi-los de suas reais intenções, marchou com 40.000 soldados para o Danúbio, fingindo uma campanha contra os franceses na cidade de Mosela. Esta foi uma massiva operação logística, uma vez que esta requiriu que movesse todo seu exército da Holanda para o Danúbio em apenas cinco semanas, fato que pode ser considerado como o nascimento das táticas de guerra moderna. Também foi capaz de enganar o inimigo ao forjar um ataque em Estrasburgo. Marlborough chegou a encomendar a construção de pontes sobre o Reno para confundir ainda mais os franceses.

Depois de se unir com as tropas prussianas e dinamarquesas, encontrou-se também com a princesa de Saboia e Baden, formando um exército com 110.000 homens. Finalmente encontrou as forças Franco-Bávara no Danúbio, perto de Blenheim. O exército francês se estendia ao longo de 6,5 quilômetros que iam do Danúbio até os Alpes Suábios. Atacam Blenheim no dia 13 de agosto.

Os ataques foram inicialmente infrutíferos, mas o comandante francês Clérambault cometeu uma gafe astronômica ao entrar em pânico e ordenou que civis reservistas entrassem na batalha. O comandante francês Tallards já tinha enviado todos aqueles que podiam. Marlborough percebeu sua vantagem e seguiu pressionando, flanqueando e confinando Tallards. Assim, foi capaz de derrotar a cavalaria e infantaria francesas. Eles e os bávaros fugiram. O restante do exército de Clérambault, 10.000 homens, se rendeu.

Ao término da batalha, a Grande Aliança sofreu 4,500 fatalidades e 8.000 baixas, uma grande quantidade, mas isso representava somente um terço dos seus oponentes. Os franceses arcaram com 20.000 mortes e 15.000 capturados. A Baviera estava fora da guerra, a ameaça francês sobre Viena estava encerrada, e Luis XIV agora percebia que precisava se preparar para uma longa guerra. Este foi o ponto decisivo e o não oficial fim da dominância militar francesa sobre a Europa.

Agora agraciado como herói nacional, Marlborough ainda teve mais vitórias em Tréveris e Trimbach. Estas vitórias serviram não só para afastar ainda mais os franceses, mas também aumentou a reputação de Marlborough no continente. Ele recebeu o principado de Mindelheim do Sacro Imperador Romano como recompensa pelo seu sucesso. Os holandeses e espanhóis também se mostravam satisfeitos. Mas se tornar um herói internacional tem seu preço.

Liderar a Grande Aliança significou ter algumas complicações nas políticas tanto nacionais quanto exteriores, particularmente quando seu apoio na guerra diminuiu. Os Whigs, partido mais influente do Reino Unido, não estava convencido de que a guerra valeu todo o seu esforço. O relacionamento da Rainha Ana com Sara se tornou ainda mais movimentado devido às fortes opiniões e insensibilidade de Sara.

Os aliados também estavam se mostrando mais complicados nas etapas finais da Guerra de Sucessão. Quando viu uma oportunidade para atacar os franceses e pôr um fim decisivo às hostilidades, os

dinamarqueses estavam relutantes. Isso mesmo com a guerra acontecendo em sua terra natal, como foi a Batalha de Reinheim de 1705.

Apesar do apoio pouco entusiasmado, ele continuou seu circuito de vitórias; em 1706, venceu sem dificuldades os franceses perto de Ramillies. Seu exército de quase 60.000 quase sofreu uma derrota quando os esquadrões holandeses foram perdidos devido a um ataque da França, porém, reconquistou o controle da batalha quando liderou duas investidas nas quais a cavalaria acabou com os cavaleiros e o centro francês. A Liga perdeu apenas 1.000 soldados; os franceses, 13.000.

Na sua nação, a situação política havia piorado. Ele era um aliado do parlamento junto de Tory Robert Hartley, mas foi substituído devido à crescente influência dos Whigs. Marlborough teve de se entender com eles para que o governo continuasse patrocinando a guerra. Em meio a tudo isso, a Rainha Ana finalmente cortou os laços com Sara, conseqüentemente enfraquecendo de modo drástico a conexão de Marlborough com a Coroa.

Os franceses ocuparam uma região segura e recusaram se render. A Aliança se tornou ainda mais conturbada quando membros, como a Suécia, passaram a considerar vantajoso atacar alguns dos seus aliados. Marlborough, como sempre sendo diplomático, manteve os aliados em ordem e continuou recebendo recursos, mesmo que relutantes, dos Whigs. A maré mudou mais uma vez a seu favor em 1708 quando Marlborough obteve uma vitória principal na Batalha de Oudernaade. Todavia, um pacto ainda não poderia ser negociado, especialmente com a demanda dos Whig para que os franceses abandonassem suas pretensões de assumir o trono espanhol. O rei Luís recusava.

Na batalha de Malplaquet, derrotou novamente os franceses, apesar de perder 25.000 tropas contra 12.000 deles. Era uma vitória, mas não das melhores. Em 1710, ressurgiram as ideias de acordos de paz, mas os franceses ainda não estavam dispostos a conceder. Marlborough ainda tinha mais uma grande batalha para derrotar a França. Em 1711, se encontrou com o comandante francês Villars, que estava presente em Malplaquet, em Avesnes-le-Comte-Arras. Ao invés de encarar suas tropas diretamente, efetivou um brilhante ataque surpresa, executando uma marcha secreta. Suas tropas percorreram 65 quilômetros em 18 horas. Tomaram a fortaleza de Bouchain sem sofrer grandes perdas.

Nos momentos finais da guerra, Marlborough foi forçado a resolver alguns assuntos pessoais. Estava sendo acusado de corrupção e fraude durante seu comando por desviar 2,5% do pagamento de todo o dinheiro estrangeiro recebido para o exército. A acusação contra ele provavelmente se tratava de uma manobra política para destituir a figura mais visível de uma guerra cada vez mais impopular, uma vez que esta quantia havia sido gasta no Serviço Secreto, Rainha Ana já não era mais sua protetora, logo, tirou-lhe o cargo de chefe dos militares.

No curso desses acontecimentos humilhantes, deixou a Inglaterra e terminou seu envolvimento com a política, retornando ao continente europeu com Sara. Lá, ele era recebido de braços abertos. O Sacro Império Romano o fez príncipe e lhe deu a soberania sobre Mindelheim, no sul da Alemanha. Os franceses, aliviados de que ele não estava mais no comando, continuaram com suas negociações.

Mesmo Marlborough não estando mais na Inglaterra, nunca esteve longe de sua política, uma vez que trabalhava para que os alemães da casa de Hanôver entrassem na linha de sucessão inglesa com a morte da Rainha Ana. Ele ainda mantinha contato com ela, e apesar dos conteúdos de suas cartas não serem conhecidos, parece que ambos se reconciliaram, já que ele havia sido convidado a retornar para a Inglaterra.

Marlborough aceitou o convite e chegou exatamente no dia em que ela viera a falecer. Mesmo assim, ele conseguiu recuperar a maioria de seus cargos. Inclusive, supervisionou sua última campanha militar e presidiu a derrota da revolta dos jacobinos em 1715, que exigiam a volta dos Stuarts ao trono.

O Duque de Marlborough se aposentou no Palácio Blenheim, que ainda estava em construção. Ele, infelizmente, só foi capaz de desfrutá-lo por três anos. Sua saúde diminuía, e em março de 1716, sofreu

um derrame que o deixou incapaz de falar. Sofreu um segundo derrame em 1722, que ocasionou sua morte no dia 16 de junho. Morreu em Windsor Lodge com 72 anos.

Marlborough viveu um período de intrigas pelo trono inglês, onde facções continuamente usurpavam umas às outras na intenção de obterem poder. Ele demonstrou esplendor ao navegar estas águas turbulentas, mantendo um olho no ocupante do trono e outro naqueles que poderiam ocupar no futuro. Ele foi um comandante militar ambicioso que demonstrou a acuidade necessária para mudar o futuro da política na Inglaterra. Após conduzir seu país rumo à vitória na Guerra de Sucessão Espanhola, os ingleses passaram a compor o maior poder militar da Europa.

Este foi um papel que lhe pertenceu, mesmo se tratando de um homem que tanto fora caluniado e incompreendido durante sua vida.

Capítulo 7:

Frederico II da Prússia (1712-1786):

Santo Padroeiro da Genialidade Tática, Antecessor do Império

Germânico

Em 1730, encoberto pela sombra da noite, o príncipe herdeiro da Prússia, sob o risco de ser assassinado, fugia em direção à Inglaterra. O rapaz de 18 anos de idade viajou com seu tutor, Hans Hermann Von Katte, e um grupo de jovens militares. O grupo provavelmente chegaria em segurança na Inglaterra, caso não fosse um dos colegas do príncipe que denunciou o esquema quando estavam perto de Mannheim no Eleitorado do Palatinado.

O rapaz então teve de voltar forçosamente à corte de seu pai e seu tutor foi executado. Ele fora sentenciado por seu pai e teria sido executado se não fosse a intervenção de Carlos VI, o Sacro Imperador Romano, alegando que o príncipe só poderia ser julgado pela Dieta Imperial do Sacro Império Romano. Ele ficou preso durante dois meses e depois foi exilado da corte por mais seis.

Esse era o tipo de relação que Frederico II tinha com seu pai, Frederico Guilherme I da Prússia. O Frederico mais velho era um disciplinador e dos maiores, treinando seu filho para se tornar um soldado desde o seu nascimento. O jovem Frederico era acordado todas as manhãs com o um estampido de canhão. Quando completou 6 anos, passou por um regime de instruções militares e manuseio de armas, e no final daquele ano recebeu um arsenal em miniatura. O rei instruiu ao tutor de seu filho, que o batesse toda vez que caísse do cavalo ou quando cometesse alguma "effete", tal como usar luvas no inverno.

O jovem príncipe, no entanto, preferia levar a vida de uma forma mais quieta, com seus estudos. Ele se contentava com música, artes, filosofia francesa, e milhares de livros sobre a poesia grega e latina. Esta forma diferente de pensar é possivelmente a fonte sucesso de Frederico II como líder militar e um transformador da Prússia imperial. Ele reformou a burocracia do Estado e suas funções públicas.

Ele se auto-intitulava como um déspota esclarecido e promoveu a tolerância religiosa entre católicos, protestantes e judeus. Foi um incentivador das artes, patrocinava músicos da corte como Bach e Johann Joachim Quantz. Frederico aspirava ser um rei filósofo como no livro *A República* de Platão e a vida de Marco Aurélio. Ele apoiava as corroborações filosóficas do Iluminismo francês e trocou por um longo tempo correspondências com Voltaire.

Todos estes atributos o distanciava de seu pai, o rei que criou a massiva arma de guerra da Prússia, mas que não promoveu uma cultura unificada ou que fosse rica no aspecto civil dos diversos principados que compunham seus domínios. O exército era composto de 200.000 soldados que não compartilhavam da mesma identidade. É por essa razão que a Prússia, sob o reino de seu pai, era descrita pelo ministro Friedrich von Schrötter como sendo "não um país com um exército, mas um exército com um país." Frederico filho não desejava viver uma vida de soldado ou general, mas quando as circunstâncias lhe forçaram, abraçou seu novo papel como poucos o fizeram.

A ele foi dado um exército superior, cujas potencialidades foram aproveitadas ao máximo, incorporando o que alguns descreviam como "a mais elevada das conquistas militares que se era possível numa Europa em que prevaleciam as condições anteriores à Revolução Francesa." Ele sabia como derrotar números, tropas e táticas superiores. Ele também sabia quando substituir beligerância por diplomacia. Apesar de relutantemente ter assumido seu cargo, Frederico construiu um legado que ainda se mantém vivo na Alemanha dos dias de hoje.

Frederico nasceu em 1712 em Potsdam, perto de Berlim. Era o filho mais velho de Frederico Guilherme I da Prússia e da Princesa Sofia. Sobre sua falha tentativa de fugir da Prússia, seu pai acabou

por não matá-lo, mas obrigou-o a assistir a execução Von Katte. Frederico foi perdoado, mas perdeu seu patente militar. Foi também forçado a aprender sobre educação militar e estadismo, coisas que evitava no passado.

Frederico retornou à Berlim dois anos depois. Em 1733, depois de recusar alguns casamentos arranjados, acabou por aceitar se casar com Isabel Cristina de Brunsvique-Volfembutel, da dinastia Habsburgo. Isabel prestou suas dedicações a ele, que não estava feliz em se casar com ela; a infelicidade era tanta, que a maior fofoca que rolava na corte era a de que o casamento nunca havia sido consumado.

Apesar de suas perturbações nupciais, ele aproveitou os primeiros anos de seu reinado. Frederico passava horas assistindo a peças de teatro, escutando música, e dando continuidade a seus estudos de literatura francesa, começando inclusive a trocar correspondências com Voltaire. Também escreveu livros, em particular uma refutação de "*O Príncipe*", intitulada *Anti-Maquiavel*.

A tese levantada por Frederico defendia que os conceitos descritos no clássico sobre política não eram mais relevantes no século XVIII. Ele dissertou profundamente sobre as mudanças políticas que ocorreram na Europa, como a substituição da estrutura cidade-estado na época de Maquiavel por uma concentração do poder em um pequeno número de estados e impérios da época contemporânea.

Além de suas buscas intelectuais, também se dedicou ao seu trabalho no governo, fato que impressionou seu pai. Também retomou o exercício militar e foi indicado comandante de um regimento de infantaria. Frederico foi parte de um contingente prussiano que auxiliou a Áustria na Guerra de Sucessão da Polônia. Nesta posição, serviu ao príncipe Eugênio de Saboia em sua batalha contra os franceses. Além disso tudo, ainda fundou a Ordem Bayard, um grupo que estudava assuntos militares.

Em 1740, Frederico Guilherme faleceu e Frederico II ascendeu ao trono da Prússia. Pouco depois, o imperador Carlos VI da Áustria também morreu. Antes de sua morte, Carlos refletiu bastante sobre sua escolha para sucessor, uma vez que estava preocupado que sua filha e herdeira, Maria Teresa, não fosse aceita como herdeira legítima do trono. As leis da dinastia Habsburgo não aceitavam mulheres como monarcas, mas Carlos VI não tinha um filho e portanto, nenhuma outra opção. Para evitar um confronto armado, criou a Pragmática Sanção de 1713, que permitia com que sua filha fosse a legítima herdeira das possessões dos Habsburgos.

Entretanto, a França e a Baviera tinham planos na Áustria, assim com Frederico. Todos esperavam ansiosos por um momento de enfraquecimento Habsburgo, de modo que o império não pudesse mais defender suas valiosas terras; Frederico deixou claro para Maria Teresa de que tinha interesses em ajudá-la em questões militares, porém sua cooperação não sairia de graça. Ele exigiu que em troca de seu auxílio que a Província de Silésia se anexasse ao território da Prússia. Assim que Maria Teresa recusou, foi declarada guerra à Áustria, um conflito que ficou conhecido pelo nome de Guerra de Sucessão Austríaca. Na intenção de travar uma guerra considerada legítima na arena internacional, Frederico usou o Tratado de Brieg de 1537 como desculpa. Era dito que a Casa de Hohenzollerns - uma família prussiana real que incluía os imperadores - tinha o direito de herdar o ducado de Brieg, localizado em terras Habsburgas.

A desculpa foi considerada suficiente pelos Estados vizinhos que também estavam dispostos a tomar algumas porções do Sacro Império Romano. Ambas, França e Baviera, juntaram-se à guerra.

O exército prussiano não tinha muita experiência na prática, mas era o exército mais bem treinado e talentoso de toda a Europa. Ele herdou um exército de 83.000 homens; quando morreu, este número aumentou para 190.000. O exército recrutava camponeses dos campos e os pagavam com impostos financiados pelos que moravam nas cidades que por sua vez, eram liberados do serviço militar.

Além disso, prevenia com que nobres interferissem em questões militares, criando um relacionamento mais pessoal entre o exército nacional e o recruta. Os nobres não eram mais o filtro pelo qual corriam as reformas militares; em 1749 e 1764, ele lançou decretos que limitavam as obrigações do camponês ao seu senhor.

A primeira experiência como comandante de Frederico se deu na Batalha de Mollwitz em 1741, onde derrotou os austríacos. A cavalaria prussiana teve um péssimo desempenho no início, mas os corseiros, originalmente treinados em cavalos pesados, foram retreinados em cavalos mais leves e manobráveis. Seguindo essa vitória, atacou os austríacos mais uma vez na Batalha de Choyusitz depois de retroceder. Mais uma vez, a habilidade dos soldados prussianos mudou a maré. Frederico chegou a um acordo com Maria Teresa e se retirou da guerra em 1742, obtendo a maior parte da Silésia.

No entanto, a Áustria teve um grande aumento no desempenho da guerra sem a Prússia. Percebendo que esse quadro poderia implicar em consequências adversas tanto para Prússia quanto para sua mais nova possessão, Frederico decidiu retomar a participação da Prússia no conflito. A guerra terminou em 1748 com o Tratado de Aquisgrão. A Áustria conseguiu manter todos os seus domínios, com exceção da Silésia.

As nações europeias restantes suspeitavam das próximas intenções de Frederico em continuar aumentando suas extensões. Rússia, Áustria, França, Saxônia, e Suécia, todas se uniram contra ele. Áustria e França, que tradicionalmente eram inimigas, agora formavam uma aliança. Frederico, preocupado com a segurança da Prússia, entrou numa aliança com a Inglaterra e com a Casa de Hanôver no Tratado de Westminster. Em 1756, ele invadiu a Saxônia e assim iniciou a Guerra dos Sete Anos.

Frederico tinha uma desvantagem numérica na guerra, mas ainda assim foi capaz de vencer devido ao melhor treino de suas tropas, que prevaleceu diversas vezes em batalha. Frederico também usou táticas superiores contra seu inimigo que era muito maior. Ele não daria a oportunidade de combinar suas forças e lançarem um ataque unificado às nações que compunham a aliança.

Assim ele mitigou a força da aliança em números, atacando com menos, porém melhores soldados. Seu exército viajava em unidades menores que se juntavam e combinavam suas forças imediatamente antes da batalha. Adicionalmente, a confiança dos seus oponentes em formações tradicionais de batalha expunha suas vulnerabilidades.

Frederico inspirava suas tropas através do seu envolvimento pessoal nas batalhas. Assim como Alexandre, Aníbal, e Khalid ibn al-Walid que vieram antes dele, ele frequentemente ia junto com suas forças militares ao combate. Como resultado, seis cavalos foram baleados enquanto estavam sendo montados por ele ao longo de sua carreira.

Sua bravura e esplendor tático lhe renderam a reputação de gênio, particularmente pelo seu uso da técnica "oblíqua", que consistia no exército atacante focar apenas em um flanco inimigo. Seu exército mirava no ponto fraco do inimigo, usando a sobra de seus homens para restaurar a linha do inimigo. Uma vez que havia efetivamente sido feito um buraco na defesa adversária, seu exército então criaria uma formação angular que tinha o potencial de concentrar as forças de ataque. Eles podiam envolver o flanco e derrotar o totalmente o inimigo. Era através desse método que ele garantia a vitória sobre forças mais fracas no campo de batalha.

Para que fosse executada essa sequência eram necessárias três coisas. Primeiro, informações precisas eram indispensáveis. Cada oficial precisava saber como formar o batalhão de linha à coluna, manter seu lugar na coluna, e depois remanejar o escalão para um ataque. Segundo, os soldados tinham que marchar em formação, o que requeria formações estruturadas. E por último, seus inimigos não podiam saber qual era a formação, pois uma vez que soubessem, podiam contra-atacar de maneira mais rápida. Todos esses requisitos são difíceis de serem executados pelo comandante, mas não para Frederico, que era um aficionado pelos detalhes e talentoso na arte do subterfúgio.

A obra prima de sua carreira militar veio no dia 5 de dezembro de 1757, na batalha de Leuthen. Ele tinha vencido recentemente a França em Rossbach no dia 5 de novembro, o que protegeu a Prússia de uma invasão francesa. Ele agora se concentrava no poderoso exército austríaco sob o comando do príncipe Carlos Alexandre de Lorena. Sob o comando de Frederico havia 35.000 homens, 133 esquadrões de cavalaria, 78 armas pesadas, e 98 batalhões de armas terrestres.

Os homens sob seu comando estavam confiantes após a vitória, porém a outra metade que já tinham lutado em comandos diferentes estava desmoralizada após uma retirada estratégica da Breslávia. Esta era a soma de suas forças que tinham que atacar o exército austríaco em Silésia, que possuía 85 batalhões, 125 esquadrões, 235 armas, e 60.000 homens. Eles formavam uma equipe profissional que já tinha vencido os prussianos três vezes em batalha.

Primeiramente, Frederico se concentrou em elevar a confiança de seus homens. Apesar de estar doente e exausto, ele se juntou às tropas e se aquecia à fogueira junto dos homens, ouvindo suas histórias, suas reclamações, e prometendo recompensas e promoções por aquele serviço valioso. Mostrava camaradagem para com os mais jovens e os inspirava ao invés de desmerecê-los: "Levem sempre em suas mentes, senhores, que estamos lutando pela nossa glória, pela preservação de nossos lares, por nossas esposas e filhos," ele dizia. Com essas palavras, ele instilava em seus homens a convicção de que iriam sair vitoriosos. Para aumentar ainda mais os seus ânimos, providenciava um aumento da porção de comida e licor.

Frederico sabia que havia regiões austríacas próximas da Breslávia que estavam nas mãos de 1.000 croatas e dois governos. Sua primeira ação foi se livrar deles, antes que um exército maior chegasse para ocupar a área, prevenindo dessa forma com que colocassem infantaria na cidade e artilharia nos morros. Isso foi importante, pois tomou dos austríacos uma posição importante. Invadiu a Breslávia enviando uma parte de sua tropa para derrubar os portões da cidade, seguidos de uma cavalaria que investiria contra a cidade. Um terceiro grupo entrou na Breslávia pelo portão de trás, surpreendendo os austríacos. No total, 800 croatas foram capturados. O exército prussiano então avançou e ocupou vilarejos nas regiões próximas.

De acordo com seus informantes, o exército austríaco criou uma linha defensiva de aproximadamente 6,5 quilômetros perto do vilarejo de Nipporn. Seus planos de ataque iam de acordo com a seguinte ordem: primeiro o exército era precedido de uma vanguarda de 60 esquadrões e 10 batalhões, liderados pelo próprio Frederico. Quatro colunas do exército seguem atrás, com a infantaria compondo as duas do meio e a cavalaria, as laterais.

Seu front era o primeiro grupo a encontrar a vanguarda da cavalaria austríaca, que não era parte do exército principal. Frederico ordenou sua cavalaria que investissem contra o front austríaco com o total suporte da infantaria. Essa estratégia desordenou os austríacos, forçando-os a recuarem de volta ao exército principal. Mais de 800 homens da infantaria austríaca e cinco oficiais foram capturados.

Eles continuavam com o avanço prussiano até que estivessem ao alcance da visão do exército da Áustria. Agora que estava totalmente visível, ele poderia descobrir seus pontos fortes e fracos. Ele via as falhas na formação dos batalhões: um pequeno monte de terra mais elevado ao qual o flanco esquerdo estava ancorado, onde o terreno era desnivelado para baixo.

Se essa porção fosse capturada, então seu exército teria uma grande vantagem ao longo da batalha. Para disfarçar seus movimentos em direção ao sul, Frederico usou o terreno para esconder seus soldados e ordenou que uma parte de duas tropas aparecesse atacando na direção do norte, enganando-os assim de sua real intenção.

Ele executou essa manobra com sucesso e preparou para o ataque investindo na formação oblíqua com o flanco do sul. A força de ataque foi reforçada com uma bateria de canhões. O flanco esquerdo de Frederico, que fora usado para confundir os austríacos, prestou auxílio à cavalaria que tinha a missão de proteger uma recuada prussiana caso o primeiro ataque falhasse.

Os prussianos rapidamente capturaram o outeiro, dando-lhes uma posição favorável sobre toda aquela planície. Eles preveniram um contra-ataque austríaco ao posicionar uma bateria de artilharia ali. O avanço foi lento, porém logo a cavalaria austríaca foi forçada a recuar. Foram forçados a retroceder às posições iniciais e voltaram ao vilarejo de Leuthen. Os austríacos atacaram para mudar sua posição e formaram uma nova linha paralela ao front prussiano.

Os prussianos entraram em Lethuan e agora toda a batalha se concentrava num adro cercado por uma muralha de pedra. Invadiram a igreja, e os austríacos remanescentes na cidade tiveram de fugir mais ao norte. Tentaram efetivar mais um contra-ataque contra os prussianos pelo lado de fora da cidade. Mas Frederico ordenou com que seu flanco esquerdo atacasse o lado direito dos austríacos. Estes foram dispersos e fugiram em desordem, logo sendo atacados pelos três lados. Com essa investida, a Prússia conquistou a vitória. Sofreram um total de 6.382 perdas; já os austríacos tiveram 10.000 perdas e 12.000 foram capturados. Adicionalmente, 131 peças de artilharia austríacas foram capturadas.

Apesar dessa vitória gloriosa, o tempo não estava do lado de Frederico. A aliança estava forte o suficiente para sugar todos os seus recursos e ameaça a Prússia de falência. A Rússia também tinha invadido Berlim, colocando mais pressão sobre ele para que tomasse uma decisão rápida. No entanto, sua sorte mudou quando a imperatriz Isabel da Áustria faleceu e foi sucedida por Pedro III. Este novo governante russo não tinha interesse em continuar a guerra contra a Prússia. Em 1763, a guerra foi terminada com a Paz de Hubertusburgo, com a Prússia ficando com seu território pré-guerra.

Mesmo não conseguindo nenhum pedaço a mais de terra na guerra, Frederico conseguiu ter uma visão geral dos passos que seriam necessários para fazer da Prússia uma força com dominância política e militar no Concerto da Europa. Para isso, seria necessário mais do treinamento ou conhecimento tático; seria necessário também se utilizar de diplomacia. Também precisaria mudar seu método de atacar primeiro, e se concentrar mais na defesa de seus domínios. Ele assinou uma aliança com a imperatriz Catarina II da Rússia, que assumiu o trono após seu marido Pedro ter sido assassinado. Apesar de uma desconfiança mútua, a aliança foi efetivada e ambos os monarcas foram pragmáticos.

A aliança foi colocada à prova quando a Rússia entrou na guerra contra o Império Otomano em 1768. Frederico estava preocupado com a expansão da Rússia, já que suas intenções na guerra era a de trazer as regiões do Cáucaso e da Crimeia para seu domínio, e posteriormente as terras otomanas. Henrique, o irmão de Frederico, propôs que as terras da Polônia fossem tomadas e repartidas entre Prússia, Rússia e Áustria. Frederico capturou essa área e rapidamente anexou essa área aos seus domínios.

Renomeou este novo território de Prússia Ocidental. Ordenou que seus ministros aprendessem o polonês, mesmo que mostrasse certo desprezo pela nova província. Encorajou os alemães a se mudarem para a o território adquirido e reformassem o sistema de educação. O plano funcionou: cerca de 300.000 alemães foram morar na Prússia Ocidental, fato que trouxe um grande impacto na cultura e sociedade daquela terra.

Quando José II da Áustria decidiu invadir a Baviera, Frederico se utilizou de vários artifícios diplomáticos e ameaças para pressioná-lo a desistir dessa ideia. Quando José optou por mesmo assim seguir adiante, Frederico entrou com pouco entusiasmo no conflito. Preparou seus exércitos para a batalha, mas nada ocorreu exceto uns conflitos ínfimos, que terminaram com o Tratado de Teschen. A Áustria ficou com Burgau, e a Prússia recebeu alguns principados francônios. Outro resultado desse tratado foi a criação da Fürstenbund, ou Liga dos Príncipes Germânicos, que tinha como fundamento proteger os germânicos contra ataques externos.

As capacidades de Frederico iam muito além daquelas como líderes militar. Ele exigia trabalho duro e lealdade de seus nomeados, o que resultava num governo efetivo. Encheu os cofres do tesouro, mesmo com suas despesas de expansão militar, ao criar um sistema de impostos que funcionava tão bem, que era invejado pelo resto da Europa. Também construiu uma boa base industrial para a Prússia de forma que seu Estado pudesse manufaturar seus próprios bens. Ironicamente, uma área que ele não desenvolveu na sociedade prussiana foi a da arte e literatura, contrastando com sua grande apreciação pessoal por esse tipo de cultura.

Nos anos que se seguiram, Frederico viveu mais solitário. Ele ficou menos interessado em fraternizar com a população de Berlim. Seu círculo de amigos que foi mantido ao longo da sua vida na corte morreu, e os membros mais jovens não os substituíram. Ele então passou a tomar posturas críticas e arbitrarias

com aqueles à sua volta. Fato que incomodava os oficiais do alto escalão e os burocratas. Sua situação foi piorando e em 1786, morreu no palácio de Sanssouci no seu tão adorado quarto de estudos. Foi enterrado ao lado de seu pai na Potsdam Garrison Church.

No seu reinado de 46 anos, Frederico levou a Prússia do posto de um pequeno Estado ao de uma das maiores potências europeias. Ele dobrou a área de seu território e fez a força dominante entre os estados alemães. Suas ações eventualmente levaram à unificação dos principados da Prússia, originando a nação alemã em 1871. O ensino básico e a codificação das leis ocorreram durante o seu reinado. As forças armadas, que antes era uma instituição aristocrática, agora era uma parte da sociedade relevante a todas as classes sociais, independente se fosse o nobre que liderava o exército, a classe média que o abastecia, ou os camponeses que compunham as tropas.

Talvez o maior elogio ao seu governo viesse de um comandante militar tão ambicioso como ele e que também conseguiu elevar os poderes de sua nação a novos patamares. Poucas décadas depois da morte de Frederico, um influente general francês prestou homenagens ao governante prussiano e vangloriou que este foi o maior gênio das táticas de guerra de todos os tempos. Após uma vitória deslumbrante em 1807, o comandante fez uma peregrinação ao seu túmulo em Potsdam, prestando seu respeito ao não oficial santo padroeiro das conquistas militares inesperadas.

Em pé, diante da sepultura de Frederico, Napoleão Bonaparte dizia aos seus homens, “Senhores, se este homem ainda estivesse vivo, eu não estaria aqui.”

Capítulo 8

Alexander Suvorov (1729-1800):

O Sun Tzu russo; Conquistador dos Turcos, Franceses e Poloneses

Apesar de ser desconhecido pela maioria dos ocidentais, este general russo foi o único capaz de frear o avanço napoleônico pela Europa no século XVIII. Suas célebres frases e sabedoria influenciam várias gerações de comandantes militares. Em seu manual *A ciência da vitória*, dissertou sobre moral, treinamento, e a iniciativa dos soldados do front. Foi escrito para os camponeses russos que formavam o núcleo de seu exército para que se tornassem soldados propriamente ditos. Suvorov é uma figura complexa, mas sua filosofia é talvez melhor representada por sua frase que diz que para vencer, deve-se treinar pesado e lutar leve. Nesse quesito, Suvorov era um autêntico exemplo para suas tropas. Lutou quase 100 batalhas e venceu todas. Estas só foram obtidas por causa de suas estratégias não convencionais e a grande disciplina de suas tropas.

Estas só foram obtidas por causa de suas estratégias nada comuns e a grande disciplina de suas tropas. Tudo isso foi conquistado enquanto evitava a decadente cultura de Moscou. Suvorov não via motivo em ficar bajulando os czares quem definiam o líder militar durante a Rússia Imperial do século XVIII.

Num período onde os militares geralmente estavam mais interessados nos confortos da vida aristocrática, ele geralmente ignorava as intrigas na corte e focava no campo de batalha. As únicas pessoas que ele almeja o respeito eram seus soldados, com quem dividia o mesmo nível de conforto material.

Suvorov nasceu em Moscou em 1730. Seu pai, Vasily Suvorov exercia função de general do exército russo e também de senador. Sua mãe era armênia. Ele era uma criança frágil, seu pai não tinha muita crença de que seu filho conquistasse algum nível significativo de sucesso; julgava ele seria apto apenas para alguma ocupação civil qualquer.

No entanto, o jovem Suvorov trabalhou duro, superando as poucas esperanças que seu pai havia depositado nele. Aprendeu por conta própria quatro línguas e estudou história militar, estratégias e táticas com auxílio da vasta livraria de seu pai. Engajou-se, num rigoroso exercício físico para fortalecer seu corpo.

Sua dedicação impressionou tanto o seu avô, o general Ganibal, que acabou por convencer Vasily a colocar seu filho na carreira militar. Com 18 anos, Suvorov se juntou ao exército e assistia às aulas de cadete das forças terrestres. Passou seis anos no Regimento Semyonovsky.

Sua primeira participação em batalha foi na Guerra dos Sete Anos contra a Prússia, entre 1756 e 1763. Nesta época, todas as dúvidas sobre sua capacidade foram encerradas. Suvorov foi elogiado por seu desempenho em campo e foi promovido a coronel. Foi neste momento que sua carreira decolou, pois em 1762 Catarina, a Grande, assumiu o trono.

A Suvorov foi incumbida uma missão na Polônia, onde uma revolta estava eclodindo na Confederação de Bar. Ele derrotou o exército do general Pulaski, conquistando a Cracóvia. A guerra foi o princípio da primeira partição da Polônia, que dividiu o país entre Rússia, Áustria e Prússia. Depois de terminada a campanha, ele foi promovido a major-general.

Ao longo dessas batalhas, Suvorov se utilizou de táticas de batalha que ele mesmo havia criado. Estas manobras evitavam instruções complicadas e enfatizava uma abordagem mais básica que se concentrava em precisão, agressividade e contato direto. Era uma abordagem não convencional, porém

vigorosa e efetiva contra as forças inimigas. Também priorizava um ataque rápido à paciência. "Velocidade e investida são as bases da vitória," ele dizia.

A próxima grande campanha de Suvorov foi na Guerra Russo-Turca de 1768-1774, lutada contra o Império Otomano, o arqui-inimigo dos russos. Ele não se aderiu à guerra até 1773, mas sua influência foi decisiva. Suas vitórias sobre o exército otomano lhe renderam a reputação de um extraordinário líder e comandante. No entanto, seu desinteresse pela política e pelo governo começou a ficar cada vez mais aparentes

Ele lançou ações sem devidas autorizações sobre os turcos e por isso foi sentenciado à morte. Apesar de sua atitude desrespeitosa quanto à família real, seu sucesso militar lhe concebeu as graças da igualmente militar Imperatriz Catarina II. Ela declarou que os vencedores não poderiam ser julgados.

Em 1774, depois de quebrados alguns tratados, ele assumiu o comando contra o Exército otomano na Batalha de Kozluca. Os turcos tinham uma grandiosa vantagem numérica com suas 40.000 tropas. Mesmo assim, os russos foram capazes de superá-los com seu poder de fogo maior e dividindo as forças otomanas, tornando-as mais fáceis de serem conquistadas.

Nesta batalha, parte do exército turco foi pego enquanto tentava atravessar um afluente do Danúbio. Seu ataque contra o flanco de trás do inimigo causou-lhes um abalo que os levou a se juntarem ao exército principal, criando uma oportunidade para os russos invadirem seu acampamento. Os russos sofreram apenas 200 perdas contra 3.000 dos otomanos. Devido a esta perda, eles dominaram a maior parte da costa norte do Mar Negro, tornando-o agora um lago russo. A guerra terminou pouco depois e ele foi promovido a tenente-general.

Conhecido como "O General dos Soldados," Suvorov aumentou sua reputação em muitos aspectos. Ele respeitava suas tropas se certificando de que estas estavam devidamente pagas e equipadas, o que não era uma tarefa fácil num tempo de uma burocracia primitiva e redes de comunicação sustentadas apenas pelo correio.

Os escritos de Suvorov formam uma espécie de acervo de citações sobre assuntos militares, por isso chamá-lo de Sun Tzu russo. Ele defendia a ideia de atacar na primeira oportunidade ao invés de ficar esperando pela oportunidade perfeita; ou, como ele dizia eloquentemente, "*ataquem com o que tiverem à mão, com o que Deus mandar.*" Apesar de não concordar com os prussianos sobre uma abordagem mais sucinta, ele acreditava na rígida disciplina de seus soldados, ou que "*um treinamento duro torna uma batalha fácil*".

Cada vez mais ou outros exércitos dependiam da artilharia para vencer o inimigo, mas Suvorov tinha uma confiança maior na baioneta e no combate cara a cara. Os rifles do século XVII tomavam um tempo considerável para recarregar, às vezes mais do que um minuto, então ele recomendava que suas tropas utilizassem a baioneta contra o primeiro inimigo que encontrassem e atirassem no segundo. "A bala é louca; somente a baioneta sabe o que deve fazer", ele comentou em seu livro "*A ciência da vitória.*"

Ele treinava seu exército para lutar com velocidade, mobilidade e precisão de tiro com a baioneta, tudo dentro de uma estratégia cuidadosamente planejada por ele. W. Lyon Blease escreve em sua biografia sobre Suvorov que ele se sentia mais confortável com um esquema operacional que lhe garantisse total poder e controle sobre qualquer decisão: "*Os oficiais sabem que eu não me importo de trabalhar assim. ...Suvorov era major, assistente, e todas as funções até cabo; eu mesmo estudei tudo e posso ensinar a qualquer um.*"

Sua determinação era a principal razão de nunca ter perdido uma batalha. Ao contrário de outros generais bem sucedidos da sua época, Suvorov nunca considerou o recuo como uma opção estratégica viável. Sua relutância em recuar não era por medo de ser punido; mas sim, era um modo de instaurar a confiança em suas tropas de que a vitória nunca é impossível. Sua terceira razão para o sucesso era a de limitar o número de oficiais, resultando numa maquinaria militar mais eficiente por ter menos intermediários entre os generais e os soldados.

Suvorov acabou com os códigos e se comunicava suas tropas de uma maneira clara. Empregava a mesma logística de generais do passado como Frederico, o Grande e Marlborough, ou seja, tinha um zelo especial com o bem estar geral dos soldados ao cuidar de seus suprimentos de armas e condições básicas de vida. Isto levava a uma diminuição do número de doenças nos acampamentos.

Depois de vencer pequenos conflitos, Suvorov assumiu o comando da Guerra Russo-Turca em 1787-1792. Foi vitorioso nas batalhas de Ochakov e Kinburn. Em Kinburn em 1787, os turcos tentaram frear a tropa russa e impedir um cerco em Ochakov. Assim que os otomanos atacaram e Suvorov lançou seu contra-ataque.

Durante a ofensiva, Suvorov foi ferido duas vezes. Ele não se importou com os ferimentos que eram apenas um preço a ser pago pela expulsão dos soldados turcos. Com este episódio em mente, ele é citado no livro "Princípios Básicos da Arte Operacional e Tática" de Savkin, como "Uma perseguição acirrada não deixa tempo para o inimigo pensar, deixa-o sem base, e lhe tira sua rota de fuga."

As perdas finais da batalha totalizaram 400 russos e 4.000 otomanos. A guerra continuou, e em 1790, atacou a força de Izmail na Bessarábia no Rio Danúbio, uma de suas mais famosas vitórias. A fortaleza era tida como impenetrável por causa de seu tamanho, mas mesmo assim os russos derrubaram-na com sucesso. Os soldados turcos tinham a ordem de assegurarem seu terreno e recusaram o ultimato russo de rendição.

Este foi o marco militar, a catastrófica derrota dos otomanos, e a virada da guerra. A vitória representou um momento glorioso immortalizado no primeiro hino da Rússia. Devido aos serviços prestados durante a guerra, Catarina, a Grande lhe presenteou com o título de *Rymnisksky*.

Em 1794, Suvorov foi chamado para acabar com uma revolta polonesa. Na Batalha de Maciejowice, os russos chegaram a tempo de atacar antes que os reforços poloneses aparecessem. Foi uma batalha brutal, onde o comandante polonês Tadesz Kosciuszko foi capturado. Os russos, em seguida, atacaram Varsóvia e a vizinha Praga.

Durante o ataque a Praga, os cossacos mataram 20.000 civis. Resta ainda a dúvida se os cossacos agiam sob o comando de Suvorov durante o extermínio. De qualquer forma, ele foi parcialmente responsável pela atrocidade, uma vez que cedeu aos cossacos um tempo a mais na cidade para que a saqueassem.

Esta campanha lhe rendeu o conhecimento pela Europa por sua tamanha brutalidade por ter permitido que tantos civis fossem mortos durante a pilhagem. De acordo com os cálculos militares de Suvorov, esta foi uma ordem justificável. Um fim rápido, porém violento da guerra resultaria numa quantidade menor de perdas de vidas humanas se comparada a um conflito mais prolongado, porém mais extenso.

Ele disse, "É muito difícil cumprir o dever. Fui tido como bárbaro por causa da invasão à Praga onde 7.000 foram mortos. A Europa diz que sou um monstro. Eu mesmo li isso nos jornais, mas eu gostaria de conversar com as pessoas sobre este assunto e perguntá-las: não seria melhor terminar logo uma guerra com 7.000 mortes do que permitir que esta se estendesse e morressem 100.000?"

Quando a guerra terminou e Varsóvia tinha sido capturada, ele compartilhou sua felicidade com a Imperatriz de sua maneira característica. Ele enviou esta simples mensagem à Catarina: "Viva!, de Varsóvia, Suvorov."

Depois de concluída a campanha polonesa, o comandante de 64 anos se aposentou em Konchansko. Assim como fazia com seus soldados, ele vivia do mesmo modo que os moradores da cidade e os ajudava com os trabalhos relacionados ao campo. Pouco depois do início de sua aposentadoria, Catarina morreu em 1796 e seu filho Paulo I se tornou o czar. Suvorov não aprovava as novas medidas implantada no exército, Paulo então decidiu cortá-lo juntamente de seus apoiadores do círculo militar.

Ao contrário de sua mãe, a sua personalidade não era a que mais agradava ao general; Paulo gostava de toda a pompa, fazia desfiles, entre outras coisas que incomodavam o mais íntimo de Suvorov. O velho general rapidamente entrou em conflito com a corte e foi deixado de lado. No entanto, Paulo vivenciou

uma abrupta mudança do cenário mundial quando a primeira guerra napoleônica iniciou, ameaçando a independência da Rússia. Suvorov foi convocado para liderar sua defesa na Itália em 1798.

A Rússia fez uma aliança com a Áustria contra a França para tirá-los da Itália. Suvorov preparou suas tropas e foi nomeado marechal pelo imperador austríaco Francisco. Ele chegou ao norte da Itália quando Napoleão Bonaparte estava ocupado numa batalha no Egito. Seu exército de 45.000 homens teve suas vitórias em Cassano d'Adda, Trebbia e Novi. Nas duas primeiras, venceu os generais franceses Jean Moreau e Etienne MacDonald. Em Novi, Suvorov executou suas táticas de batalha que passou toda sua carreira aperfeiçoando. O comandante francês Barthélemy Catherine Joubert foi morto logo nos primeiros momentos da batalha. Esta última, expulsou as forças francesas da Itália.

Porém, a Áustria e Grã-Bretanha temiam sua posição no sul europeu, uma vez que lhe fornecia um ponto ideal para atacar o centro do continente. Suvorov foi chamado para ir até a Suíça e reforçar o exército austríaco ao invés de rumar diretamente à França. Armamentos e outras provisões prometidas pelos austríacos não lhe foram entregues, então ele se viu obrigado a atacar as tropas francesas com seu abastecimento limitado enquanto segurava o Passo de São Gotardo, a mais rápida, porém mais difícil rota até a Suíça. Ele finalmente tomou o ponto francês depois de tê-los rodeado e atacado três vezes.

No dia 25 de setembro, ele novamente rodeou e atacou os franceses, que estavam incumbidos de defender o túnel Lucerne-Lach e a Ponte do Diabo. Suvorov ao pisar na ponte durante a batalha, disse a seu exército "Vejam como um velho marechal encara seu inimigo!"

No entanto, um segundo exército russo havia sido derrotado em Zurique e Suvorov não tinha como atravessar seu exército pelo lago. Os franceses se aproximavam da sua posição nos Alpes e os russos temiam estarem encurralados. Não tinham reforços e os estoques eram limitados. Estavam com pouco tempo.

Para evitarem mais uma vez as forças francesas, Suvorov lançou uma expedição alpina que era similar àquela que Aníbal e suas tropas fizeram dois milênios antes. Ordenou que seu exército marchasse em direção aos montes de 2,7km de altitude do Panikh rumo a Ilands até que chegassem ao alto Reno. Os russos tiveram de negociar esta difícil travessia enquanto concediam aos franceses os maiores e melhores pontos.

Entretanto, os russos, que estavam acostumados com o frio, atravessaram com sucesso os Alpes cobertos de neve mesmo sofrendo contínuos ataques. Contradizendo todas as expectativas plausíveis, eles conseguiram efetuar esta recuada estratégica. Perdeu um terço de seu exército, mas ganhou o respeito da elite europeia por ser capaz de executar a manobra com sucesso. Por esta vitória, Suvorov foi nomeado Generalíssimo da Rússia, o quarto e último detentor deste título na Rússia pré-revolucionária.

Suvorov retornou a São Petersburgo em 1800, mas não recebeu as boas vindas como herói. Paulo havia prometido uma celebração para comemorar a vitória de Suvorov, porém sua patente e seus títulos lhe foram retirados devido uma suspeita de delito na administração militar. O general estava inconsolável e esgotado depois de uma vida inteira dedicada às batalhas. A aposentadoria não lhe caiu bem, uma vez que se tornara apático sem as suas *raison d'etre* de comandar as forças militares

Além disso, sua carreira militar havia criado certas tensões em suas relações familiares, principalmente com sua esposa. Ele não era um marido muito afetuoso, nem tentava compensar sua longa ausência com qualquer gesto romântico: Suvorov uma vez lhe escrevera uma carta que dizia somente "Vivo. Saudável. Servindo. Suvorov." Ela, como diziam os rumores, se envolvia com diversos amantes enquanto ele estava fora comprometido com suas campanhas militares. O estilo de vida ao qual ele havia retornado lhe oferecia muito pouco incentivo para que continuasse respirando. Ele morreu 18 de maio daquele mesmo ano. Condizente com seu jeito utilitarista, em seu túmulo encontram-se escrito apenas, "Aqui jaz Suvorov."

O general registrou 93 vitórias e zero derrota, algo não equiparável na história. Isto se deve às suas resoluções aceras, ascéticas e determinadas. Foi capaz de vencer inimigos em número maiores. Sua

estratégia não deixava espaço para recuadas. Quando ia à guerra, não tirava vantagem de nenhum privilégio especial; viva como um soldado comum, assim conquistava uma grande confiança de suas tropas.

Seu estilo frugal foi lendário, uma vez que preferia viver como se estivesse num acampamento mesmo quando distante do campo de batalha, dormindo no feno e dispensando cobertores durante o frio. Diz a lenda que uma vez Catarina lhe ordenou que usasse um casaco de pele, porém ele se negava. Para que não descumprisse a ordem, ele carregava o casaco, mas não o vestia.

Todavia, seu desgosto pela política pode ter limitado a velocidade de sua ascensão ao comando da hierarquia militar. Como foi discutida na introdução deste livro, a maioria dos generais famosos da história eram ovelhas negras, cujo brilhantismo também os tornava discrepante a ponto de não se adequarem de forma necessária para navegarem entre a diplomacia imposta pela elite. Mas independente disso, sua grande potencialidade militar lhe permitiu uma relação ao menos cordial com Catarina e, numa menor intensidade, com seu filho Paulo.

Sua habilidade de deslocar as tropas no campo de batalha como se fosse um tabuleiro de xadrez era inigualável naquele tempo. Num nível operacional, ele concentrava suas forças para destruir os suprimentos dos inimigos e atacá-los no ponto mais fraco. Ele priorizava trabalhar com grupos menores em relação àqueles maiores. Suvorov enviava pequenas unidades às batalhas para que pudesse reconhecer o inimigo e assim era capaz de posicionar um exército mais rapidamente para atacá-lo nos pontos mais vulneráveis e assim criar uma investida contínua.

Talvez a maior das honras à sua memória é a Ordem de Suvorov, uma decoração militar da Federação Russa. A cruz de 40 mm banhada a ouro é dedicada aos que demonstram liderança excepcional durante o combate e organização habilidosa das tropas e das unidades militares mesmo sob forte resistência do inimigo.

De acordo com os historiadores e o povo russo, sua reputação como comandante é inigualável. O homem cujo pai julgava ser capaz de muito pouco se provou ser indispensável à sua pátria.

Capítulo 9

Napoleão Bonaparte (1769-1821): Imperador da França, Soberano da Europa, Exilado de Elba

Em 1798, Napoleão chegou com suas forças no Egito, local que na época era uma província otomana. O propósito da campanha aparentemente era proteger os interesses comerciais franceses e impedir o acesso britânico à Índia, sua mais lucrativa colônia, para que se pudesse estabelecer uma iniciativa científica na região, o que era considerado por todos como um sucesso em expansão. Sua expedição incluía um contingente de 167 cientistas e acadêmicos. A Pedra de Roseta foi descoberta, o que permitiu a tradução dos hieróglifos egípcios, abrindo assim a oportunidade de estudo desta antiga civilização pelos pesquisadores que fundaram a ciência chamada de egiptologia. A utilização da imprensa chegou ao público na forma de jornais e periódicos publicados em francês e árabe. Ideais como nacionalismo e liberalismo foram promulgados. Outros valores iluministas foram propagados ao Egito através da fundação do Institut d'Égypte, um grupo de pesquisadores que acompanhavam a expedição. Este grupo também analisava os recursos naturais da região, como a flora e a fauna.

Contraditoriamente, apesar de sua devoção aos princípios iluministas, muitos historiadores militares acreditam que a verdadeira razão pela qual foi trazido um contingente de *savants* foi a de mascarar suas reais intenções de aumentar o poder da França e preparar o terreno para a conquista do continente europeu. Napoleão também era conhecido por sua certa intolerância às outras culturas. Transformou algumas mesquitas em lanchonetes e ordenava para que a bandeira tricolor fosse colocada no topo dos minaretes. Geralmente, oficiais civis não cumpriam esta ordem, o que fazia com que cinco ou seis cabeças rolassem da guilhotina por dia. A situação dos franceses se deteriorava conforme o tempo que ficavam no Egito. As atitudes que tomava lhe rendiam certo desprezo dos grupos locais, que não se importavam com o seu poder militar nem suas visões iluministas.

Estas são as contradições presentes no homem que é amplamente considerado como sendo um dos maiores comandantes da história. Ele desafiou os antigos regimes europeus e alterou permanentemente a ordem política do continente, colocando diversas nações numa trajetória rumo à democracia e direitos civis. Fez tudo isso mesmo assumindo um poder altamente autocrático e colocando rédeas em seus oponentes. Suas tendências megalomaniacas o fez desinteressado pelo sofrimento e morte de seus soldados; ele se interessava apenas pela contribuição destes para o seu engrandecimento, o que representava a única coisa que realmente lhe importava. No fim das contas, sua ambição política levou a França à falência e deixou o país permanentemente fora dos maiores colonizadores europeus do século XIX.

Seu maior legado foram as estratégias de batalha copiadas por exércitos nacionais da Europa durante o final do século XVIII até a invenção do mosquete em meados do século XIX. O núcleo de suas táticas dependia de uma maquinaria militar de alta eficiência. Esta requeria um intenso treinamento dos soldados, rápidos movimentos em batalha, e uma ação combinada entre infantaria, cavalaria e artilharia, uso da baioneta, mosquetes de pederneira e um pequeno número de canhões. A invenção do mosquete raiado fez com que tais estratégias se tornassem tecnologicamente impraticáveis, mas foi Napoleão quem as inventou e alcançou sua apoteose. Seus métodos requeriam que suas tropas marchassem em colunas ao invés de linhas. Isso tirava o máximo de proveito dos mosquetes de curto alcance e abatiam as fileiras inimigas.

Napoleão nasceu em 1769 em Ajaccio na ilha de Córsega. Era filho de Carlo Bounaparte, um advogado, e Leticia Ramolino Bounaparte. Sua família, mesmo não sendo muito rica, pertencia à elite

corsa. A França havia recentemente adquirido a Córsega da cidade-estado italiana Gênova. Napoleão estudou na França, onde aprendeu a língua e prestou academias militares em Brienne e na Escola Militar de Paris, graduando em 1785. Foi nomeado segundo tenente da unidade de artilharia do exército francês. Seu pai morreu no mesmo ano.

Ele não poderia ter ido à França numa época mais movimentada. A Revolução começou em 1789; dentro de três anos, o governo havia sido deposto, o rei Luís XVI fora morto e a República francesa estava instaurada. Bonaparte trabalhou para difundir os ideias revolucionários em sua ilha natal. Passou a maior parte de seus primeiros oito anos como oficial em Córsega, participando da política local. Juntou-se a um grupo pró-democracia e se aliou ao antigo conhecido de seu pai, Pasquale Paoli, governador da Córsega. Ele também se envolveu com uma facção jacobina revolucionária e se tornou tenente coronel da milícia corsa.

Seguindo a fase otimista da Revolução, veio um obscuro capítulo da história francesa, conhecida como Reino do Terror. Maximilien de Robespierre, líder da revolução, se utilizava da "força compulsória universal" para matar todos aqueles que não concordavam com as metas extremistas da República francesa. Como resultado, ele e simpatizantes jacobinos usavam a guilhotina para matar nobres, clérigos e qualquer um que se opunha à política. Os apoiadores marchavam pelas ruas de Paris com as cabeças dos padres decapitados na ponta de piques. O Reino do Terror atingiu seu auge com as execuções de Luís XVI e Maria Antonieta em 1793, e não terminaria até a morte de Robespierre.

Durante este tumulto, Napoleão foi indicado capitão do exército francês, mesmo estando por muito tempo distante do país. Sua aliança com o governador acabou em 1793 quando Paoli buscou a independência de Córsega da França. Napoleão e sua mãe foram à França e mudaram seus nomes para "Bonaparte".

A ele foi incumbido reprimir uma revolta em Toulon, que estava ocupada por tropas britânicas e francesas que reivindicavam contra o Reino do Terror. Napoleão bolou um plano para capturar a artilharia republicana localizada em l'Eguillete e dominar o porto da cidade, forçando a frota naval britânica a evacuar. Assim o fizeram, e os franceses pró-republicanos foram deixados vulneráveis. Napoleão foi ferido na coxa durante o assalto, mas seu comando na batalha lhe rendeu um louvor especial. Foi promovido a brigadeiro general e chamou a atenção de Augustin Robespierre, irmão de Maximilien. Esta relação foi crucial para sua futura carreira, mesmo que tenha terminado brevemente com a morte de Robespierre e 1794.

Napoleão abafou outra revolta em 1795, dessa vez formada por contrarrevolucionários e realistas em Paris, ao preparar a artilharia para cessar o ataque. Por ter sucedido, foi recompensado pelo Diretório francês, até então o grupo que estava no poder, e recebeu um novo patrono, Paul Barras. Pouco depois, se casou com Josefina de Beauharnais.

O jovem oficial escalava entre as patentes do exército francês, o que era bastante merecido por sua habilidade intelectual e poderosa memória. Uma história sobre sua campanha em 1805 diz que um de seus subordinados não conseguia localizar sua divisão e seus ajudantes tentavam encontrar uma solução procurando entre mapas e papéis. O imperador disse ao soldado a atual localização da sua unidade, onde estaria estacionada pelas próximas três noites, a quantidade de homens que lá estavam e toda a ficha militar do sujeito. Isso tudo mesmo com o rapaz sendo um entre 200.000 soldados e com as unidades em constante movimentação.

Napoleão, um tempo mais tarde, era um comandante formado mesmo sem nunca ter mandado nenhuma tropa ao ataque; isso era pelo fato de ter passado horas estudando exaustivamente livros de história militar. Uma vez ele disse "Já lutei sessenta batalhas e nunca aprendi nada que eu já não sabia desde o princípio. Olhe para César; ele lutou a primeira como se fosse a última."

Em 1796, Napoleão liderou a primeira de suas campanhas internacionais na Itália. Seu exército estava fracamente equipado e totalmente desmotivado. Eles eram, no entanto, um grupo experiente, e

Napoleão foi capaz de reverter a situação ao abastecer devidamente suas tropas. Mais importante, ele lhes deu maiores incentivos para a vitória.

Nesta campanha, Napoleão teve de lutar contra dois grandes inimigos: os austríacos e as forças de Piemonte. Seu primeiro objetivo era o de manter os dois exércitos separados e prevenir a junção destes em Carcare. Enquanto se preparavam, os austríacos, liderados pelo general Beaulieu, decidiram atacar primeiro. Os franceses os venceram em Dega. Eventualmente, as tropas piemontesas concordaram em um armistício depois de terem recuado em direção ao oeste.

Agora ele estava pronto para atacar o exército austríaco, o qual estava sendo perseguido ao longo da planície Padana. Estes foram derrotados em Lodi. A este evento, se seguiu a captura de Milão. Estas vitórias contribuíram para a solidificação de sua reputação como um comandante capaz de liderar campanhas em terras estrangeiras. Napoleão então expulsou os austríacos da Lombardia. Com a Itália vulnerável, conquistou os estados papais e saqueou Veneza, extraindo mais de 60 milhões de francos durante o saque.

Napoleão introduziu muitas inovações nesta batalha. Ele fragmentou seu exército principal em várias divisões menores. Cada uma destas divisões eram uma espécie de exército em miniatura, com sua infantaria, artilharia e cavalaria. Estavam em números que iam entre 10.000 a 30.000 homens e permitiam um arranjo muito mais flexível do que se comparados aos massivos outros exércitos europeus. Tal distribuição permitia com que sustentassem um inimigo em maior número até que reforços chegassem. O exército inteiro não precisava marchar junto; portanto, as logísticas militares eram mais simples e permitiam ataques surpresa contra os inimigos. Cada divisão poderia rapidamente socorrer outra durante a batalha, ou rapidamente explorar um ponto fraco entre as linhas inimigas. O princípio era marcharem separados, mas lutarem juntos.

Sua eficácia foi testada quando encararam um inimigo com exército forte e organizado. A forças do marechal austríaco Count von Wurmer vieram para se unir ao exército de Beaulieu. Os austríacos iniciaram vencendo por conta do ataque efetuado contra uma guarnição na Bréscia. No entanto, Napoleão, rápida e bem sucedidamente contra-atacou, vencendo a Batalha de Loanto e a Batalha de Castiglione. Os franceses derrotaram a grande quantidade de austríacos na Batalha de Bassano e subsequentemente recuaram até Mântua. Eles finalmente se renderam depois de perderem a Batalha de Ravióli e perceberem que não receberiam reforços. Por estar repleto de entusiasmo e possíveis desilusões de grandeza, Napoleão autorizou os termos de rendição do Tratado de Campoformio mesmo sem ter a autoridade para isso. Entretanto, os o Diretório francês concordou com o trato, que incluía tomar o controle da porção holandesa que pertencia a Áustria e as partes conquistadas da Itália. Os franceses também assumiram o controle do Sacro Império Romano.

Em 1798, os cinco diretores haviam decidido invadir a Inglaterra, porém Napoleão convenceu-os que ao invés de atacá-los diretamente, seria preferível atacar o Egito e assim acabar com suas rotas de comércio. Napoleão derrotou os mamelucos, uma dinastia provincial apoiada pelos otomanos que praticamente governava o Egito, na Batalha das Pirâmides. Infelizmente, ele percebeu que suas preocupações quanto aos britânicos estavam corretas quando sua frota fora derrotada pela Marinha Real Britânica no Nilo. Ele também invadiu a Síria para conquistar o Império Otomano, porém foi mal sucedido durante o cerco de Acre.

Mesmo sem receber nenhuma ordem, Napoleão decidiu retornar à França depois de ter visto que seu substituto havia perdido a porção norte da Itália na Batalha da Segunda Coligação. Ele e o Diretório se preocupavam com uma possível invasão na França; no entanto, a sorte havia mudado de lado novamente e quando retornou, a segurança da fronteira já havia sido restaurada. Porém, o país estava falido e a popularidade do Diretório decaía. Napoleão era inquestionavelmente a figura mais popular no país devido a sua rápida ascensão na carreira militar. Foi recrutado por um dos diretores, Emmanuel Joseph Sieyès, para reanimar o governo.

Bonaparte ficou incubido de proteger os conselhos legislativos e os convenceu a se mudarem para o Castelo de Saint-Cloud por questões de segurança. Na verdade, eles estavam sendo empurrados para fora do caminho para que uma assembleia entre Bonaparte e Sieyès, também teorizador político da Revolução Francesa, pudesse ser montada. Ele esperava se tornar o líder da França, mas Napoleão conseguiu ser eleito como o Primeiro Cônsul. Ele assumiu também o poder legislativo e escreveu a Constituição do Ano VIII. O general de Córsega era agora o líder da França.

Napoleão foi responsável por amplas e drásticas reformas no governo francês, o qual já havia sido transformado consideravelmente durante as duas décadas anteriores. Criou um sistema centralizado de bancos, sistema universitário, reformas fiscais e serviços públicos. Também criou o Código Napoleônico, que institucionalizou muitos ideais da Revolução Francesa e enfraquecia o poder da aristocracia e das tradições feudais. Removeu os privilégios que alguns tinham de nascença, estabeleceu a liberdade religiosa no país dominado pelo catolicismo, e baseou a escolha dos membros do governo pelo mérito. Este código legal foi criado pelo segundo cônsul Jean-Jacques-Régis de Cambacérès, mas com a maior influência vinda do próprio Bonaparte.

Napoleão também reconciliou as tendências seculares extremistas do país com o Papado. Durante a Revolução, o ideal do secularismo coincidiu com o desejo de destruir a influência da igreja católica na sociedade. Apesar de Napoleão não ser religioso, a maioria esmagadora dos franceses eram católicos. Ele negociou a Concordata que melhorava as relações, enquanto que ao mesmo tempo, teoricamente lhe dava uma maior influência sobre a Igreja dentro da França.

Em relação às inovações trazidas para o campo de batalha, de acordo com Peter Dean, três principais estratégias militares amparavam a filosofia de guerra de Napoleão. A primeira era a *maneuver sur les derrieres*, na qual os inimigos eram enganados por um ataque falso enquanto que o exército principal passava por uma rota secreta e atacava o flanco inimigo. Os inimigos demoraram mais de uma década para conseguirem driblar a técnica. A segunda era favorecer uma posição central quando lutava contra dois ou mais exércitos inimigos. Esta posição permitia com que atacassem o inimigo separadamente, assim derrotavam duas forças menores. Durante a campanha em Waterloo, Napoleão atacou os prussianos de Blücher enquanto as tropas do marechal Ney lidavam com o exército anglo-holandês de Wellington. A terceira manobra foi uma penetração estratégica. Esta envolvia um massacre das defesas inimigas, seguida de uma rápida marcha ao centro do território inimigo onde as cidades eram destruídas e usadas como base de operação para a próxima campanha.

Napoleão retornou à Itália mais uma vez em 1800 para derrotar os austríacos. Depois da Batalha de Marengo, os austríacos foram completamente expulsos da Itália. Assinou o Tratado de Amiens com os britânicos em 1801, estabelecendo a paz entre os dois países. No hemisfério ocidental, no entanto, os franceses se depararam com uma revolta inesperada do Haiti, ilha dominada por escravos africanos, em 1803. Napoleão decidiu que defender qualquer território francês na América do norte seria quase impossível; então decidiu vender o território da Louisiana aos Estados Unidos, aumentando assim o seu tesouro e prevenindo que seus recursos estivessem demasiado espalhados pelo globo.

Em 1804, um golpe da Casa de Bourbon que planejava assassinar Napoleão foi descoberto. Ele decidiu então evitar qualquer disputa pelo trono ao se autonegatar imperador. Napoleão foi coroado como tal numa elaborada cerimônia na Catedral Notre Dame de Paris com o Papa Pio VII presente e Josefina foi coroada como a imperatriz. O papa prometeu a Itália em retorno de sua benção, mas Napoleão se negou, declarando-se rei da Itália no ano seguinte.

Napoleão decidiu que o momento para atacara a Inglaterra havia chegado. Eles estavam relutantes em lutar depois da desastrosa Guerra da Segunda Coligação em 1799-1802, mas reconheciam o perigo que o imperador francês representava para o resto do continente. Eles formaram a Quinta Coligação com a Rússia e Áustria. Napoleão sabia que não conseguiria atravessar o Canal da Mancha e atacar diretamente a Marinha Britânica, mas ele acreditava que poderia lançar uma isca que tornasse possível que estes

atacassem longe de suas bases. Ele planejava atravessar o canal e atacar enquanto a frota britânica estivesse ocupada. Seu flanco foi um fiasco, por pouco saber sobre estratégia naval e os recursos necessários para efetivar um ataque anfíbio. Os ingleses tiveram uma decisiva vitória na Batalha de Trafalgar e se estabeleceram como a maior potência marítima.

Em continente, as experiências de Napoleão foram bem melhores. É aqui, em 1806, que muitos historiadores consideram como sendo o apogeu de sua carreira militar. Ele derrotou os austríacos em Ulm na Batalha de Austerlitz, também conhecida como a Batalha dos Três Imperadores, e os forçou a se renderem mais uma vez. Antes da batalha, Napoleão não estava confiante se seria capaz de vencer tamanha aliança entre os exércitos da Rússia e Áustria, comandados pelo czar Alexandre I e pelo Sacro Imperador Romano Francisco II. Ele só conseguiu reunir 72.000 homens e 157 armas, enquanto os aliados tinham 85.000 tropas e 318 armas. Os aliados planejavam se utilizar de sua superioridade numérica para atacar o flanco direito francês e um ataque diversionista no flanco esquerdo. O czar apoiou o plano e passou toda a autoridade do até então comandante Kutuzov para o general austríaco Franz von Weyrother.

Napoleão surgiu com um incrível plano para combater esta estratégia. Ignorou todas as sugestões de seus marechais para recuar e incentivou para que a aliança atacasse o flanco direito, que estava propositalmente enfraquecido. Isso forçou para que os aliados saíssem das colinas de Pratzen, deixando-as vulneráveis. Eles então lançaram um contra-ataque surpresa concentrando suas forças num local onde não poderiam ser atingidos. Suas tropas logo recuperaram as colinas, iniciaram uma forte investida contra o centro do exército aliado e rodearam-nos por trás.

A primeira coluna aliada atacou o vilarejo de Telnitz, onde as tropas francesas foram forçadas a retroceder e contra-atacar. Assim que chegaram os reforços, foram capazes de expulsar os aliados de Telnitz. As colunas aliadas lançavam seus ataques contra a direita francesa de uma forma vagarosa e pouco coordenada. Enquanto insistiam no flanco direito, o comandante Kutuzov IV parou diante das colinas de Pratzen e permaneceu ali, percebendo a importância que tinha aquela batalha.

Napoleão ordenou que os ataques se iniciassem às 9 da manhã. Numa densa neblina, o general Louis de Saint-Hilaire liderou sua divisão morro acima. Eles emergiram da neblina para o espanto de muitos soldados russos. Os aliados rapidamente tentaram mover suas colunas para auxiliar na defesa; estas unidades foram rapidamente destruídas. Os homens de Hilaire os baionetavam para fora das colinas.

Ao norte do campo de batalha, os aliados estavam sendo derrotados em Stare Vinohrady pelo general francês Dominique Vandamme, que acabou com diversos batalhões aliados. A Guarda Imperial Russa, comandada pelo grão-duque Constantino, irmão do czar Alexandre, numa tentativa desesperada, partiu para o ataque. A guarda de Napoleão repeliu a ofensiva. Os russos foram finalmente forçados a recuar. Suas fileiras haviam cedido e a cavalaria infligiu maiores danos durante o recuo, matando muitos mais. No extremo norte da batalha, a cavalaria leve francesa, liderada por François Kellerman, impediu com sucesso o avanço austríaco do príncipe Liechtenstein e da infantaria russa.

O fim da batalha estava próximo. As tropas de Napoleão moveram-se à porção sul do território. Os franceses e aliados continuavam na disputa por Sokolnice e Telnitz. Num ataque de duas alas, as divisões de St. Hilaire e de Davout III invadiram Sokolnice. As primeiras duas colunas das forças aliadas fugiram. O exército aliado estava agora em pânico e abandonou o perímetro. Numa história possivelmente apócrifa, os russos que haviam sido derrotados pelo flanco direito dos franceses tentavam fugir rumo à Viena correndo sobre os lagos congelados de Satschan. Uma vez que a artilharia francesa explodia à sua volta, o gelo se quebrou. Cerca de 2.000 russos se afogaram em frias águas, apesar de alguns terem sido resgatados pelos adversários franceses.

Os franceses derrotaram os aliados e deram fim à Terceira Coligação. No final das contas, 27.000 dos 73.000 aliados foram mortos, e 180 das armas foram perdidas. Os franceses arcaram com o falecimento de 9.000 das suas 67.000 tropas. A França garantiu sua incrível vitória mesmo tendo

oscilado à beira da falência alguns dias antes. O czar Alexandre lamentou o seguinte sobre a batalha: "Somos bebê nas mãos de um gigante." Como resultado final, o Sacro Imperador Romano abdicou, o milenar império deixou de existir, e a Confederação do Reno, que abrangia os estados situados entre França e Alemanha, foi criada.

Novamente com a pretensão de conter Napoleão, a Quarta Coligação se formou entre Estados europeus. No ritmo de suas vitórias, o imperador francês estava determinado em conquistar a Europa, independente das consequências. Derrotou a Prússia na Batalha de Jena-Auerstedt. A seguir, adentraram território polonês, local onde os franceses se encontraram com os russos, que seguiam rumo a oeste. Depois de um brutal confronto na Batalha de Eylau, um tratado foi negociado entre o czar Alexandre I que dividia a Europa em dois poderes.

Napoleão decidiu que iria cortar a influência da Inglaterra com um ataque econômico na forma de um boicote, que levou o nome de "Bloqueio Continental". Esta política exterior afetou em larga escala o comércio inglês em 1806, era uma resposta ao bloqueio das costas francesas decretas pelo governo britânico. Entre seus participantes estavam os Estados satélites da França e suas áreas ocupadas: Espanha, Itália, Áustria, Prússia, Suíça, Suécia, Noruega, Finlândia e Rússia. Este sistema prejudicou os ingleses, mas também afetou a economia francesa que era dependente de suas exportações. Rússia e Portugal abandonaram em 1807 devido aos danos que impedimento causou às suas economias. Napoleão pediu para que a Espanha se juntasse numa retaliação contra Portugal, mas quando esta se recusou, ele ordenou que seu exército atacasse toda a Península Ibérica no que ficou conhecida como a Guerra Peninsular. O exército francês não ia bem até a chegada do próprio Napoleão ao combate. A França derrotou Espanha, Portugal e seus aliados da Inglaterra. Ele então nomeou seu irmão, José, como rei da Espanha. Enquanto a Espanha buscava uma retaliação, a Áustria rompeu seu tratado com a França e Napoleão retornou ao seu lar. O disperso império que fora construído no início das Guerras Napoleônicas começava a ser desfeito.

Em 1809, a Áustria se aliou à Inglaterra, forçando Napoleão a assumir o comando do seu exército. Na batalha de Aspern-Essling, apesar de seus números superiores, ele mal conseguia chegar numa situação de empate. Foi capaz de vencer a Batalha de Wagram, porém seus recursos estavam cada vez mais escassos. Napoleão buscava fortalecer seu apoio político em qualquer circunstância, incluindo casamentos. Ele havia se divorciado de Josefina, pois esta não conseguia lhe dar um herdeiro e se casou com a arquiduquesa austríaca Maria Luísa, duquesa de Parma, em 1810. Porém, ao criar uma aliança, outra relação complicada piorava cada vez mais. Ele anexou os Estados Papais depois que o Papa Pio VII havia se recusado a tomar parte no Bloqueio Continental. O papa, por sua vez, o excomungou. Napoleão, como resposta, mandou que sequestrassem o papa e que o mantivessem em cativeiro por cinco anos.

Em todas as suas batalhas, Napoleão geralmente garantia sua vitória devida a sua tremenda influência. Sua enorme confiança era capaz de inspirar aos outros e ele sabia o impacto que isso tinha durante a guerra. Napoleão disse que, "...disposição é para o físico, assim como três é para um." Para que chegasse a esse patamar, ele garantia a lealdade de suas tropas usando-se de seu carisma e dos princípios revolucionários como mérito, talento, e eleições para se definir as promoções ao invés dos velhos homens que serviam a velha nobreza e o conceito abstrato de aristocracia.

Neste ponto de sua carreira, os pontos fracos de Napoleão como comandante militar se tornaram mais evidentes. Sua obsessão a respeito das questões militares o tornaram um micro empresário. Ele promovia homens que havia prosperado sob seu comando, mas atuavam mal quando independentes. A inabilidade de Napoleão em manter outras potências europeias divididas ou de se adaptar à natureza mais violenta das guerras do início do século XIX levou à sua eventual queda.

Napoleão mantinha boas relações com o czar Alexandre da Rússia, porém em 1811, esta começou a se desfazer devido à pressão da aristocracia russa e por conta de uma diplomacia secreta que corria pela

Europa com cuja intenção era a de derrubar o imperador francês. Em abril de 1812, Inglaterra, Rússia e Suécia assinaram acordos secretos contra Napoleão. Os russos juntaram um imenso exército de 300.000 homens ao longo da costa polonesa. Napoleão trouxe consigo sua *Grand Armée* até a fronteira da Rússia e decidiu invadi-la em junho de 1812, no auge de seu poderio militar. Estimativas do tamanho de sua tropa indicam que ele liderava mais de meio milhão de soldados.

Ao contrário de sua brilhante e dinâmica vitória em Austerlitz, ele agora estava em meio a uma desgastante guerra de recuadas. Napoleão havia sido avisado a não atacar o vasto interior da Rússia, mas ele via esta conquista como sendo o próximo passo no estabelecimento de seu império. Os russos eram liderados por Mikhail Bogdanovich Barclay de Tolly. Eles inicialmente lutaram contra os franceses, porém, depois de algumas perdas, recuaram mais para o interior do país, destruindo plantações e criações de animais, cortando assim os suprimentos dos franceses.

Em setembro, o imenso exército de Napoleão estava reduzido a 135.000 devido a doenças, abandonos e casualidades de batalha. Ele continuou marchando rumo a Moscou, na esperança de conquistar a capital e vencer a guerra. Depois de uma violenta batalha em Borodino, ele chegou até lá só para descobrir que os russos haviam saído da cidade que estava em cinzas. Em outubro de 1812, ele foi forçado a abandonar a Rússia e vagarosamente marchou de volta rumo à França, seu Grande Exército com agora somente 40.000 soldados.

Em sua jornada de volta a Paris, Napoleão teve de lidar com uma nova aliança europeia. A Sexta Coligação consistia em Prússia, Inglaterra, Portugal e Espanha. Mesmo com esse histórico, Napoleão ainda não estava disposto a abandonar sua grande estratégia. Ele conseguiu reforços da França e Alemanha, derrotando a aliança na batalha de Dresden em agosto de 1813. Os aliados perderam 100.000 homens contra 30.000 de Napoleão. Para a infelicidade do imperador, Suécia e Áustria se juntaram posteriormente à aliança, e ele teve de continuar seu recuo depois da Batalha das Nações.

Napoleão foi sugerido pelos seus conselheiros a abdicar; o que ele concordou nomeando então seu filho como novo imperador. Isto era inaceitável para os aliados, e ele eventualmente o fez incondicionalmente. Foi exilado em Elba, mas retornou à França em março de 1815 para reassumir o trono. Por 100 dias, ele mais uma vez deteve o poder. Liderou seu exército rumo à Bélgica, onde derrotou o exército da Prússia comandado por Gebhard Leberecht von Blücher. Então, mandou seu exército a Waterloo para que atacassem o exército britânico, liderado pelo Duque de Wellington.

Napoleão atrasou sua ofensiva ao esperar com que o solo secasse por causa de uma tempestade. Isso deu o tempo suficiente para que as tropas de Blücher chegassem. Os reforços aumentaram o total das forças aliadas para 100.000 tropas contra as 72.000 de Napoleão. Apesar de sua desvantagem numérica, Napoleão notavelmente já não tinha mais as mesmas capacidades do passado. Suas estratégias até então revolucionárias agora eram familiares a seus oponentes, e suas manobras de flanco não eram mais capazes de dar o mesmo ataque surpresa ou vitórias rápidas. Quando a batalha terminou e sua devastadora derrota se manifestou, a carreira de Napoleão como comandante e imperador chegou ao fim.

Napoleão abdicou mais uma vez e passou o resto de seus anos exilado na ilha britânica de Santa Helena, a mais de um quilômetro e meio da costa africana. Aqui, ele escreveu suas memórias e sofria com o pobre tratamento que recebia de seus capturadores. Muitos simpatizantes cogitavam um plano de resgate do imperador, mas a sua maioria consistia em ideias implausíveis. Alguns soldados de seu exército exilados no Texas queriam formar o Império Napoleônico da América. Outros diziam sobre regatá-lo numa espécie de submarino primitivo. Tudo em vão, uma vez que sua saúde ia se deteriorando por conta do tratamento de seus carcereiros. De acordo com sua autópsia, a causa de sua morte foi um câncer no estômago. O grande imperador morreu em 5 de maio de 1821.

Seu legado é tão amplo que chega a ser difícil resumi-lo. Napoleão Bonaparte mudou para sempre o país e o continente em que viveu. Sendo um grande comandante e estrategista, estabeleceu um código de leis que ainda é utilizado atualmente; adotou o sistema métrico; acabou com a influência do Sacro

Império Romano que já vigorava há mais de um milênio; implementou a emancipação religiosa; e permanentemente diminuiu o poder da aristocracia francesa em favor de seus cidadãos. No entanto, um feito que ele não alcançou foi o de construir o Império Francês que controlaria a Europa e Oriente Médio.

Suas conquistas em vida são praticamente inigualáveis, mas estas jamais se comparariam com sua ambição do tamanho do planeta.

Capítulo 10:

Robert E. Lee (1807-1870):

Herói da Confederação e Grande Cavalheiro da América

Mesmo não recebendo o prestígio que lhe cabia por não ter liderado as forças Confederadas a uma vitória sobre a União, Robert E. Lee provou equivocada a frase de Charles Dickens, a qual dizia que ele nunca havia encontrado um cavalheiro americano.

O estudioso Brad Miner descreve Lee como sendo um dos principais membros do grupo conhecido por homens-gentis, uma confederação de indivíduos da aristocracia americana de meados do século XIX. Estes eram homens que possuíam "país, autocontenção, um grande apreço às normas de etiqueta, domínio de amplo léxico, vestuário elegante, uma familiaridade com os hábitos da classe ociosa, respeito pelas aparências, e um desejo de tornar agradáveis os momentos que vivem."

Lee era o estereótipo não só da classe alta sulista, mas como de todo os Estados Unidos. Como dito por Bertram Wyatt-Brown, ele era o exemplo dos "três pilares da nobreza": sociabilidade, aprendizagem e piedade. Ele era um homem que desejava lutar por aquilo que julgava ser o certo. A ele foi oferecido o comando das forças da União, mas acabou por assumir o controle do Exército dos Estados Confederados da Virgínia do Norte, uma vez que sua lealdade a este estado era maior que a lealdade pela nação como um todo (um sentimento comum numa nação americana com menos de um século de vida).

A própria definição de Lee para homem-gentil continha forte traços da tradição medieval do cavalheirismo. Isso também influenciou os escritos de Sir Walter Scott, quem popularizou as noções românticas dos gregos e das Cruzadas na alta sociedade do século XIX. Estas focavam nos modos, respeito pelas mulheres, assuntos militares, o entendimento dos ideais da democracia, e oratória romântica. É importante contarmos aqui como Lee definia o cavalheirismo para que possamos entender o que o levou a tornar-se um general formidável:

"Um cavalheiro não se lembra desnecessariamente de uma ofensa ou de um erro ao qual recebera. Ele não pode apenas perdoá-la, mas também esquecê-la; e ele progride nessa nobreza de pureza e brandura de caráter que lhe dá força o suficiente para deixar o passado para trás. Um verdadeiro homem honroso se humildecce quando não pode ajudar a tornar os outros humildes."

A linhagem de Lee ajuda a explicar seu caráter refinado. Ele vinha de uma família americana mais antigas e um homem de honra do mesmo modelo de seu amigo virginense George Washington. Devido à sua forte base educacional, começou sua carreira militar aplicando seu conhecimento matemático como engenheiro, mas também servindo como membro da infantaria e então como oficial. Com a eclosão da Guerra Civil, Lee continuamente demonstrava seu afincio como comandante contra os inimigos que tinham tropas e recursos em maior número.

Ele é reconhecido, talvez, por sua habilidade estratégica de vencer batalhas aparentemente impossíveis mesmo com seu escasso abastecimento. Tinha a incrível capacidade de antever as ações inimigas e assim, pressionar suas fraquezas. Lee mantinha o front aberto e convexo frente ao inimigo, assim, os reforços, transferências e suprimentos tivessem de passar por uma rota mais curta e direta. Ele brilhantemente se utilizava de fortificações de campo para manobrar seu exército numericamente inferior. Se tal grupo era protegido pelos entrincheiramentos, então poderiam conter as forças inimigas maiores enquanto seu exército principal rodeava o adversário. Essa estratégia estava décadas a frente de seu tempo e foi usada com grande efeito em Antietam, Chancellorsville, Fredericksburg e Gettysburg.

Lee nasceu em Stratford Plantation, Virgínia em 1807. Ele foi o quinto e último filho de Henry "Lighthorse Harry" Lee, um herói da Guerra de Independência dos Estados Unidos. No período em que

Lee nascera, no entanto, seu pai estava à beira da falência devido à sua imprudência com as finanças da família. A família se mudou para Richmond e o Lee mais velho foi para West Indies quando Robert tinha apenas 11 anos para escapar de seus credores. Ele nunca mais foi visto.

Lee teve sucesso na Alexandria Academy, onde mostrou aptidão pela matemática e terminou sua educação secundária em apenas três anos. Em 1825, entrou na West Point Academy onde impressionou tanto seus instrutores a ponto de Lee ser o primeiro cadete a conquistar a patente de sargento logo no fim do primeiro ano. Ele se formou como o segundo da turma em 1829 e teve um histórico exemplar, sem nenhum demérito. Depois se tornou segundo-tenente brevê do Corpo de Engenheiros, o segmento mais prestigiado do exército, e foi designado a projetos na Geórgia e em Michigan. Em 1831, foi mandado à Fortress Monroe na Virgínia Península. Quando estava por lá, se reencontrou e casou-se com Mary Custis, a bisneta da esposa de George Washington, Martha Custis Washington.

O conhecimento de Lee e sua utilização de barreiras quanto comandante em batalha vieram de suas primeiras missões no exército. Ele ajudou planejar a construção do Fort Pulaski na Geórgia (1829-1831) e o Fort Monroe em Old Point Comfort na Virgínia (1831-1834). Foi promovido a primeiro tenente em setembro de 1836 e passou a maior parte dos próximos quatro anos em St. Louis fiscalizando projetos de engenharia civil, particularmente protegendo o porto da cidade de mudanças no canal do Mississippi. Seu conhecimento da topografia se provou útil em seus próximos anos como general quando tinha de posicionar a infantaria e artilharia no campo de batalha.

Seu valor se mostrou primeiramente na Guerra Mexicano-Americana, onde organizava a disposição dos soldados do brigadeiro general John E. Wool. Ele direcionou a construção e reparo de rodovias e pontes de San Antonio a Saltillo no México. Em 1847, se juntou ao general Winfield Scott como engenheiro chefe do exército da invasão. Scott lhe deu grande liberdade para tomar iniciativas no ataque anfíbio contra a costa do Golfo do México. O general comentou que Lee era o "melhor soldado que já vi em campo."

Lee viu mais acontecimentos em Veracruz, Churubusco e Chapultepec. Além de sua incumbência em batalha, ele também operava nos serviços secretos. Foi Lee quem penetrou a posição defensiva montanhosa do inimigo em torno de Jalapa. Lee descobriu uma rota pelos montes em volta do flanco esquerdo mexicano e persuadiu Scott a usá-la enquanto liderava a vanguarda. Os americanos venceram a batalha de Cerro Gordo em 17-18 de abril devido a esta estratégia. Ele também encontrou uma rota para atacar os inimigos quando estes recuaram para uma posição segura na frente de Churubusco ao irem beirando o tortuoso terreno forrado de lava conhecido como Pedregal, o que resultou como uma concisa investida derrotando rapidamente o adversário. Lee recebeu a promoção de coronel.

Depois da Guerra Mexicana, Lee passou quatro anos no quartel general até que foi nomeado superintendente do West Point em 1852. Ele estava relutante em assumir tal posição devido à natureza política desta. Quando aceitou, melhorou as instalações e adicionou um ano ao currículo. Restaurou também a disciplina entre os cadetes, o que julgava estar faltando. Depois completada essa tarefa em 1855, Jefferson Davis enviou Lee ao Texas, onde ele se tornou o segundo comandante da cavalaria formada para aumentar o tamanho das forças que patrulhavam o vasto território a sudoeste obtido depois da Guerra Mexico-Americana. Essa mudança de deveres era rotineira, mas deu a Lee maiores experiências, particularmente em terrenos mais difíceis

O sogro de Lee morreu em 1857. Como seu executor testamentário, teve de organizar toda a papelada deixada por ele. Lee passou um bom tempo viajando entre Virgínia e Texas para resolver esses assuntos. Durante uma das viagens, foi mandado pelo presidente James Buchanan à Harpers Ferry, Virgínia, para reprimir uma insurreição escravista liderada pelo abolicionista John Brown no arsenal militar. Lee capturou Brown e seus seguidores depois de ter mandado a marinha destruir seu abrigo. Brown foi levado em custódia, mas se tornou um herói popular entre os abolicionistas, e sua prisão serviu como

combustível que alimentava as ardentes tensões internas nos Estados Unidos no que remedia a escravidão. Este foi um dos últimos prenúncios da Guerra Civil.

Lee retornou então para o Texas onde testemunhou a secessão do estado em fevereiro de 1861. Ele largou sua posição na Segunda Cavalaria e retornou à Virgínia sob as ordens do tenente General Scott. Ele disse a Lee extra-oficialmente que no caso de uma guerra, ele seria o vice-comandante de Scott e líder no campo. Logo após, o recém eleito Abraham Lincoln ofereceu-lhe a patente de major general no Exército da União.

Lee estava dividido entre o país que amava e o estado que considerava o seu lar por causa de algo que ele tinha suas dúvidas - Lee era dono de mais de meia dúzia de escravos, mas haviam os emancipado antes da Guerra Civil por não ser um grande adepto da escravidão. Ele não atacaria o sul, e prometeu defender a Virgínia, mesmo tendo escrito que a Confederação secessionista violava os princípios estabelecidos pelos Pais Fundadores, acreditando que uma conciliação entre o norte e sul era possível. Não obstante, recusou uma oferta para defender Washington por causa de sua preocupação de enfrentar a Commonwealth.

Sua aliança com a Virgínia e a causa sulista não se repetiu entre os membros mais próximos de sua família, quase todos contrários à União. Porém, quando a Virgínia saiu da União em abril de 1861, Lee abandonou seu cargo no exército dois dias depois. Em 21 de abril, o governador da Virgínia, John Letcher, lhe enviou uma mensagem oferecendo uma vaga de oficial nas forças militares e navais do estado. Em 14 de maio de 1861, quando as tropas da Virgínia foram transferidas à Confederação, o Departamento de Guerra lhe conferiu o cargo de brigadeiro general dos Estados Confederados da América.

Lee assumiu o comando na Virgínia ocidental para lutar contra a União numa porção montanhosa do estado, repleta de sentimentos a favor do norte. Lee foi enviado a Cheat Mountain, onde lutou contra o general da União George McClellan. Como faria no futuro, Lee delegou autoridade aos seus comandantes. Ele separou suas forças em três grupos, assim permitindo uma maior flexibilidade nas manobras devido ao terreno acidentado. No entanto, o ataque foi descoordenado e Lee foi derrotado.

Seus esforços no oeste para consolidar seu estado sob a causa Confederada não foi bem sucedida, e o estado acabou por se dividir em dois: Virgínia e Virgínia Ocidental. Lee retornou a Richmond, onde se tornou conselheiro militar do presidente confederado Jefferson Davis. O novo presidente o enviou então para fortalecer as defesas da costa do Atlântico Sul. Ele se utilizou de sua experiência como engenheiro para prever a necessidade de uma reconstrução dos destruídos fronts em Savannah, Geórgia e Richmond, Virgínia - uma ação necessária desde quando a marinha federal havia capturado as baías e enseadas do sul de Charleston, permitindo com que fortalecessem o bloqueio no sul. Ele rapidamente foi chamado de volta por Richmond em março de 1862, quando a ofensiva da União ameaçava passar por cima das defesas do Tennessee e avançar pela capital dos Confederados.

Lee chegou a conclusão em 1862 que se manter numa posição defensiva contra a União resultaria inevitavelmente em derrota; o norte simplesmente possuía maior número de recursos e mão de obra, o que lhes permitia uma leva de ataques sem fim. Se nada mudasse, eles sairiam vencedores dessa guerra de atrito. A única possibilidade de uma vitória dos Confederados era a de partir para a ofensiva e focar nos fracos redutos da União e nos pontos críticos de sua rede de abastecimento. Ele reforçou o exército do major general Thomas J. "Stonewall" Jackson para que conquistassem a vitória na campanha de Shenandoah Valley em maio e junho de 1862. Seu exército venceu inúmeras vitórias táticas e desviou a ofensiva da União para fora de Richmond, desacelerando o Exército do Potomac.

Ele então liderou suas forças contra o avanço do exército do norte na capital Confederada, preparando-se para um choque direto. A isso, deu-se o nome de Campanha da Península, a qual culminou na Batalha dos Sete Dias que foi de 25 de junho a primeiro de julho. Lee enfrentou o general McClellan, conhecido por sua preferência por táticas ensaiadas à luta propriamente dita. Ele e seus comandantes

atacavam agressivamente, concentrando suas forças no exército da União para compensar seu menor número. Stonewall Jackson e suas tropas se juntaram a eles fora de Richmond. Eles saíram vitoriosos, mas de um modo indesejado; o Exército do Potomac não fora completamente destruído, as batalhas foram desastres táticos, e as perdas dos Confederados foram extensas.

Lee continuou a se propelar por convicção que uma perda devastadora da União era necessária para que os Confederados conquistassem a legitimidade e encerrando a guerra. Ele se moveu ao norte para confrontar o major general da União, John Pope, líder do exército da Virgínia. Lee dividiu seu exército em dois comandos, um sob Stonewall Jackson e major general James Longstreet. Em 28 de agosto, Jackson atacou as tropas de Pope em Brawner Farm, mas não saíram vencedores. No dia seguinte, Pope continuou sua investida contra as tropas de Jackson, não percebendo que o exército de Longstreet se aproximava do seu flanco direito. O exército de Longstreet com seus 28.000 homens derrotaram o ataque da União, empurrando-os de volta a Bull Run. Pope tentou amenizar os estragos ao defender sua guarda traseira, porém as forças da União continuaram a recuar. O norte sofreu 10.000 perdas comparadas às 1.300 dos Confederados. A Segunda Batalha de Bull Run foi uma tremenda vitória sulista.

Os exércitos de Lee aproveitaram a situação para atravessar o rio Potomac em direção a Maryland no dia 5 de setembro. A guerra mudou para o norte, e no dia 16 de setembro de 1862, os dois lados se encontraram na Batalha de Antietam em Maryland. Lee comandou 34.000 homens contra 71.000 do norte; acabou sendo forçado a recuar depois de dois dias e ter perdido 10.000 soldados.

Parte das razões da derrota se deve a McClellan tinha em mãos informações importantes da batalha recebidas do serviço secreto que consistiam numa cópia do planejamento detalhado da movimentação dos exércitos de Lee. O documento foi acidentalmente deixado para trás num acampamento dos Confederados e rapidamente disseminou entre o comando da União. Na posse desses dados, McClellan percebeu que as forças sulistas estavam divididas e que poderia atacá-las em Antietam. Entretanto, ele era um general cauteloso e muitos historiadores militares acreditam que ele não explorou completamente essas informações com medo de que se tratasse de uma armadilha.

Lee começou a mover seu exército para o sul de Shenandoah Valley, mas McClellan não o perseguiu. Ele na verdade só utilizara três quartos de suas tropas na batalha. O primeiro dia de confronto foi o mais sangrento da história americana; o resultado final de Antietam foi de 12.100 perdas para a União contra 10.000 dos Confederados. De um ponto de vista militar, a batalha empatou, porém a União se considerou vitoriosa porque o sul havia se retirado do território que lhes pertencia. Depois da batalha, Lincoln tomou duas importantes decisões: substituiu McClellan pelo major general Ambrose Burnside como líder do Exército do Potomac e anunciou a Proclamação de Emancipação. Esta só foi efetuada no norte, porém reforçou para ambos os lados da Guerra Civil de que a vitória nortista traria consigo o fim da escravidão.

Lee ficou sabendo que McClellan tinha os documentos e, seguindo sua recuada de volta a Potomac, ordenou Stonewall Jackson para marchar rumo ao norte e se juntar com a força Confederada principal. Ele agora lutava na defensiva tática. As tropas de Burnside atacaram em Fredericksburg, em 13 de dezembro de 1862.

Ainda nesse mês, Burnside ocupou Falmouth, Virgínia, localizada próximo de Fredericksburg. O exército de Lee se preparava para atacar pelos montes sobre a cidade. O exército da União preparava pontes sobre o rio Rappahannock para que pudessem atacar. Burnside utilizou um massivo exército de 60.000 homens num ataque frontal, mas que só foi capaz de superar o flanco esquerdo de Stonewall Jackson. A União sofreu 13.300 perdas e Lee 4.500. Foi uma estrondosa estratégia militar, mas Lee foi cauteloso em não assumir a vitória à custa de negligência do grande número de vidas sulistas perdidas. É dito que logo após, ele teria dito, "É bom que a guerra seja algo tão terrível, ou cresceríamos muito afeiçoados a ela."

O general da União Joseph Hooker assumiu então o comando e liderou um ataque contra o flanco esquerdo de Lee em Chancellorsville entre 2 e 4 de maio de 1863. Em resposta, Lee e Jackson planejaram atacar o flanco esquerdo da União, uma vez que este não estava protegido. Aproximadamente 30.000 tropas Confederadas rodearam as forças da União e atacaram-na por trás. As tropas do front de Lee forjavam um ataque na intenção de manter as forças da União ocupadas. Porém, Hooker mostrou certa relutância para atacar. Os rebeldes dispararam contra as tropas da União com artilharia em terrenos mais elevados, estes retraíram e tentaram um ataque na retaguarda; no entanto, o próprio Lee foi até Salem Church se certificar de que a vitória estava completa. O exército da União teve 18.000 perdas contra 13.000 Confederados. Mesmo tendo vencido sua maior vitória estratégica, Lee sofreu uma grande perda quando Jackson foi atingido acidentalmente por um tiro de seu próprio exército. Ele morreu de pneumonia algumas semanas depois. As forças de Hooker estavam eventualmente capazes de romper as linhas dos Confederados, mas optou por não fazê-lo.

O comando do exército Confederado estava dividido e deveria forçar mais uma investida contra o norte ou mandar reforços para auxiliar os exércitos ocidentais Confederados que estavam sendo massacrados pelo general da União Ulysses S. Grant. Lee convenceu Davis de que mais um assalto no norte era preferível, levando em conta que uma invasão bem sucedida significaria a captura dos suprimentos da União, assim como suas terras produtivas e a desmoralização de seus cidadãos. Para desempenhar seu plano, foi até o centro da Pensilvânia. Quando Lee chegou a Gettysburg, se deparou com forças da União comandadas pelo general George C. Meade. A Batalha de Gettysburg havia se iniciado.

No primeiro de julho de 1863, as tropas Confederadas atacaram com números muito superiores e empurraram o exército inimigo até Cemetery Hill e Culp Hill, locais na parte sul da cidade. Este era um terreno pouco familiar para Lee impediu que efetuassem um ataque surpresa contra os flancos inimigos. No segundo dia de batalha, 90.000 soldados da União defendiam os morros no sul da cidade do ataque de 70.000 Confederados focados no flanco esquerdo. Conforme a batalha ia se intensificando, os Confederados ganhavam mais ímpeto, mas, mesmo assim, os soldados da União conseguiram se manter no mesmo lugar até o final do dia.

No dia seguinte, contradizendo o general Longstreet, Lee ordenou um ataque direto contra o centro das forças da União em Cemetery Ridge. Este foi seu último ato que destruiria o exército inimigo. Este ataque, liderado pelo general George Pickett - que ficou eternamente conhecido como *Pickett's Charge* - se deparou com uma barreira da artilharia. Isso terminou num desastre Confederado e alterou o rumo da batalha contra eles mesmos. Depois de ter sido derrotado no norte, Lee retornou à Confederação. Seu exército sofreu 28.000 perdas. Um terço de seus oficiais estava ferido, morto, ou capturado.

A reputação de Lee como líder e estrategista foi severamente avariada em Gettysburg. Muito se deve ao fato de utilizar táticas que se tornaram perigosamente ultrapassadas, tornando-o assim muito previsível. Alguns se perguntam se a morte de Stonewall Jackson foi a causa de sua derrota, pela consequente falta das manobras de flanqueamento que eram lideradas por ele. Além de tudo disso, ele estava doente, e sua habilidade como líder havia diminuído. Ele sempre havia incumbido grande poder aos seus comandantes, mas suas mortes em batalha fizeram com que outros comandantes menos experientes e com menor autoridade os substituíssem.

A infundável crença que Lee despejava em seus soldados os inspirava a grandiosos atos, porém suas habilidades eram limitadas, e Lee os havia forçado a ultrapassar os seus limites físicos e emocionais. Eles nem sempre eram capazes de responder às grandes designações. Como um homem de honra, ele se ofereceu a ceder seu cargo, mas Jefferson Davis se recusou a aceitar. O Sul se encontrava ameaçado pelo avanço leste do general Ulysses S. Grant, seu inimigo mais formidável da época, junto do diminuto estoque de recursos. Na primavera de 1864, Grant assumiu o comando do exército da União. Ele estava determinado em acabar com a guerra expulsando o exército da Virgínia do Norte, fosse por atrito ou por uma destruição total.

Grant se beneficiou de seu número superior de tropas e da base industrial nortista, a qual era fortemente ausente no sul, fazendo da estratégia fabiana um modo razoável de obter a vitória. Ele tinha a intenção de pressionar essa vantagem até que a Confederação estivesse completamente destruída ou exausta depois de consecutivas perdas. Lee havia tentado prevenir tal situação quando investiu em sua primeira campanha para o Norte, mas agora se deparava com esse cenário desfavorável. O auge da guerra havia se virado contra ele, e Lee estava sendo empurrado até Richmond. Em maio de 1864, a campanha de Overland começou, e Lee percebeu que estava lutando contra um novo general que não tinha nenhuma pretensão de recuar.

Lee teve vitórias táticas na Batalha de Wilderness entre 5 e 7 de maio, na Spotsylvania Courthouse em 7-20 maio, e Cold Harbour no 3 de junho, resultando num total de 61.000 mortes para a União. Ainda assim, Grant continuou pressionando o sul. O exército da Virgínia do norte sofreu 25.000 perdas, mais de um terço das 61.000 tropas que havia no início da campanha. Grant manteve as tropas de Lee lutando de forma defensiva.

Grant tentou capturar Petersburgo, Virgínia, que era vital para a rede de transportes da Confederação e conectava Richmond ao sul. O exército de Potomac de Meade atravessou o rio James nos dias 15 e 16 de junho para atacar o entroncamento da estrada de ferro. Sua tentativa fracassou e Lee construiu trincheiras como forma de defender a cidade, resultado numa guerra de trincheiras que duraria meses. Petersburgo foi então cerceada de junho de 1864 até março de 1865.

A Lee só restara 44.000 homens e não era mais capaz de defender os 35 quilômetros de trincheiras que cercavam Petersburgo contra as forças de Grant, que somavam 128.000. Lee tentou uma investida contra o exército da União para que ultrapassasse as linhas federais e unisse suas forças com o general Joseph E. Johnston nas Carolinas, mas seu ataque ao Fort Stedman em 25 de março falhou. Grant finalmente abriu ofensiva em 2 de abril de 1865 e destruiu o flanco oeste de Lee em Five Forks. Lee abandonou Petersburgo. Seus últimos homens haviam falhado. Todas as rotas para recuo haviam sido fechadas. Não encontrando nenhuma alternativa viável, ele e o exército da Virgínia do norte finalmente se renderam no dia 9 de abril de 1865 em Appomattox Court House.

A carreira militar de Lee na nascente Confederação havia chegado ao seu fim. Ele foi acusado de traição pela alta corte dos Estados Unidos, mas o processo nunca foi encaminhado. No entanto, por conta de sua renúncia à cidadania americana no começo da guerra, ele perdeu o direito a voto junto de sua reivindicação por alguma propriedade. Lee se aposentou, na esperança de ser esquecido.

Porém, por causa de sua bravura e infatigável defesa do Sul, muitos de seus residentes lhe reservam a mais profunda consideração. Ao fim da guerra, ricos proprietários de terra e políticos lhe ofereceram um proeminente cargo na sociedade sulista. Ele se tornou presidente do Washington College, uma respeitada instituição que estava em ruínas depois que seus prédios e biblioteca foram saqueados em 1864. Ela carecia de recursos financeiros e um significativo corpo estudantil. Lee, sempre comandante, se encarregou de restaurar o status da escola como ícone da alta educação no sul. Ao fim de seu mandato, seu número de inscritos havia pulado de 50 para 400. Infelizmente, seu estado de saúde se deteriorava rapidamente devido a uma doença coronária que já se manifestava desde o fim da guerra. Lee morreu em 1870.

Ele perdeu a casa de sua família em Arlington, Virgínia, quando a propriedade se tornou o local onde enterravam os soldados, conhecida hoje como Arlington National Cemetery. Mas nos anos seguintes à sua morte, a reputação de Lee melhorava, e ele se tornou uma figura amplamente reverenciada entre aqueles a parte da pequena nobreza sulista. No início do século XX, se tornou inclusive uma respeitada figura no Norte devido sua fama de ser galante, cavalheiro e ter obtido um brilhante sucesso tático. Sua cidadania americana foi restaurada postumamente pelo presidente Gerald Ford em 1975.

Robert E. Lee é uma figura americana admirada pela sua notável liderança das forças Confederadas durante a Guerra Civil. Ele foi um homem respeitado por suas tropas, adversários e conterrâneos. Ele

tinha sempre em mente a importância da engenharia aplicada e das redes de suprimento na guerra. Era capaz de inspirar suas tropas com perseverança mesmo quando estavam em número muito menor.

Teorias acerca de sua derrota circulam em abundância entre os historiadores militares. Ele esperava demais de seus subordinados? Estaria ele tão disposto a colocar seus homens frente ao perigo? Pode ser difícil chegar a uma conclusão definitiva, mas como general, talvez seu maior sucesso só viesse anos depois da Guerra Civil. Ele converteu o sentimento sulista frente às perdas da Confederação para que curassem as feridas deixadas pelo território americano e unissem o Norte e o Sul formando assim uma união indissolúvel.

Gerald Ford talvez seja quem melhor resumiu o caráter de Lee enquanto restaurava sua cidadania:

"Ele buscou ser um exemplo para mostrar aos cidadãos do Sul que estes devem dedicar seus esforços na reconstrução daquela região do país como sendo uma parte forte e vital da União Americana. Como soldado, general Lee deixou sua marca na estratégia militar. Como homem, foi o símbolo da coragem e do dever. Como educador, insistiu no raciocínio e na aprendizagem como formas de conquistar entendimento e assim construir uma nação mais forte. O caminho que ele optou depois da guerra se tornou um símbolo para todos aqueles que marcharam com ele nos amargurados anos rumo a Appomattox. O caráter do general Lee é um exemplo para as gerações seguintes, fazendo que a restauração de sua cidadania seja um evento o qual todos os americanos devem se orgulhar."

Conclusão

Lições Sobre Estratégia de Batalha Deixadas Até o Século XXI

Quem foi o maior líder militar de toda a história? Como tal métrica é determinada? E podem os generais que viveram dois mil anos atrás e conquistaram impérios nas pontas das lanças e falanges oferecer algo para os generais do século XXI que se utilizam de drones automáticos, porta aviões e mísseis Hellfire?

Esta foi uma grande pergunta no século XIX, quando as colônias europeias tomavam o globo e seus maiores impérios ocupavam territórios mais extensos que os de Roma ou da Macedônia. Foi-se criado um gênero na literatura que se remetia aos maiores líderes militares da história mundial - todos aqueles que foram considerados neste livro junto mais alguns outros, como Saladino e George Washington - e determinava quais lições poderiam ser aplicadas aos seus sucessores contemporâneos. Victor Davis Hanson comentava que tais livros teorizavam a natureza humana como sendo constante independente do tempo e espaço, e, portanto qualquer vasta diferença que exista entre lanças e balas é inconsequente se comparada à condição humana de medo, calma, coragem, e timidez, e como uma mentalidade militar universal avalia o inimigo em qualquer época.

O historiador militar Barry Strauss se encarregou de responder a essa pergunta no seu livro sobre o maior general da história lançado em 2013 chamado "Master of Command: Alexander, Hannibal, Caesar, and the Genius of Leadership". Ele compara as qualidades dos citados generais (Alexandre, Aníbal e César) sob três critérios. Primeiro, eles habilmente organizavam e direcionavam seus exércitos; segundo, estes eram usados para o maior desempenho estratégico; terceiro, convertiam essas vitórias militares em poder político. Ele então compara estes três generais de acordo com os cinco estádios que seguiam o curso da guerra: "ataque", ou planejamento de um plano para a guerra; "resistência", ou adaptação sobre as reações do inimigo; "conflito", ou vencer o inimigo no campo de batalha; "proveito", ou converter o sucesso em batalha em vitória estratégica; "saber quando parar", ou transformar uma guerra bem sucedida em paz duradoura.

Seguindo esse esquema, Aníbal foi o melhor tático no campo de batalha. Ele é um forte candidato para tal honra. Como vimos anteriormente neste livro, seu triunfo em Canas, na qual realizou o movimento de pinça contra um inimigo em maior número, só foi repetido um milênio mais tarde por Khalid ibn al-Walid. Alexandre foi o mais notável mobilizador de forças humanas. Ele podia controlar uma quantidade ilimitada de dinheiro e homens e converter seu posto de celebridade numa massiva força devota. César, sobretudo, transferia suas vitórias à esfera de sucesso estratégico em longo prazo e fundou os alicerces do poder e estabilidade do Império Romano. Ele foi o santo padroeiro dos estadistas.

As lições deixadas para os generais atuais são muitas, mas talvez as mais palpáveis se derivem dos dois estágios finais da guerra: o proveito e saber quando parar. As principais batalhas do século XXI como derrubada do Talibã em 2002 e a invasão do Iraque pelos Estados Unidos em 2003 não serviram para mensurar a potencialidade das forças americanas. Eles, com seu grande poderio, passaram por cima do Talibã e dos iraquianos pouco equipados em questão de semanas. Além disso, os exércitos ocidentais não tinham problemas em organizar e financiar soldados para lutar nas mais distantes e inóspitas localizações da Terra.

De longe, a tarefa mais difícil é a de encontrar alguém que atue tanto militar quanto politicamente e seja capaz de converter um país devastado pela guerra cuja liderança foi destruída num Estado moderno. As dificuldades militares no Afeganistão pela última década e os impasses no Iraque servem de testemunho para a dificuldade que é de trazer um fim calmo para uma guerra violenta. Os bombardeios desencadeados pelos Estados Unidos na Líbia em 2011 ou a tão discutida intervenção na guerra civil da Síria em 2013 se traduzem pobremente numa moderada democracia constitucional com uma classe média

em desenvolvimento. Talvez seja isso o que se torne marcante em generais como David Petraeus, que assumiu o comando das tropas norte americanas no Iraque em 2007 durante o auge de sua insurreição, quando estava na beira de uma guerra civil total, e deixou pra trás um país estabilizado que, enquanto ainda empacado no caos, se tornou ao menos moderadamente funcional.

Talvez esse seja o maior legado que um general militar possa deixar - que ele não seja só um general, mas também diplomata. Angelo Codevilla da Universidade de Boston explicou que a diplomacia e a força militar são os dois meios para a formação do Estado. Uma campanha militar bem sucedida liderada por um bom tático com soldados bem treinados e um expressivo armamento à disposição pode criar realidades, que são representadas pela diplomacia. A guerra não é um fim por si mesma - exceto pelos masoquistas, que não são tratados a fundo neste livro - mas um meio pelo qual um líder conquista a sua paz desejada. É verdade que esta paz possa envolver massacres, escravidão e domínio pela força dos grupos dominadores; assim sendo, essa paz não é literalmente vivida como um todo. Um grande general entende que suas conquistas serão em vão caso o Estado que tenha deixado para trás se deteriore tão rápido quanto os exércitos inimigos que tenha dominado.

NA diplomacia, portanto, não se trata de boa fé mútua ou da busca de acordos. Nem tampouco sobre enganar ou mentir para um oponente, mas representar a realidade em palavras precisas e advertir o interlocutor, não o ameaçar. Em tais negociações, a diplomacia responde a questão "o que será de nós depois, e o que será deles depois?" Esta pergunta chega até o núcleo da civilização e revela seus maiores e mais valiosos valores. Estas negociações determinam que tipo de paz é buscado e que tipo de crenças diplomáticas o outro lado busca. Khalid ibn al-Walid, portanto, dispunha três opções aos inimigos conquistados: abandonar a cidade, converter-se ao Islã, ou pagar uma taxa para cada membro não muçulmano. Ele buscava construir toda uma ordem social islâmica que abria espaço às outras crenças, mas colocava o Islã no topo da pirâmide ideológica. Este era o mundo em que ele desejava viver, e se utilizava da diplomacia como meio para conquistar esse fim.

Sua ordem social existiu relativamente imperturbada por mais de 1.000 anos depois quando Napoleão invadiu o Egito e sinalizou o início da colonização europeia no Oriente Médio, o qual derrubaria a estrutura muçulmana, estabelecendo uma visão mais eurocêntrica. Como podem ser vistos, os limites estipulados para a vitória são os limites no comprometimento de cada lado pela paz. Quase ninguém luta até o último de seus homens ou tem total controle sobre os rendidos; até mesmo os mongóis se renderiam caso percebessem que o inimigo se propunha a poupar os cativos.

Talvez possamos até dizer que os maiores de todos os generais são aqueles que evitam o conflito armado de modo geral. Eles fazem o inimigo desistir da luta por medo antes mesmo de que o primeiro tiro seja dado ou chegam a uma solução política que faz a guerra desnecessária. Como Sun Tzu já dissera 2.500 anos atrás durante a destruição da Dinastia Zhou, nenhuma nação se beneficia a longo prazo de uma guerra:

"Derrotar o inimigo em cem batalhas não é a excelência suprema. A excelência suprema consiste em vencer o inimigo sem ser preciso lutar."

Fontes Recomendadas para Maiores Estudos



Se você se interessou em estudar mais a fundo a história dos grandes generais da história, eu recomendo que dê uma olhada no curso online *Masters of War: History's Greatest Strategic Thinkers*. uma série de 24 aulas apresentada por Andrew Wilson, professor de história do Colégio de Guerra Naval dos Estados Unidos. Esta lhe fornece uma visão mais ampla dos acontecimentos históricos e dos contextos em que se encaixam os maiores estrategistas de guerra no mundo, incluindo muitos daqueles listados aqui no livro e mais alguns não mencionados, como George Washington, George Marshall e Norman Schwarzkopf.

O curso também oferece uma análise rigorosa dos maiores estudantes de guerra da história e descreve suas incomparáveis conquistas estratégicas. A lista inclui a História da Guerra do Peloponeso de Tucídides, A Arte da Guerra de Sun Tzu, o desenvolvimento da estratégia naval e a ascensão do poder aéreo, teoria de conflitos modernos como a Operação Liberdade do Iraque, e desafios do século XXI como guerras nucleares e terrorismo. Através destas excelentes palestras que visam recriar o passado, você entenderá todo o espectro das estratégias militares utilizadas ao longo da história.

[CLIQUE AQUI PARA UMA PRÉVIA GRÁTIS DESTE CURSO](#)

Também por Michael Rank

The Crusades and the Soldiers of the Cross: The 10 Most Important Crusaders, From German Emperors to Charismatic Hermits, Child Armies, and Warrior Lepers

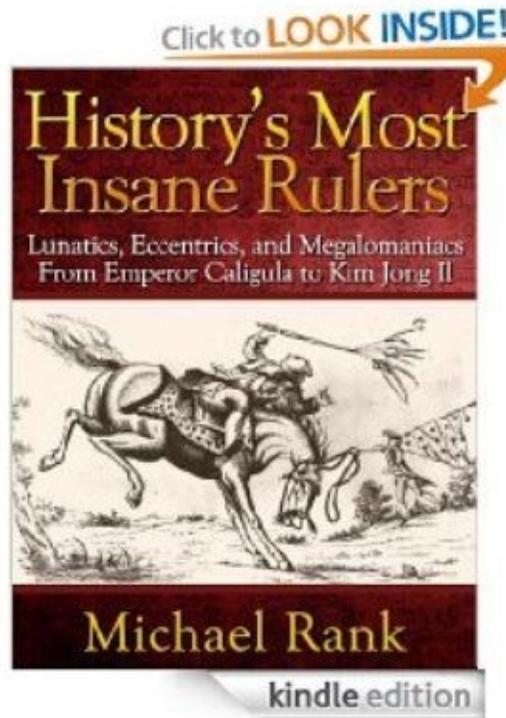
The Crusades and the Soldiers of the Cross

The 10 Most Important Crusaders, From German Emperors to Charismatic Hermits, Child Armies, and Warrior Lepers



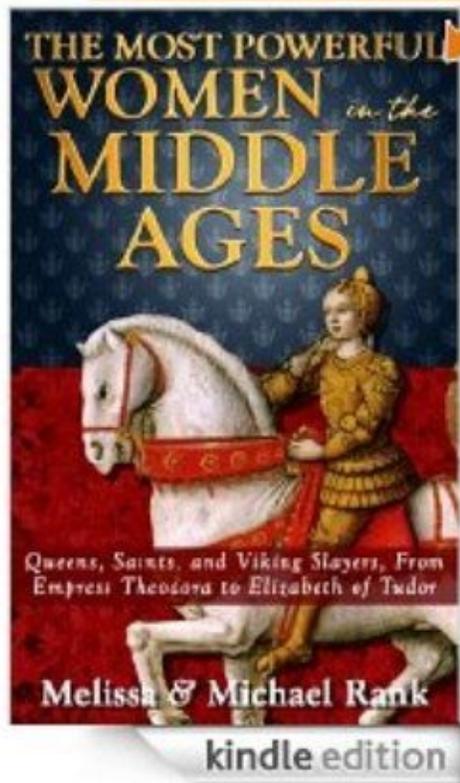
Michael Rank

Outros Trabalhos da Série de Livros Five Minutes



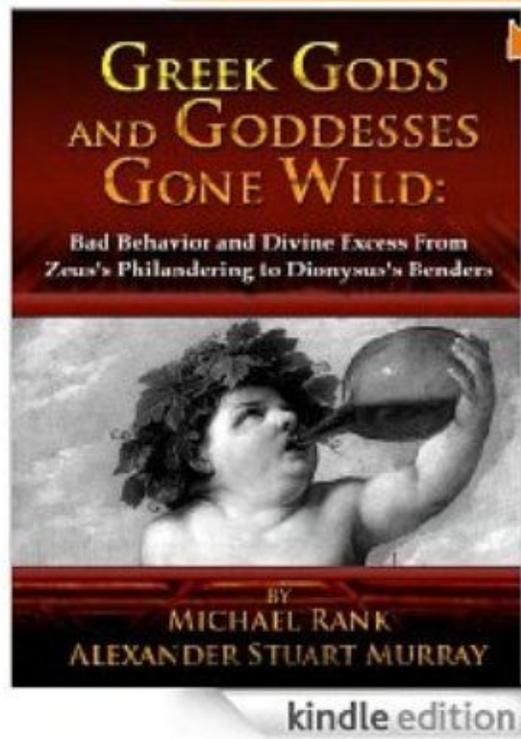
[History's Most Insane Rulers: Lunatics, Eccentrics, and Megalomaniacs
From Emperor Caligula to Kim Jong Il
por Michael Rank](#)

Click to **LOOK INSIDE!**

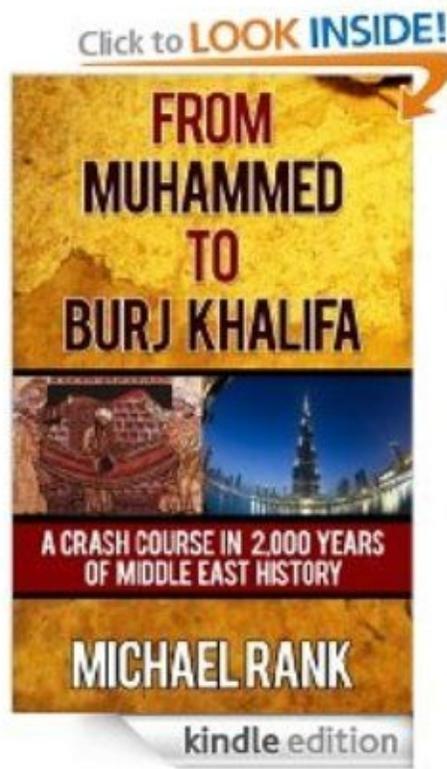


[The Most Powerful Women in the Middle Ages: Queens, Saints, and Viking Slayers: From Empress Theodora to Elizabeth of Tudor por Melissa e Michael Rank](#)

Click to **LOOK INSIDE!**

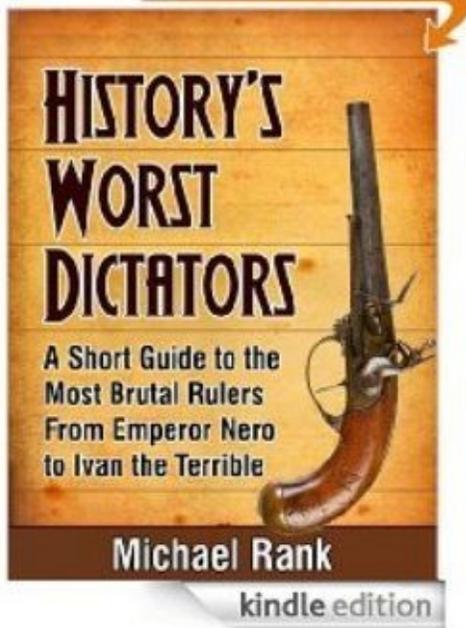


Greek Gods and Goddesses Gone Wild: Bad Behavior and Divine Excess
From Zeus's Philandering to Dionysus's Benders



[From Muhammad to Burj Khalifa:
A Crash Course in 2,000 Years of Middle East History
por Michael Rank](#)

Click to **LOOK INSIDE!**



[History's Worst Dictators: A Short Guide to the Most Brutal Rulers
From Emperor Nero to Ivan the Terrible
por Michael Rank](#)

Esteja conectado com Michael

Espero que você tenha gostado deste e-book e aprendido bastante sobre os governos dos mais insanos soberanos da história.

Você pode se conectar comigo na minha página <http://michaelrank.net>. Aqui você pode encontrar podcasts, postagens e outras coisas mais sobre história.

Sobre o autor

Michael Rank é doutorando em história do Oriente Médio. Ele já estudou turco, árabe, persa, armênio e francês e ainda consegue forçar um sotaque do centro-oeste se necessário. Também já trabalhou como jornalista em Istambul por quase uma década e escrevia sobre religião e direitos humanos.

É autor do best-seller número 1 da Amazon, escrevendo "From Muhammed to Burj Khalifa: A Crash Course in 2,000 Years of Middle East History," e "History's Worst Dictators: A Short Guide to the Most Brutal Leaders, From Emperor Nero to Ivan the Terrible."

Mais Uma Última Coisa

Se você gostou do livro, eu seria extremamente grato se você deixasse uma avaliação na Amazon. Seu retorno me permite melhorar tanto os projetos atuais quanto os futuros.

[Para deixar uma avaliação clique aqui para ser redirecionado à página do livro na Amazon.](#)

Obrigado novamente pelo seu apoio!

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação , mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com